This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

WIDENER
HN JRSZ K

BA.L 9060.3

Harvard College Library.

FROM THE

SALES FUND.

Established under the will of FRANCIS SALES, Instructor in Harvard College, 1816–1854. This will requires the income to be expended for books "in the Spanish language or for books illustrative of Spanish history and literature."

Received 6 May, 1897.

ER

A

CANTORA BRAZILEIRA

HYMNOS. CANÇÕES E LUNDUS

A VENDA NA MESMA LIVRARIA

ALVARES DE AZEVEDO.—Obras completas, 3 vol. in-8.° . . . . . 9$000
CASIMIRO DE ABREU.—Obras completas, 1 v. in-8° 3$000
GONÇALVES DIAS.— Poesias, 2 v. in-8.° br. 4$, enc. . . . . 6$000
JUNQUEIRA FREIRE.—Obras completas, 2 v. in-8° 6$000
GONZAGA.—Marilia de Dirceu, 2 v. in-8°. . . 6$000
BITTENCOURT SAMPAIO.—Flôres sylvestres, 1 v, in-8.° br. 2$, enc. . . . . 3$000
BRUNO SEABRA.—Flôres e fructos, 1 v. in-8.° br. 2$, enc. . . . . 3$000
LUCIO DE MENDONÇA.—Alvoradas, 1 v. in-8.° br. 2$, enc. . . . . 3$000
NORBERTO DE SOUZA SILVA.—Flôres entre espinhos, contos poeticos, 1 v. in-8.° . . . . . 2$000
JOAQUIM SERRA.—Quadros, poesias, 1 v. in-8.° br. 2$, enc. . . . . 3$000
SILVA ALVARENGA —Obras completas, 2 v. in-8.° 6$000
ALVARENGA PEIXOTO. — Obras completas, 1 v. in-8.° . . . . . 3$000
CASTILHO (J. F. de).— O outomno, collecção de poesias, 1 v. in-4.° br. 3$, enc. . . . . 4$000
CASTILHO (Julio de).—Primeiros versos, 1 v. in-8° br. 2$, enc. . . . . 3$000
BERNARDO GUIMARÃES.—Poesias, 1 v. in-4.° . 6$000
» —Novas poesias, 1 v. in-8° 3$000
GUIMARÃES JUNIOR. — Corymbos, poesias, 1 v. in-8.° br. . . . . 3$000
GUIMARÃES JUNIOR. — Nocturnos, poesias, 1 v. in-8.° br. 2$, enc. . . . . 3$000
MACHADO DE ASSIS.— Americanas, poesias, 1 v. in-8.° br. 2$, enc. . . . . 3$000
MACHADO DE ASSIS.—Chrysalidas, poesias, 1 v. in-8.° br. 2$, enc. . . . . 3$000
MACHADO DE ASSIS. — Phalenas, poesias, 1 v. in-8.° . . . . . 3$000
VARELLA. — Cantos do ermo e da cidade, 1 v. in-8.° . . . . . 3$000
ZALUAR.—Revelações, poesias, 1 v. in-4.° . . 5$000

NOVA
COLLECÇÃO
DE
HYMNOS, CANÇÕES E LUNDUS
TANTO AMOROSOS COMO SENTIMENTAES

precedidos

DE

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A MUSICA NO BRAZIL

III.

RIO DE JANEIRO
Vende-se na livraria de—B. L. GARNIER
65—RUA DO OUVIDOR—65

1878

~~IV.5168~~ ~~Port.8055.2~~
SAL 9060.3

MAY 6 1897
LIBRARY.

Sales fund

ADVERTENCIA

Tencionavamos dar neste terceiro tomo um trecho do illustrado Sr. M. de Araujo Porto Alegre, barão de Santo Angelo, sobre a musica no Brazil, mas baldados foram os esforços que fizemos para obter a obra em que foi publicado em 1836, isto é, Nictheroy, *Revista Braziliense*, imprensa em Paris.

Como temos fé que a presente edição se esgotará rapidamente completaremos a nossa tarefa em uma nova edição mais desenvolvida, e na qual procuraremos dar a auctoria de muitas composições que andam por ahi sem o nome de seus auctores.

Pedimos aqui a quem se interessar pelo complemento desta obrinha popular o obsequio de nos auxiliar com as suas notas e muitas composições que escaparam as nossas pesquizas e que entretanto fazem o encantos do povo deste vasto imperio.

Joaquim Norberto de Souza Silva?

J. N. de S. S.

HYMNOS

HYMNO CONSTITUCIONAL

POESIA DE EVARISTO DA VEIGA, MUSICA DE MARCOS PORTUGAL

Já podeis, filhos da patria,
Vêr contente a mãe gentil.
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brazil.

Brava gente brazileira,
Longe vá temor servil.
Ou ficar a patria livre.
Ou morrer pelo Brazil.

Os grilhões que nos forjava
Da perfidia astusto ardil,
Houve mão mais poderosa,
Zombou d'elles o Brazil.

Brava gente, etc.

O Real Herdeiro Augusto,
Conhecendo o engano vil,
Em despeito dos tyrannos,
Quiz ficar no seu Brazil.

Brava gente, etc.

Revoavão sombras tristes
Da cruel guerra civil,
Mas fugirão apressadas
Vendo o anjo do Brazil.

Brava gente, etc.

Mal soou na serra ao longe
Nosso grito varonil.
Nos immensos hombros logo
A cabeça ergue o Brazil.

Brava gente, etc.

Filhos, chama, caros filhos,
E' depois de affrontas mil
Que a vingar a negra injuria
Vem chamar-vos o Brazil

Brava gente, etc.

Não temais impias phalanges
Que apresentão face hostil
Vossos peitos, vossos braços,
São muralhas do Brazil.

Brava gente, etc.

Parabens, ó brazileiros,
Já com garbo juvenil
Do universo entre as nações
Resplandece a do Brazil.

Brava gente, etc.

Parabens, já somos livres.
Já brilhante e senhoril
Vai juntar-se em nossos lares
A assembléa do Brazil.

Brava gente, etc.

Mostra Pedro á vossa frente
Alma intrepida e viril,
Tendes n'elle o digno chefe
D'este imperio do Brazil.

Brava gente, etc.

16 de Agosto de 1822.

HYMNO

INDEPENDENCIA OU MORTE

Poesia de Evaristo da Veiga

Já da querida patria
Foi decidida a sorte,
E' do Brazil divisa
Independencia ou morte.

Temos por nós a Pedro,
Heróe prestante e forte,
Longe o receis fuja,
Independencia ou morte.

Quer Pedro, ó vis tyrannos,
Que negro plano aborte;
Queiramos nós com elle
Independencia ou morte.

Do throno e patria esteios,
O' filhos de Mavorte,
Dentre gravai dos peitos
Independencia ou morte.

Da guerra entre os horrores,
Vosso valor conforte
O grito da victoria
Independencia ou morte.

De nossos lares fuja
Feroz, hostil cohorte,
Ao lêr em nossos braços
Independencia ou morte.

Quem haverá que os ferros
Da escravidão supporte?
Ao vêl-os quem não clama:
Independencia ou morte.

No Prata, no Amazonas,
Do Sul resôa ao Norte
O grito, que retumba,
Independencia ou morte.

Os pais da patria venhão
Com venerando porte
Dar leis que têm por base
Independencia ou morte.

Recebão d'estes povos
Entre geral transporte
O sancto juramento
Independencia ou morte.

INDEPENDENCIA OU MORRER

HYMNO

Poesia de Evaristo da Veiga

Ouvi, o povos, o grito
Que vamos livres erguer,
O Brazil sacode o jugo,
Independencia ou morrer.

Leis que impostura dictava
Não mais devemos soffrer,
Ferros nunca, nem dourados,
Independencia ou morrer.

Congresso oppressor jurara
Nossos foros abater,
Em seu despeito juremos
Independencia ou morrer.

Um povo que quer ser livre
Livre por força ha de ser,
E' esta a lei das nações.
Independencia ou morrer.

Temos heroe que trabalha
Em nosso jus defender,
Longe fuja o servilismo.
Independencia ou morrer.

Unem-se força e direito
Para as cadeias romper,
Mão real as despedeça,
Independencia ou morrer.

Depois de tresentos annos
Livre o Brazil vai viver,
Deve a Pedro a liberdade,
Independencia ou morrer.

Da nossa gloria, ó regente,
Só tu penhor pódes ser,
Ou Pedro ou deixar a vida.
Independencia ou morrer.

O Brazil, do mundo inveja,
Não deve em ferros gemer,
E' tempo, sejamor livres,
Independencia ou morrer.

Abrasado em patrio zelo,
Sente-se o sangue ferver.
Resôa em todas as boccas
Independencia ou morrer.

Embora esquadrões armados
Ferros nos venhão trazer.
E' brazão das almas livres
Independencia ou morrer.

Os satellites do crime
O que nos podem fazer?
Juramos no altar da patria
Independencia ou morrer.

Os corações dos tyrannos
Hão de covardes tremer
Vendo escripto em fortes braços
Independencia ou morrer.

Nós escravos! ó vergonha!
Mais vale a vida perder,
Nossa patria tem por timbre
Independencia ou morrer.

Havemos entre as nações
Nossos direitos manter
Corra embora o sangue em rios,
Independencia ou morrer.

Vem, ó Brazil, os teus filhos
Hoje abraçar de prazer.
De ti são dignos seus votos.
Independencia ou morrer.

16 de Setembro de 1822.

HYMNO COMMEMORATIVO DA INDEPENDENCIA

POESIA DE J. NORBERTO, MUSICA DE F. M. DA SILVA

Creou Deus a nossa terra
Cheia de immensa riqueza,
Deu-lhe divina belleza
E um céo de pura luz!
E era pobre entre riquezas
Todo o povo brazileiro,
E soffreu em captiveiro
A linda terra da cruz!...

Livre nascida
Em a cabana
De seccas palmas
Americana,
Curva-se a patria
A' cruz, que santa
Sobre suas plagas
Cabral lhe planta.
Christã em ferros,
Eil-a a soffrer!
O' Deus a terra
Da cruz, que é tua
Vem soccorrer!

Eis um guerreiro apparece
E só com seu brado forte,
Desde o sul até o norte
Abate o genio oppressor;

Avante, nobre guerreiro,
Tens a fronte radiante,
E és de um povo inda infante
O futuro imperador.

Deixando o throno
Do decadente
Reino que outr'ora
Foi florescente,
Abraça a causa
Do grande imperio,
Honra do novo
Vasto hemisferio;
Gloria, ó guerreiro
Triumphador!
Saúda, ó patria,
O teu futuro
Imperador!

Lá se oppõe a tyrannia
Ao bem que o Brazil intenta:
Eis guerra triste, sangrenta
A patria alaga de dôr!
Porém o Brazil combate;
Trôa o bronze... a bala geme...
Córta a espada .. a terra freme...
Tudo é sangue!... Tudo horror!...

Mas é da patria
Certa a victoria,
Que lhe promette

Eterna gloria;
A sua causa
Protege o Eterno,
Que o despotismo
Prende no averno.
Tamanha guerra
Não temas, patria,
Tu vencerás;
Dos inimigos
Triumpharás.

O' patria, ó Brazil, exulta!
Exulta cheia de gloria!
Lá em signal da victoria
Ribomba bronzeo canhão!...
Desde o Prata ao Amazonas
Ondêa... tremula... impéra...
Emblema da primavera,
Auri-verde pavilhão!...

Brilha nos ares
O estandarte,
Que em paz impéra
Por toda a parte;
O canhão sôa,
Já de alegria,
Commemorando
O grande dia.
Em que a patria
Tudo alcançou
E para sempre

Da prepotencia
Livre ficou.

O' principe excelso, impéra
Com teu povo brazileiro:
Firma o pacto verdadeiro
Da mais sagrada união!
O' Brazil, tu serás grande,
Santa ventura te aguarda;
Para isso acata e guarda
A sacra constituição!

Juremos todos,
No patrio altar,
Fieis, constantes,
Sempre a guardar;
Penhor de paz
E felicidade,
Firme garante
De liberdade,
Suave laço
Da união,
Tem baluartes
Em nosso peito
E coração.

Fulge, ó sol! E' este o dia
Da suprema liberdade!
Entôai, ó mocidade,
Vossos hymnos de louvor!
Ondulai, pendões brazilios!

Trôai bronzes, em memoria
Do grande dia de gloria,
Que nos deu o Imperador !...

Braziliense,
Doce harmonia
Celebre a gloria
Do eterno dia,
Que enche de pasmo
O mundo inteiro,
E faz o orgulho
Do brazileiro.
Dia faustoso,
Dia sem par,
Eternamente
Nos céos da patria
Has de brilhar!

HYMNO MARCIAL

POESIA DE EVARISTO DA VEIGA

Valentes guerreiros
Que a fama buscais
E as armas alçais
A novo esplendor.

Mostremos ao mundo
Bravura, energia,
A patria confia
No nosso valor.

O' vós, que aos clamores
Da patria correstes
E nada temestes
No heroico fervor.

Mostremos, *etc.*

E vós que seguindo
As novas bandeiras,
Antigas fileiras
Deixastes sem dôr.

Mostremos etc.

Ouvi de Bellona
O grito, que entôa.
Ao longe já sôa
Da guerra o fragor.

Mostremos etc.

Se vive na fama
De heróes a memoria,
Salvou-os a gloria
Do tempo ao furor.

Mostremos etc.

Que horror nos combates
Que p'rigo no assalto,
Mas falla mais alto
O bellico ardor.

Mostremos, etc.

Os chefes zelosos
Nos vão excitando,
Marchai a seu mando
Sem susto ou temor.

Mostremos, etc.

Fiel disciplina
De Marte é divisa.
Seguir-se é preciso
A voz sup'rior.

Mostremos, etc.

A mão bemfeitora
De Pedro immortal
Quiz ser liberal
Em vosso favor.

Mostremos, etc.

Os seus beneficio
Nos peitos guardai,
E gratos lhe dai
Mil provas de amor.

Mostremos, etc.

Em vós o guerreiros,
A patria descança,
Da sua esperança
Vós sois o penhor.

Mostremos, etc.

Por vós não receia
Imigos alfanges,
Nem teme as phalanges
De injusto oppressor.

Mostremos, etc.

Da esposa e das filhas
Quem guarda o direito
Não teme o seu peito
Aos tiros expôr.

Mostremos, etc.

Corramos á gloria
Que assim nos convida
Mais vale que a vida
Da patria o lovor.

Mostremos, etc.

19 de Agosto de 1822.

HYMNO BRAZILIENSE

POESIA DE EVARISTO DA VEIGA

Parabens, ditosos filhos
Do brazilico hemisphério,
Vossa patria, novo imperio
Ergue a fronte sem temor.

Jura o povo brazileiro
Dar contento os bens e a vida
Pela patria tão querida,
Pelo grande imperador.

Os tyrannos intentavão
Lançar ferros ao Brazil
Mas um peito varonil
Lhes rebate o vão furor.

Jura o povo, etc.

Por mil leguas os limites
Este imperio ao longe estende,
Seus direitos lhe defende
Pedro o anjo protector.

Jura o povo, etc.

Pedro existe á nossa frente,
O triumpho está seguro :
E' da patria o forte muro
Seu denodo e seu valor.

Jura o povo, etc.

Já nação a par das outras
O Brazil assombra o mundo,
Ruge a inveja, e no profundo
Vai sumir a immensa dôr.

Jura o povo, etc.

Sábias leis espera o povo
Da brazilica assembléa
De cem luzes a rodeia
Brilhantissimo esplendor.

Jura o povo, etc.

Aos conselhos seus presida
Zelo ardente, sã prudencia,
Firmam nossa independencia
Contra as furias do aggressor.

Jura o povo, etc.

Vinde, ó povos, n'este dia
Contemplar a patria cara,
Seu destino lhe prepara
No universo o gráo maior.

Jura o povo, etc.

HYMNO DO BATALHÃO DO IMPERADOR

POESIA DE EVARISTO DA VEIGA

Hoje a patria é quem vos chama,
O valentes brazileiros,
E do ferro dos guerreiros
Vossos braços vem armar.

Bravos filhos de Mavorte.
Já no campo estais da gloria,
Vamos, vamos à victoria,
Combater e triumphar.

Do Brazil a mãi primeira,
Formosissima Bahia,
Da feroz aleivosia
Quer os vis grilhões quebrar,

Bravos filhos, etc.

Do Janeiro sobre as margens
Seus clamores escutastes,
Desde logo alli jurastes
Os seus muros libertar.

Bravos filhos, etc.

Eis da guerra o clarim sôa
E a triumphos mil nos chama,
Negra furia que rebrama
Não nos póde intimidar.

Bravos filhos, etc.

Lá nos tece a patria c'roas
Nossa patria, o grão Brazil,
Que sublime e senhoril
Vai dous mundos assombrar.

Bravos filhos, etc.

Lusas quinas enfiadas
Da soberba em vituperio
Vêm de novo augusto imperio
As estrellas fulgurar.

Bravos filhos, etc.

Pedro a nossa independencia
Sôbre base pôz segura,
As promessas da impostura
Não nos hão de fascinar.

Bravos filhos, etc.

Pedro firma o throno egregio
Em valentes, livres peitos,
Sua gloria illustres feitos
Deve a todos inspirar.

Bravos filhos, etc.

Appareça n'estes lares
Sacro-sancta liberdade:
O egoismo, a vil maldade,
A seus pés hão de expirar.

Bravos filhos, etc.

Já nos céos fuzilão raios,
Chega o dia de vingança,
O vislumbre da esperança
Vai nos monstros acabar.

Bravos filhos, etc.

HYMNO A' CONSTITUIÇÃO DO IMPERIO

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUSA E SILVA

Musica da patria o grito.

Viva a brazilia
Nobre nação!
Salve, ó divina
Constituição!...

Constituição, eis o dia
Que te consagra o Brazil
Por ti caminha ao progresso
Este povo varonil

Viva, etc.

Salve, ó carta soberana
Da brasilia liberdade,
Pacto de amor e concordia
Entre o povo e a magestade

Viva, etc.

A suprema liberdade
Co'o propria mão te escreveu
Sobre as azas prateadas
De um anjo vindo do cèo.

Viva, etc.

Lá sobra os Andes sentado
Em seu throno alabastrin
Coroam-lhe vinte estrellas
Com esplendor diamantino'

Viva, etc.

Seus pés, que algemas pizam,
Se dilatem d'ouro as zonas
Submissos se deslizam
Alvo Prata, aureo Amazonas.

Viva, etc.

Enorgulha-se o gigante
Esmero da natureza
Parabens, Brazil! O mundo
Pasma da tua grandeza!

Viva, etc.

HYMNO NICTEROYENSE

PARA SER CANTADO NO ANNIVERSARIO DA ADHESÃO NICTHEROYENSE A CAUSA DA INDEPENDENCIA NACIONAL

Poesia de J. Norberto de Sousa e Silva

Nictheroy! Eia, desperta.
Tu tens um dia de gloria,

Digno de eterna memoria
Nos annaes de uma nação.
Ah ! indolente não durmas
Sobre as flores destas plagas,
Ao sussurro destas vagas
Como em morta solidão.

Festivo canto
Celebre a gloria
Do dia digno
De alta memoria

Desperta ! Relembra a historia
Da sagrada independencia;
Memora a fera insolencia
Do valente general.
D. Pedro ante ti velava;
E teus filhos te guardavam,
Que anciosos esperavam
De combater o signal.

Festivo, etc.

Qual tormenta que vem vindo
E traz espesso negrume
E tolda do sol o lume
E derrama susto... horror...
Assim Avilez armado
Ante ti se apresentava
Seu estandarte ondulava
Entregue á morte e ao pavor!

Festivo, etc.

Mas parabens! Tu vencestes
Sem que sangue derramasse,
Sem que em sangue nodoasse
O teu mimoso torrão;
A tua attitude armada
Impoz silencio e respeito
Ao inimigo que affeito
Já era ao campo de acção.

Festivo, etc.

Ei-lo que lá se retira
Em as naus, soltando ao vento
As velas, que em salvamento
A' patria sua o conduz.
No teu limpido horizonte
Raia o sol da liberdade,
E esparge na immensidade
Divinal, eterna luz.

Festivo, etc.

E pois, croada de flores,
Cheia de orgulho e ufania
Memora este grande dia,
Oh faustosa Nictheroy!
Entoa alegre e festiva
Com a tua mocidade
Mil hymnos á liberdade,
Mil vivas ao grande heroe.

Festivo, etc.

O HYMNO DAS ARTES

POESIA DO BARÃO DE S. ANGELO, MUSICA DE F. M. DA SILVA

Aos olhos do artista
— A luz da harmonia,
A terna belleza
— Se abrio neste dia.

Do chão se levanta
— A argila grosseira,
E aos astros se eleva
— A grimpa altaneira.

Na rustica pedra
— O duro martello
Batendo, converte-a
— Na imagem do bello.

Na téla vazia
— Anima-se a historia,
Revive o passado,
— Duplica de gloria.

O genio é reflexo
— Da luz divinal,
Como ella divino,
— Como ella immortal.

HYMNO DAS ESCOLAS DE INSTRUCÇÃO PRIMARIA

POESIA DE J. NORBERTO, MUSICA DE MOREIRA.

Fluminenses! Estudemos,
Estudemos noite e dia
Com ardor e ufania,
Para a nossa illustração.

Quem mais entre nós estuda
Mostra mais emulação,
Tem mais jús dos seus patricios
A' santa veneração.

Estudemos sempre honrando
A' suprema Divindade,
A' brasilia Liberdade,
A' patria Constituição.

Quem mais, etc.

O céo nos dá o talento
Ao céo pois o suppliquemos
Porém a Patria louvemos
Que nos dá prima instrucção.

Quem mais, etc.

Avante!.. Em porvir remoto
Talvez brilhe nossa fama,
Que a Patria de nós reclama
Honra, gloria e illustração.

Quem mais, etc.

CANÇÕES

CANÇÃO DA VIVANDEIRA

MUSICA DE J. S. ARVELLOS

Ai! que vida que passa na terra
Quem não ouve o rufar do tambor,
Quem não canta na força da guerra
Ai amôr, ai amôr, ai amôr.
Quem a vida quizer verdadeira
E' fazer-se uma vez vivandeira.

Só na guerra se matão saudades
Só na guerra se sente o viver,
Só na guerra se acabão vaidades
Só na guerra não custa a morrer.
Ai que vida, que vida, que vida,
Ai que sorte tão bem escolhida.

Ai que vida que passa na guerra
Quem pequena na guerra viveu,
Quem sózinha passando na terra
Nem o pai, nem a mãi conheceu.

Quem a vida quizer verdadeira
E' fazer-se uma vez vivandeira.

Ai que vida esta vida qu'eu passo
Com tão lindo gentil mocetão,
Si eu depois da batalha o abraço
Ai que vida p'ra meu coração.

Que ternura cantando ao tambor
Ai amôr, ai amôr, ai amôr.

Que harmonia não tem a metralha
Derrubando fileiras sem fim,
E depois, só depois da batalha
Vê-lo salvo, cantando-me assim:

Entre as marchas fazendo trincheira
Mais te amo gentil vivandeira.

Não me assustão trabalhos da lida
Nem as ballas me fazem chorar,
Ai que vida, que vida, que vida.
Esta vida passada a cantar.

Qu'eu lá sinto no campo o tambor
A fallar-me meiguices de amôr.

Mas deixemos os cantos sentidos
Estes cantos do meu coração,
E prestemos attentos ouvidos
Ao laplão, rataplão, rataplão.

Ao laplão, rataplão que o tambor
Vai cadente fallando de amôr.

A VARIANTE

(DA POESIA PROCEDENTE)

Ai que vida, esta vida que passo
Com tão lindo, e gentil mocetão,
Ao depois da batalha um abraço...
Ai que vida p'ra meu coração.

Ai que vida que passa na terra
Quem não ouve rufar o tambor ;
Quem não canta na força da guerra
Ai amôr, ai amôr, ai amôr.

Que harmonia não tem a metralha
Derrubando fileiras sem fim!
Ao depois, só depois da batalha
E' que vejo meu bem junto a mim.

Ai que vida, etc.

Não me assustão trabalhos da vida,
Nem as ballas me fazem chorar;
Ai que vida, ai que vida; ai que vida,
Esta vida se passa a cantar !

Ai que vida, etc.

Só na guerra se matão saudades,
Só na guerra se sente o viver,
Só na guerra se acabão vaidades
Só na guerra não custa a morrer.

Ai que vida, etc.

Nós deixamos os cantos sentidos,
Esses cantos do meu coração;
Mas prestamos attentos ouvidos
Ram tam plam, ram tam plam, ram tam plam.

Ai que vida, etc.

Ai que vida que passa na guerra
Quem na magoa em pequena viveu!
Quem sósinha passando na terra
Nunca pai, nunca mài conheceu!

Ai que vida, etc.

CANÇÃO DO ARTISTA.

POESIA DE A. J DE SOUZA, MUSICA DE A. L. MOURA

Curvado em luta constante
Da vida c'o as incertezas,
Geme o artista infeliz
Da sorte soffre as cruezas.

Chorando—coitado!
Da sorte ao rigor:
Seus bens são o pranto
Seus gozos—a dôr.

Apenas desponta o dia
Corre veloz ao trabalho,
A noite longa já vai
Não busca doce agasalho.

Chorando, etc.

Quando quebradas as forças
Dorido quer repousar,
Cuidados mil que o anceião
Seu somno vem perturbar.

Chorando, etc.

Vê a esposa, os filhinhos
A's vezes faltos de pão,

Sem meios p'ra adquiril-o
Fugir-lhe sente a razão.

Chorando, etc.

No leito da dôr—ás vezes
De tudo vê-se privado,
Qu'em vão procura o artista
Mudar o rigor do fado.

Chorando, etc.

Estranho vive—coitado!
Do mundo aos gozos mesquinhos,
O pobre artista por bens
Só tem corôas d'espinhos.

Chorando, etc.

Ate que em campa esquecida
Das lides acha o repouso,
Soffreu do mundo os desprezos
As dôres teve por gozo.

Não mais do destino
Tem nada a temer,
O artista repousa
Sómente ao morrer.

CANÇÃO DO CEGO

Deixem passar o mendigo
Quem a vista não perdeu:
Só me póde dar esmolas
Quem fôr cego como eu.

Ah! não deixes qu'eu me perca
N'esta immensa escuridão...
Oh! anjo que me cegaste,
Vem ao menos dar-me a mão!

Pensão que vejo, e não vejo,
Eu sinto que cego estou,
Do que servem os olhos,
Se a minha luz se apagou.

Ah! não deixes, etc.

Já tive medo da morte,
Agora tenho da vida;
Sinto minh'alma abatida,
Sem vigor o coração.

Ah! não deixes, etc.

Já cançado de soffrer,
Para a morte os olhos lanço;
Vejo nella o meu descanço,
A minha consolação.

Ah! não deixes, etc.

Ao avistar-te, meu anjo,
A luz divina senti;
Mas ao perder-te de vista
A luz dos olhos perdi.

Ah! não deixes, etc.

Se eu cahir dá-me teus braços,
Ampara-me, anjo de Deus;
Talvez recupere a vista
Cahindo nos braços teus!

Ah! não deixes, etc.

CANÇÃO DO BERÇO

O ACALENTAR

(*Poesia de D. Maria Thereza de Souza Silva, musica de ?...*)

E' hora! O sol escondeu-se,
Já não cantam passarinhos,
Mas repousam nos seus ninhos
Que fabricam em tanto amor!

Vem dormir pois, minha filha,
Até quando dia fôr!

Sobre o hombro meu reclina
Esse semblante innocente,
Cerra os olhos docemente,
Goza do somno o langor!

Dorme, dorme, minha filha,
Até quando dia fôr!

Dorme! E a fada dos sonhos
Com teus encantos te afague!
Dorme! E a illusão te embriague,
Que da vida estás no albor!

Dorme, dorme, minha filha,
Até quando dia fôr!

Amanhã, em o sol nascendo,
Amanhã, em aves trinando,
Tu despertarás gozando
Maternaes mimos de amor!

Dorme pois, oh minha filha,
Até quando dia fôr!

CANÇÃO DO VOLUNTARIO

POESIA DE ED. VILLAS-BOAS, MUSICA DE F. A. DA ROCHA

Eis o campo de todo coberto
De barracas soldados sem fim,
D'entre elles meu peito é deserto
Que saudade não soffro, ai de mim!

Lembro a patria, onde distante,
Esposa e filhos deixei:
Desta guerra, onde ando errante,
Sabe Deus se voltarei!

De manhã mal assoma a alvorada
Rufão caixas resôão clarins;
E a tropa já toda formada
P'ra revista diurna, ai de mim!

Lembro a patria, etc.

Que perigos que temos no campo,
Que de vis emboscadas sem fim...
Quasi nelle, meu Deus, não acampo
Que a metralha não cessa ai de mim!

Lembro a patria, etc.

Quem me déra já finda esta guerra
Pr'a não 'starmos parados assim,

Ou morrera, ou voltava pr'a terra
Donde vim voluntario—ai de mim!

Lembro a patria, etc.

O ANJO DA SAUDADE

CANÇÃO DOS MARTYRES DA PATRIA, POESIA DE [illegible] DE SAMPAIO, MUSICA DE CABRAL

Neste chão dos desenganos
Entre o pranto a dôr morreu,
O silencio sobre as campas
Seu denso crepe estendeu.

Aqui só ha um passado:
Triste noite sem aurora,
E ao pé da cruz debruçada
Afflicta a saudade chora.

Côro

Mas não chorão combatentes
Da patria filhos ardentes.

Avante, ó bravos,
Filhos da gloria,
Para a victoria
Marchai contentes;

Vingai affrontas
De vis sicarios
Sois voluntarios,
Eia, ao combate.

Tantos sonhos cerceados
Nas flores da mocidade!
Tanta esperança cahida
No abysmo da eternidade.

O irmão, a mãi, a esposa,
Os amigos dedicados;
Nas campas dos voluntarios,
Resão nenias de finados!

Côro

Inda sonhão combatentes
Da patria filhos ardentes.

CANÇÃO DO MARINHEIRO

Triste vida é a do marujo,
Qual dellas a mais cançada,
Por amor á vil soldada
Passa tormentos (*bis*),
Don, don.

Andar ás chuvas e aos ventos
Quer no verão, quer no inverno,
Que parece o proprio inferno
Co'as tempestades (*bis*)
Don, don.

As nossas necessidades
Nos obrigão a navegar,
A passar tempos no mar
Em aguaceiros; (*bis*)
Don, don.

Passão-se dias inteiros
Sem se poder cosinhar,
Nem tão pouco mal assar
Nova comida, (*bis*)
Don, don.

Arrenego eu d'esta vida
Que nos dá tanta canseira;
Sem a nossa bebedeira
Não, não passamos (*bis*)
Don, don.

Quando descansados estamos
No rancho a socegar,
Então ouvimos gritar:
Oh! leva árriba (*bis*)
Don, don.

CANTIGAS PARA A MESA

A BACCHO E A AMOR

(*Poesia de José Bonifacio, o velho, musica de ? ..*)

Em brodio festivo
Mil copos retinam,
Que a nós não nos minão
Remorsos crueis.
Em jubilo vivo
Juremos constantes
De ser, como d'antes
A patria fieis.

A Baccho brindemos,
Brindemos a amor;
Embora aos corcundas
Se dobre o furor.

Consocios amados,
Se a patria affligida
Por nós clama e lida,
Pois longe nos vê;
Jámais humilhados
Ao vil despotismo,
No seio do abysmo
Fiquemos em pé.

A Baccho brindemos, etc.

Gritemos unidos
Em santa amizade:
« Salve, ó liberdade!
« E viva o Brazil! »
Sim, cessem gemidos,
Que a patria adorada
Veremos vingada
Do bando servil.

A Baccho brindemos, etc.

A não combatida
Da tormenta dura
Furores atura
Do rabido mar:
Já quasi sumida,
Resurge, e boiando
Lá vai velejando,
Sem mais soçobrar!

A Baccho brindemos, etc.

Bem prestes, amigos,
Vereis vossos lares;
Tão tristes azares
Jámais voltarão.
Os vis inimigos
Só colhem vergonha;
E negra peçonha
Distillão em vão.

A Baccho brindemos, etc.

Se a patria nos ama,
Amal-a sabemos ;
Por ella estivemos
O sangue a verter.
Se a patria nos chama
Iremos contentes
Com peitos ardentes
Por ella morrer.

A Baccho brindemos, etc.

Patricios honrados
Aos ternos meus braços
Em mutuos abraços
A unir-vos correi.
C'os copos alçados
De novo juremos,
Que amigos seremos...
Já bebo, e bebei.

A Baccho brindemos, etc.

A Venus fagueira,
A Baccho risonho,
Ninguem, por bisonho,
Se esqueça brindar :
Moafa ligeira
Tomemos agora ;
Amigos, vão fóra
Tristeza e pezar.

A Baccho brindemos, etc.

O PONCHE DE CAJU'

POESIA DE NATIVIDADE SALDANHA

Do loiro cajú,
Analia, bebamos
O ponche gostoso
Que aviva o prazer;
Mais grato que a ambrosia
Que jove no Olympo
Se apraz de beber.

Oh como é formoso
O pomo suave
Ao cheiro, ao podar!
Si pomos tão bellos
Atlanta gozára
Os d'oiro deixando
Nem quizera vel-os.

Triumphe Alexandre
No roxo oriente,
Que Baccho domou:
Deixal-o vencer;
Analia, eu só quero
O ponche agridoce
Contigo beber.

LUNDUS

CHUCHAR NO DEDO

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Ai de mim que amor me manda
Soffrer seu cruel brinquedo
Aos outros faz doces mimos
E cá eu chucho no dedo.

Pobre de mim,
Ai coitadinho!
Fico chuchando
No meu dedinho.

Todos os mais que amor servem
Tem seu premio, ou tarde ou cedo;
Gostão das suas doçuras
E cá eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Hei de me poupar amando
Ir servindo sempre a medo,
Porque os outros lambem tudo
E cá eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Tomára ser venturoso
Ao menos em arremedo;
Porque os outros andão fartos
E cá eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Amor o inquieto amor
Nunca mais póde estar quedo ;
Mas aos outros accommoda
E cá eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Quem vir qu'eu já fujo a amor
E que de amor já me arredo ;
E' que trata bem a todos
E cá eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Ando de amor esfaimado
Já o digo sem segredo ;
Que dá aos outros ração
E cá eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Adeus eu me vou embora,
Atè um dia bem cedo ;
Ficai-vos de amor fartando
E cá eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Não quero de amor fallar
Porque de amor tenho medo ;
Poz-me o seu dedo na boca
E cá eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

E ENTÃO ?

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Alzira formosa,
Desgraça foi ver-te,
Seguio-se o render-te
O meu coração.

Amor de render-me
Achou o motivo,
Eu já sou cativo,
Eu amo ; e então ?
Então?

Ao ver os teus olhos
Tão vivos, e bellos,

Eu tenho de vêllos
Maior ambição.

Por mais que eu os veja
Não farto a vontade;
Eu tenho saudade;
Eu amo; e então?
Então?

Se a outrem voltada
Tu fazes carinhos,
Ciumes daninhos
Ferindo-me estão:

Mais triste me sinto
Do que se presume;
Já tenho ciume;
Eu amo; e então?
Então?

A's vezes eu finjo
Os bens que eu mais quero;
Fingindo eu espero,
Que os bens chegarão.

Vendo a tempestade
Espero a bonança;
Já tenho esperança,
Eu amo; e então?
Então?

Eu sinto nesta alma
Uma cousa nova,
Não tinha inda prova
Da doce paixão.

Do que outros dizião
Eu provo a verdade,
Isto é novidade,
Eu amo : e então?
Então?

CONSELHO AOS HOMENS

Amar a moça formosa
E' muito bom, é gostoso,
Emquanto ella nos tributa
Amôr sincero extremoso.

Mas se ella nos finge
O que a alma não sente,
Se de outro os carinhos
Afaga e consente...

Então é tolice
Ser d'ella amador
Então meus amigos
Fujamos de amôr.

Amar a moça que é feia
A's vezes tambem é bom,
Se ella tem alguma graça,
Se é rica ou de grande tom!

Mas se ella sem graça
Seu corpo atavia,
Se é pobre e ser tola
Em tudo annuncia.

Então é, etc.

Amar a moça faceira
As vezes tem cabimento,
Se no olhar, se no sorriso
Revela discernimento.

Mas se ella é louquinha
No riso no olhar,
Se a todos namora
Para vêl-as penar...

Então é, etc.

Amar a moça que é fria,
Nem sempre é um grande mal,
Se c'o a preza repelle
Os planos d'audaz rival.

Mas se ella sem alma
O amôr desconhece,

Se nossos protestos
Despreza ou esquece...

Então é, etc.

Amar a moça da côrte
E' quasi sempre o melhor,
Se ella é modesta e poupada,
E é constante ao amôr.

Mas se ella só vive
Para festas gozar,
Se a moda idolatra
E só sabe gastar...

Então é, etc.

Amar a moça da roça
As vezes é preferivel,
Se não é afidalgada,
E tem um'alma sensivel.

Mas se ella orgulhosa
De seus cafesaes,
Os pobres despreza
E os julga animaes...

Então è, etc.

Amar a moça instruida
Nos póde fazer feliz
Se a seu espirito illustrado
O proceder não desdiz.

Mas se ella illudida
Por falsos principios,
Nos cega e conduz
A mil precipicios....

Então é, etc.

Amar a moça simploria
E' boa cousa talvez,
Se ella tem alguns instantes
De amorosa lucidez.

Mas se ella em su'alma
Affectos não tem,
E até não destingue
O mal nem o bem...

Então é, etc.

MUITO A MINH'ALMA SOFFREU

POESIA DE OLIVEIRA E MELLO

Amei de uma bella os olhos,
Uns olhos da côr do céo;
Por causa desses olhinhos
Muito a minha alma soffreu.

Feitiço, escuta
Olha teu dêngue,

Não mais me chames
Cachergnguéngue.

Tenho visto olhares ternos,
Porem nenhum como o seu;
Por causa desses olhares
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, etc.

Dei-lhe um mimo feito d'ouro,
Um formoso camapheu;
Porem antes delle aceitar
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, etc.

Quando fallei-lhe em amôr.
Toda ella estremeceu,
Ao vel-a tremula de susto
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, etc.

Tomei-lhe as mãos sem pedil-as,
Uni-as ao peito meu,
Mas ao sentil-a raivosa
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, etc.

Meus carinhos, meus affectos,
Tudo ella aborreceu;

Dessa ingrata que mentiu-me
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, etc.

Esse anjinho tão formoso,
Nunca o amor concebeu,
Todo o tempo qne adorei-a
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, etc.

OUVIR, VÊR E CALAR!

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA.

A minha cruel Nerina
Não me quer amôr pagar,
Quer que eu posso assim soffrido
Ouvir e vêr e calar.

Quer só ella livramente
Com os outros conversar.
E qu'eu esteja do outro lado
A ouvir vêr e calar.

Hade a seu sabor Nerina
Suas acções regular,
Hei de eu inda que me offenda
Ouvir e vêr e calar.

Desarrezoados zellos
Hão de faze-la ralhar,
Eu ainda que rebente
Ouvir e vêr e calar.

Ha de fugir do meu lado
Ir-se ao dos outros sentar,
E hei de ficar mui quieto
A ouvir e vêr e calar.

Ha de pelo braço d'outrem
Ir vaidosa passear,
E eu sem dar o braço a alguma
Ouvir e vêr e calar.

Quem me empresta soffrimento
Para a seu gosto empregar,
Já não tenho paciencia
De ouvir e vêr e calar.

AIS DE AMOR

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Amor, ai amor eu morro;
Eu não posso viver mais:
Vão-me consumindo a vida
Os meus repetidos ais:

Amor basta, basta,
Não me firas mais;
Se meus ais desejas,
Aqui tens meus ais.

A minha ingrata despreza,
Da minha dor os sinais
Meus ais lhe dizem que eu amo
Ella não ouve meus ais:

Amor, etc.

A minha paixão occulto
Com medo dos meus rivaès;
E solto por desafogo
Medrosos afflictos ais:

Amor, etc.

Por mais que busco em seu rosto
Da compaixão os sinais;
Nem se turba, nem se inclina
Ao triste som dos meus ais:

Amor. etc.

Olhos crueis, porém lindos,
Que os meus olhos cativais;
Recebei o meu tributo,
O meu tributo são ais:

Amor. etc.

Quando por minha desdita,
Em outros vos empregais;
Corre dos meus triste pranto,
Voão do peito meus ais:

Amor, etc.

Se de ver-me padecer;
Olhos crueis vós gostais;
Unindo-me a vosso gosto,
Darei por gosto meus ais:

Amor, etc.

Ah! poupai-me, olhos crueis,
Que a minha vida gastais;
Eu a sinto pouco a pouco
Desfazer-se nos meus ais:

Amor, etc.

Se por soberba crueis
Teimosos me maltratais;
Póde amor ainda um dia
Vingar desprezados ais:

Amor, etc.

Basta cruel não me queixo,
Não quero, affligir-me mais;
Irei para muito longe
Esconder meus tristes ais:

Amor, etc.

ZABUMBA

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Amor ajustou com Marte
Vãos Mancebos alistar,
Um lhes dá trabalho honroso,
Outro os faz rir e zombar:

Tan, tan, tan, tan, tan, Zabumba
Bella vida Militar;
Defender a Lei e a Patria
E depois, rir e folgar.

Toca Marte a Generala,
Vai as armas aprestar;
Amor tem prazeres doces,
Com que os males temperar:

Tan, etc.

Oiço o rufo dos tambores,
Já d'ali toca a marchar;
Os adeozes são apreça,
Não ha tempo de esperar;

Tan, etc.

Vai passando o regimento
E as meninas a assenar;
Vão as armas perfiladas,
Mal se póde a furto olhar:

Tan, etc.

A mochila, que vai fôfa
Pouco leva que pezar ;
Pouco pão, e pouca roupa
Mas saudades o fartar ;

Tan, etc.

A cidade que é de Lona
Vejo apreça levantar;
Poem-se as armas em sarilho
Vai a tropa descançar

Tan, etc.

Vigilantes sentinellas
Vejo alerta passear ;
Quem vem lá ! Quem vai! faç'alto
Sompre *alerta* ouço gritar

Tan, etc.

Vejo alegres camaradas
Os baralhos apromptar ;
Parão, topão, sujo cobre
A perder, ou a ganhar

Tan, etc.

Da-se um beijo na borracha,
Lá vão brindes a virar;
E co'a publica saude
Vai tenção particular :

Tan, etc.

Vem quartilho, vai Canada
Toca emfim a emborrachar;
A cabeça bambaleia,
Ali ouço resonar:

Tan, etc.

Corre o que vigia o campo
Vem perigo annunciar;
Peg'as armas, peg'as armas,
Dobra a marcha, e avançar:

Tan, etc.

Uma brigada em columnas
Marcha a outra a obliquar,
Os contrarios fazem cara
Toca o morrer, e a matar:

Tan, etc.

Ja fuzilia a artilharia
Sinto as ballas sibilar;
Nuvens já d'espesso fumo
Vão a luz do sol turbar:

Tan, etc.

Oiço o bum, bum bum das peças
Vejo espadas lampejar;
Lá vão pernas, lá vão braços,
Lá cabeças pelo ar:

Tan, etc.

A batalha esta ganhada
Vão o campo saquear;
Vem bandeiras arrastando
Toca emfim a retirar:

Tan, etc.

Venha a nós, viva quem vence
Quem morreu deixal-o estar:
E da patria no regaço
Os heroes vem descançar

Tan, etc.

Os que salvão da peleija
Vem a amor as graças dar;
E em signal de sua gloria
Juntão flores ao cocar:

Tan, etc.

Os olhos, que virão tristes
Vem agora consolar;
A saudade se esvoaça,
Torne a pósse ao seu lugar:

Tan, etc.

Vem familia, vem vizinhos
Boa vinda festejar;
E da boca gloriosa
Grandes couzas escutar:

Tan, etc.

Déspe a veste, mostra o peito;
Quer sizuras procurar;
Mas o tempo sarou tudo,
Nem signal se póde achar:
Tan, etc.

Que affrontou sempre os perigos
Gentil dama hade escutar;
S'estimou guardar a vida,
E' só para lh'a entregar:
Tan, etc.

Um merecimento novo
Tem de novo a apresentar,
Vem mais rico de esperanças,
Tem despachos que esperar:
Tan, etc.

Hade ter a fita verde
De uma ordem militar;
Soldo em dôbro por trez mezes
Que a senhora hade gastar:
Tan, etc.

Não creias meninas nestes,
Não é certo o seu amar;
Costumados sempre a marcha
Até amão a marchar:
Tan, etc.

TENHO MEDO DO PAPÃO!

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Amor nasce pequenino
Faz-se logo tamanhão...
Tamanho que mette medo...
Tenho medo do papão

Traz n'uma mão o seu arco,
As setas na outra mão;
Tenho medo que me fira...
Tenho medo do papão.

Põe nos olhos certo engodo,
E na voz certa attracção;
Assim prende a pobre gente...
Tenho medo do papão.

Inda me lembra algum dia
Que arrastei o seu grilhão;
Os signaes inda me dóem...
Tenho medo do papão.

Amor faz-se rouxinol,
Canta e papa coração;
Não quero que o meu me pape...
Tenho medo do papão,

A CORDA SENSIVEL

POESIA TRADUZIDA POR PAULA BRITO

Ao Deus de amor nada é impossivel,
E delle tudo se deve esperar,
Que das mulheres a corda sensivel
Ou tarde ou cedo se faz vibrar.

Toda a loureira é accessivel
Mas sempre áquelles que lhe pódem dar :
Dellas é fraca corda sensivel
Carro, vestido, brinco ou collar.

E' a burgueza mais susceptivel
Certa reserva quer ostentar ;
Porém vibrada a corda sensivel
Assim se deixa tambem levar.

Diz-se a fidalga sempre inflexivel
Lições de orgulho buscando dar
Mas a dourada corda sensivel
Do simples dedo céde a tocar.

A bailarina é combustivel
Que o peito em chammas faz abrazar ;
São della a extrema corda sensivel
Carro ou almoço, ceia ou jantar.

Bella criada, se disponivel
Do joven amo se julga estar ;

Toca-lhe a bella corda sensivel
O que, brincando, lhe querem dar.

Moça beata, que um impossivel
Fôra das preces a separar,
Se alguem lhe vibra a corda sensivel
Nem mais da igreja se quer lembrar.

Pura innocencia é que é temivel
Fazer de amor, no jogo entrar;
Pois da intacta corda sensivel
Todos ignorão onde o lugar.

Comtudo á sorte nada é impossivel,
E de amor tudo se deve esperar;
Que das mulheres a corda sensivel
Ou tarde ou cedo se faz vibrar.

AONDE VAE, SR. PEREIRA DE MORAES

(LUNDU')

Aonde vae, Sr. Pereira de Moraes?
Se você vai não vem cá mais:
As mulatinhas só dando ais,
Fallando baixo pr'a metter palavriaes;
Mettendo o pente para abrir a liberdade;
Fazendo figas aos demonios das rivaes;

Saias na gomma p'ra os recheios e fafãs,
Se você vae não vem cá mais.

Mulatinhas falladeiras,
Renegadas do diabo,
Me roubarão meu dinheiro
Me deixarão esmolambado.

Ora meu Deus,
Ora meu Deus;
Qu'estas mulatinhas
São peccados meus.

O CAPITÃO MATA MOUROS

Aqui venho meus senhores
Certo de vossas bondades,
Contar-vos mil novidades
De meu posto altos penhores.
Ficai sendo sabedores
Do que é este capitão,
Amoroso e valentão
Como ninguem póde ser;
Emfim para tudo dizer
Ronque lá o rabecão.

No joguinho do bilhar
Sou fallado em todo o mundo,
Porque o sei tanto ao fundo
Que a dormir o vou jogar;

Eu posso carambolar
Em cem bolas de uma vez,
Posso formar um xadrez
Na volta da carambola,
Formo emfim uma gaiola
Como ninguem nunca o fez.

Sou sublime na caçada
Pois mato aráras á croque,
Mato lobos, a bodoque,
Gafanhotos á estocada
E camellos a pedrada;
Quando me dá cá na veia
Com um punhado de areia,
Mato méros e robalos
E até com estes estalos
Já pesquei uma baleia.

Eu já tive por bastão
O tronco d'uma mangueira,
Já tive por cabelleira
Enchimento de colchão;
Por ter firme o coração
E ser no amor muito affeito
A uma dama de geito
Com paixão como não vi
Dez annos eu trouxe aqui...
Como alfinete de peito.

Tudo quanto tenho exposto
Passará por caçoada,

Assim não direi mais nada
Para não vos dar desgosto;
Vou cumprir deste meu posto
O que nelle muito abunda,
Com figura tão jocunda
Não me posso demorar.
Pois vou patrulhas rondar
Da Armação ao Quebrabunda.

ARRE LA' NÃO ME AMOFINE

Arre lá, não me amofine
Com tamanha impertinencia;
Não goza mais meu amor,
Tenha santa paciencia.

Eu gosto de quem não tem
Coração p'ra muita gente,
Gosto de quem quando falla
Não é fingida, não mente.

Não avive estes olhinhos
Para ver se me captiva;
Uma vez já me enganou?
Pois sem mim agora viva.

Eu gosto, etc.

Se você não me queria
Me dissesse á vez primeira:

Agora—não tem café,
Não caio na ratoeira.

Eu gosto, etc.

Suppunha talvez você
Que um bôbo como eu achasse?
Se me amava e me queria
Sorrindo não m'enganasse.

Eu gosto, etc.

A LAVADEIRA

PARODIA

A senhora Josephina,
Lavadeira improvisada,
Por ser muito preguiçosa
Nunca deve ser lembrada.

Lavadeira sem asseio,
Traz-me a roupa mal lavada,
Encontro sempre uma peça
Sem coser, esfrangalhada.

Com ella, nunca andei bem,
Ao contrario mui zangado;
Por não me córar a roupa
E ir ver o namorado.

Lava a roupa mal lavada,
Sempre faltando botões,
Chuchando-me em cada peça
Um *bond* de dous tostões.

Quiz um dia exp'rimentar
Porque era descuidada,
Sempre trazia-me a roupa
Muito mal ensaboada.

E' lavadeira imperfeita,
Que, para poupar sabão,
Bate-me a roupa a cacete
Como se fosse um surrão.

Afinal me declarou
Que amor não me votava,
E que só de seus amantes
Suas roupas bem lavava.

E' lavadeira imperfeita,
Lava a roupa mal lavada,
Muito incerta pelo rol,
Mal cirzida e ponteada.

A LAVADEIRA

MUSICA DE ALMEIDA CUNHA

A senhora Josephina,
Lavadeira empavonada,
Por ser muito carinhosa,
Deve ser sempre lembrada.

E' perita lavadeira,
Lava a roupa bem lavada:
Muito certa pelo rol
Bem serzida e ponteada.

Com ella nunca eu briguei,
Por causa de minha roupa;
Quer no preço, quer na paga,
Meu dinheiro sempre poupa.

Lava a roupa bem lavada,
Sem faltar um só botão,
Não levando pela roupa
Nunca mais de—um tostão.

Quiz um dia exp'rimentar
Porque era tão zelosa,
E tinha tantos caprichos,
Em seu todo tão dengosa.

E' perita lavadeira,
Lava a roupa sem sabão,

Não levando pela peça,
Nada mais que—um tostão.

Afinal me declarou
Que a roupa só lavava,
D'aquelles a quem devia
E a mim, porque me amava.

E' perita lavadeira,
Lava a roupa bem lavada;
Muito certa pelo rol,
Bem serzida e ponteada.

Agora não lava mais,
Já não é mais lavadeira;
Foi morar em nossa casa,
E' a minha companheira,

Lava a roupa bem lavada,
Engomma com perfeição;
Nunca me levou dinheiro,
E me deu seu coração.

A LOUQUINHA

POESIA DE FONTENELLE

A travessa Joanninha,
Que se chamava *a louquinha*,

Por andar sempre a brincar,
Ouvio alguem lhe fallar:
— Vem cá, mimosa florinha,
Deixa-me um beijo te dar.

E a travessa Joanninha,
Que se chamava *a Iauquinha*,
Por andar sempre a brincar,
Responde:—Quer me beijar?
Não custa, a igreja é vizinha,
Vamos ao padre fallar.

BRAZILEIRA, TEU SEMBLANTE...

Brazileira, teu semblante
No mundo não tem igual,
Brazileira, é qual a rosa
Teu semblante virginal!

Teus lindos, negros cabellos,
São puros, finos, sedosos,
Teus olhos, oh! que feitiços!
Não s'encontrão mais formosos!

Tua boca delicada
Tem da meiguice o sorrir,
De fino marfim ornado
Ella mostra reluzir.

Tuas faces de beijar
São mais puras que o setim,
Diviso n'ellas brincando
O jambo, a rosa, o jasmim.

O teu colo, ó virgem minha,
De brancura amorenada,
Que só tem a brazileira
De ser gentil engraçada.

As tuas mãos tão mimosas
Quem melhor as tem assim !...
O brilho da linda cutis
Bem parece o do setim.

O teu corpinho é delgado
Oh! mulher celestial !
O teu pézinho mimoso
Não póde encontrar rival!

Enumerar-te as perfeições
Jámais póde o trovador ;
Nem mesmo sei, minha bella,
Se és estrella, anjo de amor !

Só me é dado confessar-te
Vinte ou trinta vezes mil,
Que uma creatura assim
Deus só fez para o Brazil.

Se te moves, me arrebato,
Se tu paras eu desmaio;
Quer parada, quer andando
E's de amor um doce raio.

O CARANGUEJO

(LUNDU)

Caranguejos andão ao *atá*
Procurando a sua entrada,
Veio seu mestre *titio* (ai uê),
Fez dos caranguejos cambada.

Depois das cambadas feitas
Sahio pr'a rua grítando:
Chega, chega, freguezia (ai uê)
Vai caranguejo, sinhá!

Moças pobres que o vêm chamão,
E vão logo a perguntar:
Quanto custão os caranguejos (ai uê)
— Meia pataca, sinhá!

— Mestre titio, me diga,
O seu nome como é?
— Sinhá pr'a que qué sabê (ai uê)
Yo mi chama pai Manué!

— Pois pai Manoel *vosmencê*
Vá dar um passeio ligeiro,
E quando vier de volta
Venha buscar seu dinheiro.

Moça leve os caranguejos
E deite-os a cosinhar,
Que o mestre titio não tarda
O seu dinheiro a buscar.

Palavras não erão ditas
Na porta o preto bateu,
Pergunta a moça—*quem é*?
Responde o preto :—sô yeu !

A moça veio de dentro
Dizer que agora não tinha
Dinheiro para lhe dar,
Que seu marido já vinha.

Então o preto zangou-se
Ficou branco qual marfim
E quando pôde fallar (ai uê)
Começou dizendo assim :

— Sinhá não sabia
Que yo era captivo,
Que tem ri-dá conta
Di o mi captivêro?
Nô qué zi caróte
Dacá mya rinhêro.

SOU INFELIZ

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Chamão-me ingrato
Mente o que o diz,
Não o sei ser
Nem nunca eu quiz.

Sabe o que sou?
Sou infeliz.

Negras lisonjas
Mentiras vis,
Não sei dizel-as
Nem nunca eu quiz.

Sabe, etc.

Usar de enganos
Traças subtis,
Não é meu genio
Nem nunca eu quiz.

Sabe, etc.

Se Arminda é varia
Diz, e desdiz,
Tomar-lhe a moda.
Nunca eu tal quiz.

Sabe, etc.

Quiz merecel-a
Quiz ser feliz,
Mas constrangel-a
Nunca eu tal quiz.

Sabe, etc.

Só de adoral-a
Me satisfaz,
Premio forçado
Nunca eu tal quiz.

Sabe, etc.

Ella deixou-me,
Seu modo o diz,
Eu não a deixo
Nunca eu tal quiz.

Sabe, etc.

MÃI BENTA

Coitadinho como é tolo
Em cuidar que eu lhe adoro;
Por me vêr andar chorando,
Sabe Deus por quem eu choro!

— Mãi benta me fia um bolo
Minhas candongas,

— Não posso Sr. tenente
Minhas candongas,
Que os bolos são de ya-yá,
Minhas candongas,
Não se fião a toda a gente,
Minhas candongas,
Porque tem muitos temperos,
Minhas candongas,
Assucar, manteiga e cravo,
Minhas candongas,
E outras coisinhas mais,
Minhas candongas,
Bolinhos de qui-lê-lê,
Minhas candongas,
Ponto de admiração,
Minhas candongas,
O' gente Manué,
Minhas candongas,
Está quente, sinhá, bem quente!

Você se anda gabando
Que foi que me deixou,
Póde ficar na certeza
Que muita cinza levou.

— Mãi Benta me fia, etc.

A COR MORENA

POESIA DE UMA FLUMINENSE, MUSICA DA MORENINHA

Côr morena delicada
Apreciada,
E's por muitos com razão;
Pois por ti, tambem eu sinto,
Ah! não minto,
Quanto póde uma paixão.

Tem tal côr tanta gracinha
Sinházinha,
Que só por gracinha prende,
E seguro em tal prisão
O coração,
Inda mais culto lhe rende.

E' gentil a moreninha
Engraçadinha,
Muito viva e ardilosa;
E se mais travessa é ella
E' mais bella,
E' mil vezes mais formosa.

Mas eu que os versos faço
Dou um passo,
Que parece mangação;
E aposto que a sinhá
Linda yáyá
Crê-me um bello mocetão.

Pois não sou minha senhora,
E sem demora,
Desfaço este enganosinho;
Amo sim a vossa côr
E com ardor,
Mas por ser de meu bemzinho.

Eu gosto d'um rapazinho
Moreninho,
Tambem cheio de gracinha,
Não lhe ganha em travessuras
Diabruras,
A mais viva moreninha.

E' a côr mais feiticeira
Candongueira,
Que creou a natureza;
E a ti que tens tal côr
Meu amor,
Juro amar-te com firmeza.

TAPE, TEPE, TIPE, TI

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Coração, que tens com Lilia?
Desde que seus olhos vi,

Pulas, e bates no peito,
Tape, tepe, tipe, ti :

Coração não gostes d'ella ;
Que ella não gosta de ti.

Quando anda, quando falla,
Quando chora, quando ri ;
Coração, tu não socegas,
Tape, tepe, tipe, ti :

Coração, etc.

Já te disse, que era d'outro ;
Coração, não te menti ;
Mas tu, coitado! te assustas,
Tape, tepe, tipe, ti :

Coração, etc.

Aquelle modo risonho
Não é, nem foi para ti ;
Basta, louco, e não estejas
Tape, tepe, tipe, ti .

Coração, etc.

Um dia que me affagava ;
Zombava, eu bem percebi,
Era por gostar de ver-te
Tape, tepe, tipe, ti.

Coracão, etc.

Coração, tu não me enganes,
Todo o teu mal vem d'alli ;
Tu palpitando te explicas,
Tape, tepe, tipe, ti :

Coração, etc.

E' amavel, mas não ama ;
Eu já mesmo to adverti ;
E tu mui nescio teimando,
Tape, tepe, tipe, ti :

Coração, etc.

Se tu leres nos seus olhos,
O que eu com meus olhos li ;
Talvez te não cances tanto,
Tape, tepe, tipe, ti :

Coração, etc.

TENTAÇÃO

POESIA DO DR. QUEIROGA

C'os pés d'entro d'agua, que alli cobrejava
Dos buritys frescos por entre os palmares
Lalá desgrenhada, descalçava, brincava
Qual fada querida d'aquelles lugares.

Tremendo eu lhe disse:—Lalá, olha, vamos
« Passear lá no matto? De amores o demo
Fez qu'ella me olhasse com o olhar supremo
Que resta á belleza da qual triumphamos.

Enxuga os pésinhos na relva lasciva,
De novo me encara sem tanto recato,
E a bella faceira ficou pensativa...
As aves cantavão no centro do matto.

Na sombra a cascata mugia saudosa,
Por entre as taquáras Lalá me seguio,
A bella menina selvagem, medrosa,
Tremendo em meus braços por terra cahio.

QUANDO SEU BEM VAI-SE EMBORA

Cresce amor de dia em dia,
Cresce amor de hora em hora,
Cresce tambom a saudade
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos ciumes
Causa a saudade
Nada mais firme
Que uma amizade.

Quem não percebe o amor
Quem a paixão ignora,

Dá pouca força a saudade
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos, etc.

Um peito que firme ama,
Um peito que firme adora,
Sente pungir-lhe a saudade,
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos, etc.

Se o seu bem lhe visita,
Se está doente melhora;
Fica de novo doente,
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos, etc.

De seu bem com a presença
De indecisa treme e córa,
Verte seu pranto em segredo
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos, etc.

Quando o seu bem pede um beijo
Nego-lh'o ella n'essa hora,
Mas chora não tel-o dado
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos, etc.

A rosa mais purpurina
De manhã não se colóra,
Como ella suspirando
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos, etc,

RETRATO DE UMA MULATINHA

POESIA DO DR. QUEIROGA

Crespa madeixa
Partida em duas,
As fontes tuas
Cercando assim,
Parece largo
Diadema airoso
De mui lustroso
Preto setim.

Que bem te assentão
Faces vermelhas
E sobrancelhas
Côr de carvão!
Jaboticabas
Frescas, brilhantes,
Como diamantes
Teus olhos são.

Se a mim os volves
Amortecidos,
E derretidos
Em doce amor
As negras franjas
A custo abrindo,
E desparzindo
Terno langôr.

Ah! que então sinto
Um tão amavel,
Tão ineffavel,
Vivo prazer,
Que extasiado
No gozo activo
Se morro ou vivo
Não sei dizer.

Em tuas faces
Brilha serena
A côr morena
Do burity:
Teus labios vertem
Rosea frescura,
Cheiro e doçura
Do jatahy;

E quando os abres
Do rir o ensejo,
Perolas vejo
Entre coraes;

Como são bellos
Assim molhados!
De amor gerados
Me arrancão ais.

Para roubar-me
Cinco sentidos,
Tens escondidos
Certos ladrões
Dentro do seio,
Bem disfarçados
E transformados
Em dous limões.

A tua airosa
Bella cintura
O gosto apura
Em estreitar,
E o mais que á vista
O pejo occulta
Vontade exulta
Só de pensar.

Já que pintei-te,
Minha querida,
Venus nascida
Cá no Brazil.
Em premio dá-me
Muxôxos, queixas,
Quindins, *me deixas*,
E beijos mil.

AMOR BRAZILEIRO

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Cuidei que o gosto de amor
Sempre o mesmo gosto fosse
Mas um amor brazileiro
Eu não sei porque é mais doce.

Gentes, como isto
Cá é temperado
Que sempre o favor
Me sabe a salgado
Nós lá no Brazil
A nossa ternura
A assucar nos sabe
Tem muita doçura
Oh se tem! tem...
Tem um mel mui saboroso;
E' bem bom, é bem gostoso.

As ternuras desta terra
Sabem sempre a pão e queijo
Não são como no Brazil
Que até é doce o desejo.

Gentes, etc.

Ah nhanhã venha escutar
Amor puro e verdadeiro

Com preguiçosa doçura
Que é amor de brazileiro.

Gentes, etc.

Os respeitos cá do reino
Dão a amor muita nobreza
Porém tirão-lhe a doçura
Que lhe deu a natureza

Gentes, etc.

Quando a gente tem nhanhã
Que lhe seja bem fiel
E' como no reino dizem:
Cahio a sopa no mel.

Gentes, etc.

Se tu queres que eu te adore
A' brazileira hei de amar-te
Eu sou teu e tu és minha
Não ha mais tir-se nem guarte.

Gentes, etc.

O MESTRE DE MUSICA

DUETTO

Dama

Dá licença, senhor mestre?

Mestre

Póde entrar, minha senhora.

Dama

Como passa, senhor mestre?

Mestre

Vou passando menos mal
Ora vamos, meu amor,
Venha dar sua lição;
Cante bem afinadinho
Faça o compasso com a mão.

Dama

Sim senhor já estou prompta
Mas precisa desculpar.

Mestre

Oh! pois não...

Dama

Porque estou bastante rouca
Não poderei bem cantar.

Mestre

Ora vamos, meu amôr, etc.
Não importa eu lhe desculpo
Vamos, e dê-me attenção,

Dó, ré. mi, fá, sol, lá, si
Entendeis, minha menina
Esta minha afinação?

Dama

Sim, senhor, entendo bem.

Mestre

Ora agora principie
Com justiça e promptidão

Dama

Fá, mi, dó, ré, fá, dó.

Mestre

Dó, dó, dó.
Na deixa, está perdida,
E não sei qual a razão
A tanto tempo que ensino
Cada vez peior lição...
Olhe, a boca bem aberta
Compasso bem prolongado
O nariz bem perfilado
Veja a minha posição.

Dama

Sim, senhor, eu principio
Eu careço solfejar
Mi, ré, fá, dó, fá, dó, lá.

Mestre

Qual, fã, dó. nem fã, dó, mi,
Vá outra cousa estudar,
Para a musica não tem geito
Outro officio vá buscar.

Dama

Sim, senhor, querido mestre
Eu lhe prometto estudar,
E se fôr do seu agrado
Um lundú eu vou dançar.

Mestre

Oh diabo, ella ahi vem
Com aquella tentação.
Pois sabe que não resiste
Meu sensivel coração.

LUNDU'

Dama

Ora diga, senhor mestre
Não lhe agrada mais dançar,
Com geitinhos e requebros
Que até os céos faz chorar.

Mestre

E' tão bom é tão gostoso
Que se eu tivera pataca,

Toda a vida eu te diria
Corta, jaca, corta jaca.

Ambos

Bravo meu bem está de tremer.
Queijadas de côco
Pasteis de melado
Suspiros e ais
Do meu bem amado.

Sim é engraçado
Gostoso é morrer
Ligado a teus braços
A vida perder.

Bravo meu bem está de tremer, etc.

Oh! sinhà Maria olé
Olhe os porcos na cancella,
Se os porcos forem teimosos
Dê com elles na panella.

Dama

Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si
Até quando eu cá voltar.

Mestre

Adeosinho não s'esqueça
Da lição bem estudar.

Ambos

Bravo meu bem está de tremer, etc.
Oh! sinha Maria olé, etc.

BEM-TE-VI

POESIA DE BITTENCOURT SAMPAIO, MUSICA DE ELIAS LOBO

Debaixo deste arvoredo
Para te olhar me escondi ;
Tu passavas em segredo,
Cantei baixinho com medo :
Bem-te vi !

Quiz dizer-te atraz correndo :
— Morro de amores por ti !
Mas não sei porque tremendo
Fiquei parado dizendo :
Bem-te-vi !

Junto a fonte crystalina
Scismando chegaste alli ;
Sopra a brisa á camarina
Doce nome *Cipladina* :
Bem-te-vi !

E tu voltaste cantando,
E que voz tão meiga ouvi !
Fui então te acompanhando,
Foste andando
Bem-te-vi.

CAPENGA NÃO FORMA

POESIA DE ED. VILLA-BOAS, MUSICA DE R. PAGANI

Deram agora os *massadas*
Dos *guardinhas* nacionaes,
Em fazerem caçoadas
Dos males que tem os mais.
Mas que culpa tem a gente
Se a perna se não conforma,
Para ouvir gritar sómente
O tal—*Capenga não fórma*!...

Por eu ser capénga
Me não incommodo;
A perna *mendenga*
Cá ponho a meu modo:
E s'algum gaiato,
Já toma por norma
Gritar, sem recato.
— *Capenga* não fórma!
Eu tomo a *gracinha*
Por gran mangação,
Dou geito á perninha,
Mirando o ratão!

Esta *troça* começou,
Que corre por tanta gente,
Quando tudo aquartelou
Para tirar-se o contingente.
E foi tal o *saramteque*

Que houve lá na plata-fórma,
Que não houve um só moleque
Que não gritasse—*Não fórma*!

Melhor! se não fórma
Não é *escolhido*:
Não tem a *reforma*,
Nem é *dissolvido*;
A quem o commanda
Não faz grande *arenga*,
De trote não anda
Porque é *capenga*
No emtanto o lindinho
Janota ou taful,
Não tendo padrinho
Lá vai para o sul.

Se capenga fosse um vicio,
Vergonha teria eu...
Mas se é defeito... outro officio
Cada um cuida do seu.

Eu sou capenga, mas quantos
Sêl-o hoje desejavam!
Co'a perninha dos encantos.
P'ra o Paraguay não marchavam.

Emquanto o capenga,
Cá 'stá divertido,

Sem medo na *arenga*
De andar envolvido;
O bom, o bem feito,
Na fórma lá vai.
Em pranto desfeito.
Para o Paraguay:
E emquanto o perfeito
Se faz aleijado,
Co'a perna a meu geito
Cá fico deitado.

Emquanto muitos caçoam
De eu ser capenga e *cambão*,
Muitas bellas abençoam
A quem fez-me este *aleijão*.

Eu brinco e folgo com ellas
Com franqueza e demasia,
Pois d'um capenga entre bellas
E' tolo quem desconfia.

Capengas não *cantão*,
Não *comem*, não *bebem*
Cartinhas qu'encantam
Não dão, não recebem?
Capengas não andam,
Não dansão *en avant*?
Fieiras que abrandam
Não pucham ao *kan-kan*?
Assim como ás pernas
Lá buscam dar *geitos*,

Paixões, meigas, ternas,
Abrigam nos peitos.

Embora eu seja capenga
A perna me não diforma.
De possuir certa *denga*
Que comigo é só que fórma.

Ella é toda de manejos
De estocadas, de galopes,
Eram, céus! os meus desejos
Ver ella atacar o Lopes!

O Lopes? quem disse?
Ficava perdido!
Apenas a visse
Ficava rendido.
Porém se não posso
Ter esse prazer;
Do doce amor nosso
Só devo viver.
Ella é a patrona
Do meu *cartuxame*,
Nos braços me abona
Me dá *correame*.

Dos males que á gente vem
Ninguem se queixe ou da sorte;
Talvez se eu pisasse bem
Já tivesse achado a morte.

Assim pois, poupe a gengivre
Que boas as pernas tem,
Porque ninguem está livre
De ser *capenga* tambem.

Por isso o *capenga*
Não anda escondido
Nem na *lenga lenga*
Se vê mais mettido;
Emquanto se aperta
P'ra ir passear;
O bom lá deserta
Para não marchar,
E viva o *capenga*
Que não se conforma,
Co'a tal *lenga lenga:*
— *Capenga não fórma!*

E' MUNDO, DEIXA FALLAR

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Depois que eu te quero bem,
Deo o mundo em murmurar;
Porém que lhe hei de eu fazer?
E' mundo deixo fallar.

Não te enfades menina
Deixa o mundo fallar.

Sabes porque falla o mnndo,
E só por nos invejar;
Elle tem odio aos ditosos,
E' mundo deixa fallar.

Não, etc.

As loucas vozes do mundo
Tu não deves escutar,
Pois que sem razão murmura.
E' mundo deixa fallar.

Não, etc.

Ouve só a quem te adora,
Que anda por ti a bradar;
Dos outros não faças caso,
E' mundo deixa fallar.

Não, etc.

Menina, vamos amando,
Que não é culpa o amar;
O mundo ralha de tudo,
E' mundo deixa fallar.

Não, etc.

Que fazem nossos amores
Para o mundo murmurar?
E máo costume do mundo,
E' mundo deixa fallar.

Não, etc.

Sempre todos me hão de vêr
Por meu bem a suspirar;
Se disto fallar o mundo,
E' mundo deixa fallar.

Não, etc.

Ah meu bem não pertendamos
Do povo a boca tapar;
Bem sabes que o povo é mundo,
E' mundo deixa fallar.

Não, etc.

DE QUE ME SERVE ESTA VIDA

POESIA DE VILLARINHO

De que me serve esta vida
De tormento agro e sem fim;
Quando não estou de guarda
Toca á rebate o clarim.

De que me servem as folgas
Se não as posso gozar;
Se não estou de piquete
De noite saio a rondar.

Não tenho socego!...
Me diz o tenente

Vá para o serviço
Pois falta me gente.

O que heide fazer?
Visto a fardasinha
Botando as corréas
Eu vou para a guarda.

Porém se inda um dia
Eu nisto scismar,
Farei uma trouxa
E por-me-ei a andar.

Com esta me raspo
Oh! rapaziada,
Pois esta vidinha
E' mui desgraçada.

O CANTO DO PERU'

D'esta minha Paulicéa,
Formigas comendo e angú,
Ouviras os meus gemidos,
E o canto do *teu perú*.

Gru, gru, gru, gru.

Do meu colibri ausente,
Ando triste e jururú;

O rubro monco azul fica,
E casmurro o *teu peru*

Gru, gru, gru, gru.

N'este mundo planetario,
Ninguem vejo senão tu,
És o meu colibrisinho,
E eu sou o *teu perú*

Gru, gru, gru, gru.

Quizéra o teu pequira,
Caturrita ou sanhassú,
Não posso, mas é o mesmo,
Serei sempre o *teu perú.*

Gru, gru, gru, gru.

Tu és o meu colibrisinho,
E mimoso carurú,
Eu sou o teu totósinho,
E tambem o *teu perú.*

Gru, gru, gru, gru.

Quando alguem te arrasta a aza,
Parece um surucucú;
Bato o pé, encrespo o monco,
Faço roda e *gru, gru, gru...*

Gru, gru, gru,gru...

DE TI FIQUEI TÃO ESCRAVO

De ti fiquei tão escravo,
Depois que teus olhos vi;
Que morro só por teus olhos,
Não posso viver sem ti!
Contemplando o teu semblante
Sinto a vida m'escapar,
N'um teu olhar perco a vida
Ressuscito n'outro olhar!

Mas é tão doce
Morrer assim!...
Lilia não deixes
De olhar p'ra mim!

N'um raio dos teus olhares
Minh'alma inteira prendi,
Se tens minh'alma em teus olhos,
Não posso viver sem ti...
A qualquer parte que os volvas
Minh'alma sinto voar,
Inda que livre nas azas
Preza só no teu olhar.

Mas é tão, etc.

Qu'era meu fado ser teu
Ao ver-te reconheci,
Não se muda a lei do fado
Não posso viver sem ti!

Por não ser inda completa
Minha doce escravidão,
Se me ferem teos olhares
Beijo, adoro o meu grilhão!

Mas é tão, etc.

DIZEM QUE SOU BORBOLETA

Dizem que sou borboleta,
Que no amar sou bandoleira;
A culpa tem quem me fórja
Os ferros do captiveiro.
Não posso ver moça bella
Sem amor me titilar,
Sou feito da carne e ôsso
Por força me hei de dobrar:

Se ha moças que vibrão
Olhar tão ardente,
Que o peito da gente
Queimando
Cortando,
Rasgando;
Lá dentro nos vão,
Acender paixão.
O mais insensivel
Por bem; ou por mal
Terá sorte igual:
Amará,

Gemerá,
Se verá
Captivo por fim!
Eu cá penso assim.

Se vejo moça corada
Fico de amor abrazado:
Moça pallida e romantica
Põe-me todo derrotado.
A moreninha m'encanta,
Me derrete, me maltrata,
M'envenena, m'enfeitiça,
Me fere, me abraza e mata.
Por todas eu sinto
O meu coração.
De gosto e paixão
Ferido,
Perdido,
Rendido,
Aos ferros exposto,
Por gloria e por gosto.

O mais insensivel, etc.

Olhos negros e travêssos
São p'ra mim settas de amor,
Os azues matão a gente
Requebrados com languor.
Sejão grandes ou pequenos
Ardentes ternos ou não,
Todos elles me repuchão
Suspiros do coração.

Olhinhos hei visto
Eu bem sei em quem
Que tal força tem
Qu'enleião,
Chasqueião
E ateião.
Voraz fogo ardente
No peito da gente!

O mais insensivel, etc.

Não sei o que é ter orgulho
De constancia e de firmeza,
Eu só me orgulho de amar
A toda e qualquer belleza.
Quando estou junto de moças
Meus olhos são de tarracha
Meu coração é trapiche
Tenho alma de borracha.
N'um dia n'um hora.
No mesmo lugar;
Eu gosto de amar
Quarenta,
Cincoenta,
Sessenta:
Se mil forêm bellas
Amo a todas ellas.

O mais insensivel, etc.

DO BRAZIL A MULATINHA

Do Brazil a mulatinha
E' do céo doce maná
Adocicada fructinha,
Saboroso cambucá !

E' quitute appetitoso,
E' melhor que vatapá ;
E' nectar delicioso,
E' bôa como não ha.

E' manjar bem delicado,
E' melado com cará ;
Agradavel bom bocado,
Gostoso maracujá !

E' cajú assucarado
E tem de manga o sabor ;
E' quibêbe apimentado
Pelas mãosinhas de amor.

E' doce licor de rosa.
E' melhor do que melado ;
Delicado e melindroso
Vinho velho engarrafado.

E' manguinha da Bahia,
E' doce favo de mel ;
Não é clara como o dia
Nem alva como papel.

A mulatinha mimosa,
Fios d'ovos com canella ;
E' morena, côr de rosa
Tem uma côr muito bella.

E' faceira, tem candura,
Tem do côco o paladar ;
Tem meiguice tem ternura,
Tem *quindins* d'enfeitiçar.

Quando eu meigo vejo ella,
Tão terna tão moreninha;
Logo exclamo : como é bella
Do Brazil a mulatinha !

Os olhos sabe volver
Tão ternos a namorar,
Que eu quizera só poder
Junto d'ella sempr'estar.

PALAVRORIO

POESIA DE ?... MUSICA DE ?...

E' dos ministros
Visicatorio
Que os atormenta
O palavrorio.

Das resistencias
Approbatorio
E' sempre o voto
Do palavrorio.

Haver leis annuas
E' illusorio
Com as empurras
Do palavrorio.

Quem ao Caxias,
Ou ao Osorio
Mais embaraça ?
O palavrorio.

Quem nos é inda
Mais vexatorio
Que o ex-Lopes ?
O palavrorio.

Não ha inferno
Nem purgatorio
Que se compare
Ao palavrorio.

De nossos males
O repertorio
Se recopila
No palavrorio.

Miseras camaras
Pobre auditorio
Que sois maçados
Do palavrorio

E o nosso povo
E tão simplorio ,
Que ainda acredita
No palavrorio ?

Resemos terço
A S. Gregorio
Que nos proteja
Do palavvrrio

E a Santo Antonio
Um responcorio,
Para dar cabo
Do palavrorio

NÃO POSSO COM MAIS NINGUEM

POESIA DE GUALBERTO PEÇANHA, MUSICA DA MODINHA : E' FALSO, MEU BEM, QUEM DIZ.

E' mentira !... Quem lhe disse
Que muitas me querem bem :
Tenho apenas uma amante,
Não posso com mais ninguem.

Pois já trago esfrangalhado
O meu coração innocente,
Me deixem por piedade,
Não posso com mais ninguem.

Esta amante que possúo
Verdade é que me quer bem...
Mas creião... já me aborrece...
Não posso com mais ninguem.

Se por falso ou inconstante
Alguma outra me tem,
Paciencia! uma é bastante...
Não posso com mais ninguem.

Eu bem sei que estas mocinhas
Me julgaráõ—toleirão,
Mas por modestia é que eu digo:
Não posso com mais ninguem.

NÃO SE RESISTE, NÃO

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Emprehendeu amor vencer
O meu livre coração,
E eu que tanto resistia
Resistir não pude não.

Quem terá forças
Terá valor
Com que resistão
Ao forte amor.
Não se resiste,
Ah! não, não, não.

Resistir ao forte amor
E' uma vã presumpção,
Eu mesmo que presumia
Resistir não pude não.

Quem, etc.

Chamo a razão em soccorro,
Desampara-me a razão;
Da razão desamparado
Resistir não pude não:

Quem, etc.

Mais não me venceu amor
Co'as settas que tráz na mão;
Mostrou-me uns olhos mui meigos...
Resistir não pude não:

Quem, etc.

Lisongeiras esperanças
Mostra amor na esquerda mão
Com seus premios seduzidos
Resistir não pude não:

Quem, etc.

O GATINHO

Era um gatinho que eu tive
Um gatinho folgasão,
Quereis saber o seu nome?
Eu o chamava *Turrão*:
Quereis sabel-o porque?
Eu já vos digo a razão:

Era da côr de azeviche,
Tinha colleira amarella,
Quem m'o deu, não sei se o conte...
Eu o furtei d'uma bella!...
— E' mentira, tenho zêlos,
O gatinho deu-t'o ella!

Se te arrufas já commigo
Então não quero contar;
Vai ouvindo a minha historia
Escuta, que has de gostar:
Eu o chamava *Turrão*
Porque era bravo no brincar.

Quando me via tristonho
Lamber vinha-me a mão,
Quando me via contente
Dava pulinhos no chão;
Assim tomava o gatinho
De prazer um bom fartão.

Mas um dia, oh! que ventura,

O gatinho era bregeiro,
Vio uma moça dansando
Foi-se a ella sorrateiro;
Furtou-lhe a liga da meia
E fugio com ella ligeiro!

— Que foi feito do gatinho?
A moça logo que o via
Lembrando-se da graçola
De prazer gostosa ria;
Té que por descuido meu
M'o furtou n'um certo dia!

O RETRATO DE UMA SINHASINHA

Escutem bem
O que vou cantar,
Uma menina
Vou retratar.

Cabeça immunda
Cheia de caspa,
Tira aos alqueires
Quando se raspa.

Não tem orelhas
Por seus peccados,
Tem os lugares
Esburacados.

Os olhos vesgos
E agathiados,
Té sem pestanas
Sapirocados.

Nariz enorme
E acachapado,
Toma-lhe a cara
De lado a lado.

A bocca é grande
Dentes compridos,
Cheios de sopas
E alguns cahidos.

Os seus peitinhos
São de borracha,
E os biquinhos
São de tarracha.

Os seus bracinhos
De orango-tango,
Suas perninhas
De magro frango.

Cintura fina,
Bunda não tem,
O mais não digo
Eu sei mui bem.

Quem apanhar
Bichinho igual,
Deve guardar
Para signal.

MENTE, MENTE

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA.

Escutai pobres amantes
Um amante experiente,
A mulher que diz que ama
Certamente mente, mente.

Se um amante carinhoso
Lhe faz ver amor ardente,
Ella lhe promette o premio
Certamente mente, mente.

E' um gosto vêr a amada
Diante de muita gente,
Protestando ter fé pura
Certamente mente, mente.

Pois se o pobre falla a outra
Bem cortez e bem prudente,
Ella finge ter ciume
Certamente mente, mente.

E se acaso o triste amante
Algum tempo esteve ausente,
Ella jura tem saudades
Certamente mente, mente.

O PROGRESSO

POESIA DE TEIXEIRA E SOUZA, MUSICA DE J. J. GOVANO

Espanta o grande progresso
Desta nossa capital;
Decresce o bem por momento,
Cresce a desgraça e o mal:
A carestia de tudo
De grande já não tem nome,
O pobre morre de fome,
De miseria e de trabalho.

Em bellos carros
O rico corre,
O pobre morre
Sem que comer;
Tudo é soffrer
Para a pobreza;
Só a riqueza
Vive contente.

Mortal que vive
Do seu trabalho,

Não tem um canto
Para agasalho.

Meu bem, não peças dinheiro,
Qu'eu não tenho p'ra te dar;
Pois ando sempre de guarda,
Quando folgo vou rondar.

A carne secca tão cara!
Cada vez o preço cresce,
O monopolista á custa
Da pobreza s'enriquece.
Nos açougues carne podre,
Nas ruas leite com agua,
Causa dor e causa magoa
O pão, de tão pequenino.

A dez tostões
Pinto gosmento,
Feijão bichento
A pezo d'ouro;
Toucinho couro
E já tocado,
Café torrado
Com milho podre;
Todos os mezes,
Por alugueis,—
Quatro paredes
Trinta mil réis.

Meu bem, não, etc.

Pejão as ruas mendigos
Ha ladrões por toda parte!
Em breve nos darão leis
A faca e o bacamarte
Por altas horas da noite
Invadem nossas poderos,
E nos levão os ratoeiras
A creação dos quitutes.

Té as torneiras
Já não escapão,
Pois tudo rapão
De um modo estrambo.
Pretos de ganho
São espreitados,
Após roubados
Pelos gatunhos.
Em grandes festas,
Bailes, passeios,
Sempre achão meios
De ratonar.

Meu bem, não. etc.

Feijão, milho e assucar
Carne e peixe já cosidos,
Nos vem das terras da Europa,
Vem dos Estados-Unidos.
Em quanto o monopolista
O seu negocio equilibra.
Vendendo a pataca a libra
Vai o pobre á carne secca.

Quatro pimentas
Por um vintem,
Só quem o tem
Pódem gozar;
Quem quer comprar
Alguns limões,
Dá dous tostões
Por um sómente.
Viva quem vive,
Morra o regresso,
Viva a Nação,
Viva o progresso!

Meu bem, não, etc.

O SECULO DAS LUZES

POESIA DE PAULA BRITO, MUSICA DE J. J. GOYANO

Estamos nos seculos das luzes,
Já não ha que duvidar,
Temos gaz por toda a parte
Para nos allumiar!

A, E, I, O, U.
Já se não custa aprender;
Ja s'ensina de repente,
Sem as letras conhecer.

Temos estradas de ferro
Para mais depressa andar;
Todos hão de correr tanto
Que por fim hão de cansar.

Ba, be, bi, bo, bu, etc.

Já com novo calçamento
Vejo as ruas se calçar;
De fino sapato e meia
Já se póde passear.

Ça, ce, ci, ço, çu, etc.

Já se alargam bem as ruas,
A do Cano é a primeira;
Hoje tudo são progressos
Da famosa ladroeira.

Da, de, di, do, du, etc.

Agua suja, cisco e tudo
Já se não deve ajuntar;
E' só lançar-se nas ruas
Que as carroças vêm buscar.

Fa, fé, fi, fo, fu, etc.

Já se seguram as vidas,
Já se não deve morrer;
Quem tem sua creoulinha
Não tem medo de a perder.

Cua, gue, gui, go, gu, etc.

Temos agua pelos cantos,
Que sempre estão a correr ;
E sujo por falta de agua
Ninguem mais deve morrer.

Ja, je, ji, jo, ju, etc.

Já temos grandes theatros,
E a empreza quer crescer ;
Estamos—n'um céo aberto,
Isso sim, é que é viver.

La, le, li, lo, lu, etc.

Quando ha fogo na cidade
São Francisco dá o aviso ;
O Castello corresponde
Com tres tiros do Gabizo.

Ma, me, mi, mo, mu, etc.

Os estrangeiros s'empregam
Nessa nova exploração ;
Nada tendo de fortuna
Vem ganhar um dinheirão.

Na, ne, ni, no, nu, etc.

Nacionaes de bocca aberta
Nada tendo que comer,
Vivem como o boi de canga
Calladinho até morrer.

Pa, pe, pi, po, pu, etc.

Com a carestia dos generos,
Como o pobre ha de viver?
Com tão pequeno salario
Como honrado póde ser?

Ra, re, ri, ro, ru, etc.

Os poderosos não querem
Co'a pobreza s'importar;
O pobre cheira a defunto
Pois só sabe importunar.

Sa, se, si, só, su, etc.

Eis o que é o paiz natal
Dos filhos que vio nascer;
Qualquer estrangeiro atôa
Vem aqui enriquecer.

Ta, te, ti, to, tu, etc.

Já temos por felicidade,
Melhor colonisação;
Felizmente se acabou
A negra especulação.

Va, ve, vi, vo, vu, etc.

Os transportes são immensos,
Quer por terra, quer por mar;
Até se póde seguro
Já navegar pelo ar.

Xa, xe, xi, xo, xu, etc.

Emfim ninguem já duvida
De tamanha perfeição;
Que não ha seculo como este
De maior illustração.

Za, *ze*, *zi*, *zo*, *zu*, etc.

PADRE NOSSO CASAMENTEIRO

LUNDU'

Esta vida de solteira
Eu já supportar não posso;
Valei-me, Nosso Senhor,
Mostrai que sois *Padre Nosso*.

Humildemente vos peço
Que escuteis os rogos meus...
Sou muito religiosa,
Só penso *que estaes nos céos*.

Um rapaz muito galante,
Bem bonito e engraçado,
Desejo-o p'ra meu marido
Oh! meu Deus *santificado*.

Eu tenho dentro do peito
Um ardor que me consome:

Quero que o meu protector
Sempre *seja o vosso nome.*

Tendes sido sempre bom
Sempre a quem recorre a vós,
O rapaz já me fez douda
Só desejo o *venha a nós.*

Quando me vê, com o lenço
De longe faz um aceno...
Elle tanto me deseja
Como eu, *o vosso reino.*

Mas meu pai impertinente
A pretenção não aceita...
A minha união deseja
Que a seu geito *seja feita.*

Por causa d'elle, meu Deus,
Quer me tirar da cidade;
Me diz sempre resmungando
Farei *a vossa vontade.*

Se não cumprir o desejo
Que no meu peito se encerra.
Antes mil vezes morrer
Que viver *assim na terra.*

Aspiro existir alegre
Mui ditoso ao lado seu...
Brincar, pular e dançar,
E viver *como no céo.*

Sendo consorte fiel,
Tendo o patrocinio vosso,
Creio que não faltará
Nunca, meu Deus, *o pão nosso.*

Cuidar na casa, manter
Sempre a paz, sempre a alegria,
Ha de ser, segundo julgo,
Meu pensar *de cada dia.*

Meu papae traz-me apertada,
Meu amante delle foge...
Força, animo, vontade,
E coragem *nos dai hoje.*

De alguma dôr de canellas,
Mui perigoos, livrai-nos,
Se conhecerdes que erramos
Eu vos peço *perdoai-nos.*

Juras firmes, e bastantes
Já estão por nós contrahidas,
Se por ventura casarmos
Pagaremos *nossas dividas.*

Eu e elle renderemos
Preces, louvores a vós;
Todos te desejarão
Amar *assim como nós..*

As offensas, as maldades
Que no mundo supportamos,
Gozando doce ventura
Tudo, *tudo perdoamos.*

Não teremos um momento
De terriveis dissabores:
Relevamos com doçura
Tudo *aos nossos devedores.*

Meu Deus humilde vos peço
Nunca nos abandoneis;
Supportar um só desgosto
Meu pai, não... *não nos deixeis.*

Do lodaçal apartai-nos
Do vicio com promptidão;
Prohibi a meu bemzinho
O *cahir em tentação.*

E depois, quando morrermos,
Os peccados relevai-nos;
Dos tormentos deste mundo,
Piedoso Senhor, *livrai-nos.*

Que vidinha passaremos!
Que doçura sem igual!
Protegidos por um Deus,
Isemptos *de todo o mal.*

Ligeira no oratorio,
Vou collocar uma luz ;
Meu pai inda cederá
Eu espero, *amen Jesus.*

O CAFUNE'

POESIA DE ED. VILLAS BOAS, MUSICA DE J. L. ALMEIDA CUNHA

Eu adoro uma yayá
Que quando está de maré,
Me chama muito em segredo
Pr'a me dar seu *cafuné.*
Não sei que geito ella tem,
No revirar dos dedinhos ;
Qu'eu fecho os olhos, suspiro,
Quando sinto os estallinhos.

Mas quando zangada está
Raivosa me bate o pé,
Me chinga, ralha comigo,
Não me dá mais *cafuné.*
Não sei então o que faça...
Fazendo mesmo carinhos ;
Ella entre os meus cabellos
Não passa mais seus dedinhos.

Um dia zangou-se toda
Por ir cheirando a rapé,

Me chamou de velho e feio,
Não me deu seu *cafuné*.
Brigou comigo devéras,
Mas passada a raivazinha
Foi ella mesmo quem deu-me
Uma linda bocetinha.

Que boceta tão mimosa!
Das pazes emblema é:
Quando eu funguei a pitada
Deu-me ella outro *cafuné*...
Oh! que gosto que senti!
Na boceta do rapé,
Descobri o melhor meio
De ganhar meu *cafuné*.

OS MANDAMENTOS

Eu confesso as minhas culpas
Todas pelos mandamentos,
Ao depois que vi Marilia,
Trago varios pensamentos.

O primeiro é *amar a Deus*,
Eu amo ao meu bem querer:
Se Marilia fôr constante
Hei de amal-a até morrer.

O segundo é *não jurar*
Pelo santo nome em vão;

Eu jurei amar Marilia
De todo o meu coração.

O terceiro é *ouvir missa*
Nos dias de santa guarda;
Eu cem missas ouvirei
Mas ao pé de minha amada.

O quarto *honrar pai e mãe*
Pai e mãi eu honrarei:
Só por ti Marilia amada
Pai e mãi eu deixarei.

O quinto *não furtaras*
Mesmo tendo precisão;
Eu sómente fiz um furto;
De Marilia o coração!

Sexto *guardar castidade*,
Que é virtude apreciada;
Eu serei sempre mui casto
Mas ao pé de minha amada.

O setimo é *não matar*,
Eu nunca matei ninguem;
Sómente mato as saudades
Que sinto pelo meu bem.

O oitavo é *não levantar*
Falsidades contra alguem;

Eu só disse que Marilia,
E' minha e de mais ninguem

O nono é *não desejar*
D'algum proximo a mulher;
Eu só desejo a Marilia,
Eu a quero e ella me quer.

O decimo é *não cubiçar*
Nunca as cousas de ninguem;
Eu só cubiço a Marilia
Porque ella é o meu bem.

E estes *dez mandamentos*
Só em dous minh'alma encerra;
Amar a Deus lá no céo
E a Marilia cá na terra.

EU QUERO ME CASAR

POESIA DO DR. J. M. DE MACEDO, MUSICA DE F. A. DE CARVALHO

Eu já não sou criança
Já tenho bem juizo,
Já sei o que é preciso
Para viver, amar;
Mamãi fiz treze annos;
Eu quero me casar.

Darei minhas bonecas
A Dona Carolina,
E' ainda pequenina
Não sabe o que é amar;
Mamãi eu jà sei tudo,
Eu quero me casar.

No coração das moças
Ha um tal bixinho,
Que rôe devagarinho
Até fazer amar;
Mamãi isto é sabido
Eu quero me casar.

Mamãi ralhar não póde
Papai tambem amou,
Do céo foi que baixou
A lei que ensina amar;
Mamãi Deus é quem manda;
Eu quero me casar.

EU JA' TIVE UMA MENINA

LUNDU'

Eu já tive uma menina
A quem amei mais que a ti,
Ausentou-se, foi-se embora,
Eu fiquei, mas não morri.

Meninas traidoras,
Que faltam á promessa,
Não deixem lembranças
Melhor é que esqueça.

Antes ser quero
Queimado ao lume,
Que andar soffrendo
Cruel ciume.

Comprei pr'a cuja
Lindo retracto,
Seu genio altivo
Mostrou-me ingrato.

Gastar a gente
Seus cabedaes,
Em fitas, rendas,
Cousinhas taes;

Andar a gente
Feito um ladrão,
De achar em troca
Pedra ou bordão;

Andar a gente
N'um corropio,
Por lamas, chuvas,
Noites de frio;

Rondar a porta
Parar na esquina,
Julgar que póde
Ver a menina ;

Olhar se ella
Chega á janella,
Chegar um gato
Suppor que é ella ;

Puchar o lume
Pr'a dar signal,
E ella em tijollos
Pelo quintal ;

Só pelo canto
Com ar de tolo,
E ella com outro
Toda em tijollo ;

Estar na esquina
Sósinho de pé,
Chocando c'os olhos
Feito um jacaré ;

Gostar da menina
Dar a bucholeta,
Sem mesmo um recado
Mandar pela preta ;

Trabalhos são esses
Que já forão meus,
Não fallem-me nelles
Pelo amor de Deus.

EU NÃO GOSTO DE OUTRO AMOR

LUNDU' BAHIANO PELO PADRE TELLES

Eu não gosto de outro amôr
Que não seja amor de cá,
E' amor muito gostoso
Amor de minha sinhá.

Seus affêctos, seus quindins
Enfeitição o mundo inteiro.
Faz escravos homens serios
O terno amôr brazileiro.

Eu zombei por largo tempo
De seus laços, e prisões;
Eu zombei do captiveiro
Dos mais ternos corações.

Não mais quiz o Deus de amôr
Consentir a zombaria,
Pois ao vêr certos olhinhos
Fez-me preso nesse dia.

Ninguem pois deve zombar
Desse amor tão feiticeiro,
Quando julga que está livre
E' o mais prisioneiro.

E' concelho de quem ama
Certos olhinhos de cá,
Affectos, quindins, requebros,
Só as de minha sinhá.

O SEU MOLEQUE SOU EU

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Eu tenho uma Nhanhásinha
A quem tirs o meu chapéo;
E' tão bella tão galante,
Parece cousa do céo,

Ai Ceo!
Ella è minha vovó,
O seu moleque sou eu.

Eu tenho uma Nhanhásinha
Qu'eu não a posso entender:
Depois de me vêr penar,
Só então diz que me quer.

Ai, etc.

Eu tenho uma Nhanhásinha
A melhor que ha nesta rua;
Não ha dengue como o seu,
Nem chulice como a sua.

Ai, etc.

Eu tenho uma Nhanhásinha
Muito guapa muito rica:
O ser formosa me agrada,
O ser ingrata me pica.

Ai, etc.

Eu tenho uma Nhanhásinha
De quem sou sempre moleque;
Ella vê-me estar ardendo,
E não me abana c'o leque.

Ai, etc.

Eu tenho uma Nhanhásinha
Por quem chora o coração;
E tanto chorei por ella,
Que fiquei sendo chorão.

Ai, etc.

RAIVAS DE GOSTO

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Eu gosto muito de Armania
Que é mui dengue, é mui mimosa:

Que meiga a todos agrada,
E até me agrada raivosa.

O céo tais graças lhe deo;
Que ainda raivosa e bella;
E se não que o diga eu,
Que gosto das raivas della.

Vou enraivecer Armania
Que tem raiva graciosa
As mais vencem por meiguice
Ella vence até raivosa

O céo, etc.

Gosto das suas raivinhas,
Que avivão a côr de rosa;
Eu gosto de a ver córada,
Por isso a quero raivosa.

O cèo. etc.

Eu com quatro palavrinhas
De idea artificiosa,
Vou tiralla do seu serio,
Eu quero vêlla raivosa.

O cêo, etc.

O seu terno coração
Vigia mui caprichosa;
E, inda que elle queira amar,
Ella não quer de raivosa.

O céo, etc.

Tremei, amores, tremei.
Tremei, turba presumpçosa;
Jurou a vossa ruina
Armania que está raivosa.
O céo, etc.

Quer soffrer á sua custa
A raiva assim virtuosa;
Não hade amar, porém hade
Ser amada, assim raivosa.
O *céo, etc.*

A PORTUGUEZA ABRAZILEIRADA

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Eu vi correndo hoje o Tejo
Vinha soberbo e vaidoso;
Só por ter nas suas margens
O meigo Lundum gostoso.

Que lindas voltas que fez!
Estendido pela praia,
Queria beijar-lhe os pés.

Se o Lundum bem conhecera
Quem o havia cá dançar;
De gosto mesmo morrera
Sem poder nunca chegar.

Ai, rum, rum,
Vence fandangos e gigas
A chulice do Lundum.

Quem me havia de dizer
Mas a cousa é verdadeira ;
Que Lisboa produzio
Uma linda brazileira

Ai belleza
As outras são pela patria
Está pela natureza.

Tomára que visse a gente
Como nhanhã dança aqui ;
Talvez que o seu coração
Tivesse mestre dali.

Ai companheiro
Não será ou sim será
O geitinho é brazileiro.

Uns olhos assim voltados
Cabeça inclinada assim,
Os passinhos assim dados
Que vem entender com mim.

Ai affecto
Lundum entendeu com eu
A gente está bem quieto.

Um lavar em seco a roupa
Um saltinho cahe não cahe ;
O coração brazileiro
A seus pés cahindo vai.

Ai esperanças
E' nas chulices di lá
Mas é de cá nas mudanças.

Este Lundum me dá vida
Quando o vejo assim dançar ;
Mas temo se continúa
Que Lundum me ha de matar.

Ai lembrança
Amor me trouxe o Lundum
Para metter-me na dança.

Nhanhã faz um pé de banco
Com seus quindins, seus popós,
Tinha lançado os seus laços
Aperta assim mais os nós.

Oh ! doçura
As lobedas de nhanhã
Apertam minha ternura.

Logo que nhanhã sahio
Logo que nhanhã dançou,
O cravo que tinha ao peito
Envergonhado murchou.

Ai que peito
Se quizer flores bem novas
Aqui tem amor perfeito.

Pois segue as danças di lá
Os di lá deve querer;
E se tem di là melindres
Nunca tenha malmequer.

Ai delirio
Ella semêa saudades
De encherto no meu martyrio.

A CURIOSIDADE

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Eu vi, eu vi (não é graça!)
De certo lugar occulto,
Em um corpo duas almas,
De dous corpos um só vulto.

O caso é bom,
Quero contar;
Porém chiton!...

Fui chegando pouco a pouco,
E ouvi sem ser sentido
Entre reciprocos mimos
Um soluçar repetido.

O caso é bom,
Quero contar;
Porém chiton!...

Appliquei mais os sentidos
E ouvi (se bem me occorre)
Uns me deixes de quem ama,
Um soluçar de quem morre.

O caso é bom,
Quero contar;
Porém chiton!...

Já em ancias gaguejando
Disse um, vendo-me á porta:
« — Vê que lá... lá. . vem gente! »
O outro: « Que... que... m'importa! »

O caso é bom,
Quero contar;
Porém chiton!...

Em laços, que amor urdia,
Ambos presos divisei;
O que fallavam ouvi;
O que faziam não sei.

O caso é bom,
Quero contar;
Porém chiton!...

EU VI UM ROSTO

Eu vi um rosto tão singello e bello
C'um sorriso liso,
Que ninguem comprehende;
Vi-lhe na fronte essa candura escura
Que arrebata e mata
Mas que não se entende.

Eu vi uns olhos pensativos, vivos
Que em fitando brando
Ficam côr de vinho;
E a linda boca—Oh quando a fecha, deixa
Dois valentes dentes de guarda ao focinho!

Oh! linda imagem, que m'inflammas, se amas,
Como eu creio e leio nesse olhar travesso,
Deixa que eu pense quanto doce fosse,
Que me désses desses beijos que eu te peço.

VIVA O ZÉ-PEREIRA

POESIA DE F. C. VASQUES

E viva o ze-Pereira
Pois que a ninguem faz mal!
E viva a bebedeira
Nos dias de carnaval.
Zim, balala! Zim balala!
E viva o carnaval!

Uma tarde passeando
La na rua do sabão
Eu fiquei sem meu chapeo
Por causa da viração.
Eu não sinto o meu chapeo
Nem que isto me aconteça,
Sinto só deixar com elle
A minha pobre cabeça.

E viva, etc.

Uma vez brincava eu
Com dois caroças de mangas,
E em casa sem querer
De vidro parti as mangas.
Fujo p'ra rua, que a velha
Queria escovar-me o pó,
E uma manga d'agua ensopa-me
As mangas do paletot.

E viva, etc.

Uma vez em certo hotel
Uma tainha eu comia,
Que o sujeito afiançava
Ser *pescada* n'esse dia.
Caça o dinheiro da gente
Com ella faz sua dita.
Sendo as vezes essas *casas*
Escassas varas de chita.

E viva, etc.

Pois bem, meu pae, eu ca fico
De sua *fazenda* guarda,
Mas como eu *administra*.
Quero já ter uma farda.
Isso até não se *pregunta*
Tendo o negocio na mão,
Eu havia de ter *pasta*
Da *fazenda* do *argodão*.

E viva, etc.

Vocês são uns idiotas
Em pensar que eu subo a serra,
Mas eu vou então provar-lhes
Como dou com tudo em terra!
Hei de dansar um can-can,
Que hade levar tudo a breca!
Embora que vocês gritem
— Oh Perereca! Oh Perereca!

E viva a Perereca
Pois que a ninguem faz mal,
Sem agua na caneca,
Nos dias de carnaval.

O Ze-Pereira no carnaval
Pode o *Zabumba* rebentar,
Mas depois d'esta folia
Outros lhe tomar o lugar.
Sem *mascaras* percorrem *elles*
As ruas d'esta cidade,

Arrebentando sem malho
A pelle da humanidade.

E viva o Ze-Pereira, etc.

O auctor manda pedir
Um pouco de paciencia,
Mais do que nunca precisa
Toda vossa intelligencia!
Deem palmas e desculpem
Este trabalho grutesco
Que devem se chamar
Les Pompiers de Nanterre.

E viva o Ze-Pereira.

A SERRANA

POESIA DE JUVENAL GALLENO

— Formosa serrana,
De rosto fagueiro,
Porque tu me queres
La juncto ao terreiro?...

— Eu quero que vejas
Medir meu café.
— Vae, mede sozinha,
Me diz quanto é.

— Ai, não, tenho medo,
De brigas até...
— Senhor, venha logo
Medir meu café.

— Acaso algum dia
De ti duvidei?...
— Receio os enganos;
Não posso... não sei...

— És muito teimosa'
— Teimoso quem é?...
Senhor venha logo
Medir meu café.

— Pois bem, não precisa
Que ralhes comigo,
Eu vou ao terreiro,
Serrana comtigo.

— Ai péza o meu cesto,
Me ajude, senhor!...
— Que dizes serrana!...
— Eu peço um favor...

— Chegamos, agora,
Formosa innocente...
— Enchi a medida,
Em seu rol assente.

— Oh! falta inda muito,
Assim me enganaes'
— Senhor o que é isto?
Alli tem de mais!...

— Serrana, o que dizes,
E' falso, não vejo:
Se queres que assente,
Completa co'um beijo.

— Não posso, pois nunca
Tiveste-me amor...
— Ingrata não fujas!
— Mi largue, senhor!...

— Não cores, serrana,
Co'a cor de café.
— Teus braços m'apertão
Co'a força do *imbé*!

— Tu és minha aurora,
Tu és meu feitiço!
— Ficar não querias?...
— Entenda eu lá isso!

— Pois bem no affecto
Promette-me fé.
— Adeus, que vem gente
Medir o café

E foi-se a serrana,
Correndo faceira,
Deixando—quem sabe? —
Paixão feiticeira
No moço, que scisma
Do pé sobre a *eira*.

FUJAMOS

POESIA DE BRUNO SEABRA

Fujamos! minhas florestas
Tem mais risos, tem mais festas
Que as salas do cortezão;
Querida, vamos querida,
Viver toda a nossa vida
Das florestas no sertão!

Ali não reina a mentira,
Não tem vassalo o Tymbira
Que todo o Tymbira é rei;
Nos reinos dos sertanejos
As leis se escrevem com beijos,
Liberdade—é nossa lei.

Ao lar da nossa choupana
Tu seras como a sultana,
Eu serei como o sultão;

Querida, vamos querida,
Viver toda a nossa vida
Das florestas no sertão!

O nosso leito de amores
Será de gramas, e flores
Perfumozas—de umery,
Que bem dormirás querida,
Alli— sorrindo com a vida,
Nos braços do teu pery!

Fujamos!... no sol da côrte
Ha sempre raios de morte,
Ha sempre luz de traição!
La dos sertões na floresta
O sol as flores não cresta.
Nunca mente o coração!

Fujamos!... vamos querida,
Viver longe a nossa vida,
D'esta vida cortezan;
No regaço da ventura
Aonde as leis da impostura
Não dão leis—as de Tupan!

TEU CORPINHO BRAZILEIRO

LUNDU'

Gentil Marilia, belleza,
Graça, meiguice, candura,
Só na tua formosura
Esgotou a natureza.
Nos quindins, na gentileza
Tu tens o lugar primeiro,
Tudo que ha lisongeiro
Que attrahe e qu'inspira amor,
Reune para mais primor
Teu corpinho brazileiro!

Tu tens tanta perfeição,
São taes teus dotes divinos,
Que os mesmos brutos ferinos,
Te rendem adoração:
Jove, a fulminante mão
Com que abraza o mundo inteiro,
Suspende qual sobranceiro
Quando vê, em ti, meu bem,
Brilhar os dotes que tem
Teu corpinho brazileiro!

Que vezes ao som da lyra
Uno teu nome de amor,
Dedicando em teu louvor
Quanto minh'alma respira!
O meu coração suspira

Em ver teu rosto fagueiro,
Teu rostinho feiticeiro
Que aos mortaes faz dura guerra,
Delicias de amor encerra
Teu corpinho brazileiro!

Mil dons que a fortuna cria,
Pejados cofres de ouro;
O mais sublime thesouro,
Mesmo o throno, a monarchia,
Por ti tudo eu deixaria:
Deixaria o mundo inteiro
Se á meu amor verdadeiro
Déssé ouvidos o meu bem,
Disso tudo que em si tem
Teu corpinho brazileiro!

OS VADIOS

Graças aos cèos, de vadios
As ruas limpas estão,
E cheia delles a casa
Chamada de correcção.

Já foi-se o tempo
De mendigar;
Fóra vadios,
Vão trabalhar!

Senhor chefe da policia,
Tem a nossa gratidão;
Por mandar esses vadios
P'ra casa de correcção.

Ja foi-se, etc.

Bem exacto, sois senhor,
Por essa deliberação,
Pois muita gente merece
A casa de correcção.

Ja foi-se, etc.

SÃO PROGRESSOS DA NAÇÃO

POESIA DE PORTO ALEGRE, MUSICA DE CANDIDO IGNACIO DA SILVA

Lá no largo da Sé Velha,
Se vê um longo tutú;
N'uma gaiola de ferro
Chamado *surucucú*.

Cobra feroz
Que tudo ataca;
Té d'algibeira
Tira a pataca.

Bravo da especulação
São progressos da nação.

Elephantes berrões,
Cavallos em rodopios,
N'um curro perto d'Ajuda
Com macacos e bugios.

Tudo se vê,
Misericordia !
Só por dinheiro
Ha tal mixordia.

Bravo, etc.

Garatujas mal cortadas,
Cosmoramas treplicados,
Fazem vermos toda a Europa
Por vidrinhos mal pintados.

Roma, Veneza,
Londres, Pariz,
Tudo se chega
Cá ao nariz.

Bravo, etc.

Os estrangeiros dão bailes
A regalar o Brazil;
Mas a rua do Ouvidor
E' de dinheiro um funil.

Lindas modinhas,
Vindas de França,

Nossos vintens
Lá vão na dansa.

Bravo, etc.

Agua em pedra vem do Norte
P'ra sorvetes fabricar;
De que nos servem os cobrinhos
Sem a gente refrescar?

A pitanguinha,
Cajú, cajá,
Na guela fazem
Taratatá!

Bravo, etc.

UM MOXOXO DE YAYA'

MUSICA DE RAPHAEL MACHADO

Mais gostoso que o quibêbe,
Que o zorô, que o vatapá,
E'—dado com certa graça,
Um moxôxo de yayá.

Fingindo desdem,
Com certo quindim,
Puxando os beicinhos
Ella faz assim...

E' quitute brazileiro
De comer e fazer—tá!
Temperado com arrufos
Um moxôxo de yayá.

Fingindo, etc.

Se é bello o amargosinho
Que tem o fresco aluá,
Tem mais gosto que azedume
Um moxôxo de yayá.

Fingindo, etc.

Excede até mesmo ao gosto
Do melado com cará,
O gosto, o sabor que tem
Um moxôxo de yayá.

Fingindo, etc.

Doce é elle, inda mais doce
Do que o doce de araçá,
A tudo excede em doçura
Um moxôxo de yayá.

Fingindo, etc.

Se acaso está zangadinha,
Querendo á força ser má,
Provocado é de matar
Um moxôxo de yayá.

Fingindo, etc.

LEILÃO

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Mandou-me Amor que puzesse
Em praça o meu coração;
Venham meninas depressa,
Que principia o leilão.

Tenho o coração em praça
Amor me manda vender,
Arremata-o quem mais der.

Elle disse que valia
Certa somma de finezas,
Que era traste muito proprio
Para servir a bellezas.

Tenho, etc.

Lançou-lhe uns olhos Nerina
Uns olhos que não têm preço,
Venham outros se ha melhores
Senão a ella o offereço.

Tenho, etc.

Não cuidem que tem Nerina
De graça o meu coração,
Dou-lh'o por seus olhos bellos
Venham vel-os e verão.

Tenho, etc.

E' por preço de ternuras
Que o meu coração darei,
Quem mais faz mais o merece
Já o preço estipulei.

Tenho, etc.

Eu recebo de Nerina
De ternura mil signaes,
Vou a dar-lhe o coração
Se não ha quem lance mais.

Tenho, etc.

NÃO HA QUEM AME, SEM TER CIUME

Meu amor é mais constante
Mais constante que ninguem,
Só comigo ella reparte
Os apuros que amor tem!

Secca a belleza,
Murcha o queixume
Não ha quem ame
Sem ter ciume.

Eu amo sómente a ella
Ella me ama tambem,
Só comigo ella reparte
Os apuros que amor tem.

Secca, etc.

MENINA, PORQUE RAZAO?

— Menina porque razão
Eu passo, sahes da janella?
— E' quando vou na cozinha
Botar fogo na panella...

Castiga, castiga
Seu bem aqui'stá;
Quem delle não gosta
De quem gostará?

— Menina porque razão
Quando passo não diz—entre?
— Ora, senhor, vá andando
De comportas, 'stou sciente...

Castiga, etc.

— Menina, se eu não sou bicho,
Se eu sou creatura humana...
— Ora, meu caro, outro officio
Com comportas não m'engana.

Castiga, etc.

— Menina tenho um vestido
Mui chique pr'a lhe trazer...
— Ora qual! diz o dictado
Que no ver está o crer!...

Castiga, etc.

BORBOLETA

Meninas ha que me chamam
Borboleta e beija-flor,
Porque dizem que eu a todas
Faço protestos de amor.

Como se enganam
Em tal pensar,
Jonia que diga
Se eu sei amar.

Porque olho com ternura
A's vezes para uma bella,
Me julgam sem mais nem menss
Apaixonado por ella.

Como, etc.

Dizem que as moças todas
Meus mimos e graças têm,
Decidirão no seu jury
Qu'eu não adoro a ninguem.

Como, etc.

Passa por certo entre ellas
Que a minha amante paixão,
Desfaz-se toda na lingua,
Sem chegar ao coração.

Como, etc.

SO' VOCÊ E' O MEU BEM!

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Menina minha menina
Que tanta gracinha tem,
Deixa lá fallar quem falla
Só você é o meu bem.

Todos vêm o meu amor
Todos minha paixão vêm,
Nem é preciso que o diga
Só voce é o meu bem.

Se a phrase do coração
Você já conhece bem,
Ouça que diz palpitando
Só voce é o meu bem,

Regale-se o rico avaro
C'os immensos bens que tem,
Eu outros bens não desejo
Só voce é o meu bem.

Creia-me minha menina
Deixe as suspeitas que tem,
E se é preciso eu lho juro
Só voce é o meu bem.

Ponha a mão sobre esta minha
Jure o que eu jurar tambem,

Eu por mim juro mil vezes
Só você é o meu bem.

Quem tem uns olhos tão lindos?
Tão linda boca quem tem?
Se você tem taes bellezas
Só voce é o meu bem.

Nada me importam as graças
Que as outras meninas tem,
As outras são bens dos outros
Só voce é o meu bem.

Arminda, escute um segredo,
Que não nos ouça ninguem:
Com as outras tudo é brinco,
Só você é o meu bem.

AQUI ESTA' QUE TODO E' TEU

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Meu bem, o meu nascimento
Não foi como elle nasceu;
Qu'eu nasci com coração,
Aqu'stá que todo é teu.

Apenas a minha vista
De ti noticia lhe deu,

Logo elle quiz pertencer-te
Aqui'stá que todo é teu.

Bebendo a luz dos teus olhos
Nella um veneno bebeu;
E' veneno que captiva
Aqui'está que todo é teu.

Elle em signal do seu gosto
Pulou no peito e bateu;
Vem vê-lo como palpita
Aqui'stá que todo é teu.

Para ser teu nhanhásinha
Não deixa nada de meu,
Té o proprio coração
Aqui'stá que todo é teu.

Se não tens mais quem te sirva
O teu moleque sou eu,
Chegadinho do Brazil
Aqui'stá que todo é teu.

Eu era da natureza
Ella e amor me vendeu;
Foi para dar-te um escravo
Aqui'stá que todo é teu.

Quando amor me viu rendido
Logo o coração te deu;

Disse menina recebe
Aqui'stá que todo é teu.

Unidos os corações
Deve andar o meu c'o teu;
Dá-me o teu, o meu 'stà prompto
Aqui'stá que todo é teu.

A NEGRINHA

POESIA DO DR. QUEIROGA, MUSICA DE ?...

Meu branquinho feiticeiro,
Doce yó-yó, bom irmão,
Adoro teu captiveiro,
Branquinho do coração.

Pois tu chamas de irmanzinha
A' tua pobre negrinha
Que estremece de prazer;
E vais pescar á tardinha
Mandy, piáu e corvina
Para a negrinha comer.

Meu branquinho feiticeiro,
Doce yó-yó, bom irmão,
Adoro teu captiveiro,
Branquinho do coração.

Teus cabellos tão macios
São de seda os fios;
Quando nelles passo a mão
O corpo todo me treme,
E dentro do peito geme
Com zelos meu coração.

Meu branquinho feiticeiro,
Doce yó-yó, bom irmão,
Adoro teu captiveiro,
Branquinho do coração.

Tua boca é mais cheirosa
Que lá do meu Congro a rosa,
Mais doce que o jatahy;
Se lá estivesse agora,
Se lá estivesse agora,
Os meus prazeres d'outr'ora
Deixára todos por ti.

Meu branquinho feiticeiro,
Doce yó-yó, bom lrmão,
Adoro teu captiveiro,
Branquinho do coração.

Branquinho do coração.
Toda a noite, todo o dia
Ah! sempre, sempre eu queria
Estar só a te abraçar;
Nem ha nada neste mundo

Que seja doce e jocundo
Como teus labios beijar.

Meu branquinho feiticeiro,
Doce yó-yó, bom irmão,
Adoro teu captiveiro,
Branquinho do coração.

Tu nunca deste pancada
Em tua negrinha amada,
Nunca, nem um beliscão;
Quando eu digo que te amo
E meu bemzinho te chamo
Tu me escutas com paixão.

Meu branquinho feiticeiro,
Doce yó-yó, bom irmão,
Adoro teu captiveiro,
Branquinho do coração.

De amores eu fico louca
Quando a tua linda boca
Doce me diz : « Vem, né-ne,
« Assenta ahi nesse estrado:
« Eu estou muito cansado,
« Vem me dar um cafuné.

Meu branquinho feiticeiro,
Doce yó-yó, bom irmão,
Adoro teu captiveiro,
Branquinho do coração.

E lá pela madrugada
Quando o somno mais agrada
Ao ouvido me vens dizer:
« Negrinha fica deitada
« Que está fazendo geada,
« Dorme até o sol nascer. »

Meu branquinho feiticeiro,
Doce yó-yó, bom irmão,
Adoro teu captiveiro,
Branquinho do coração.

De manhã vais caçar paca
Lá no corgo da resacca,
Trazes paca e tymboré;
Voltando já á noitinha
Tu vens comer co'a negrinha
Quitute no caboré.

Meu branquinho feiticeiro,
Doce yó-yó, bom irmão,
Adoro teu captiveiro,
Branquinho do coração.

A UMAS PERPETUAS DADAS POR UMA PERPETUA

Meu raminho de perpetuas,
Se és perpetuo toda a vida,

Faze que seja perpetua
A minha Perpetua q'rida.

No viver tu és perpetuo,
Eu perpetuo no amor;
Tens perpetua rescendencia,
Eu perpetua a minha dôr.

Ai, Perpetua, amo as perpetuas
Só pela perpetuidade,
Mas não quizera Perpetua
Minha perpetua saudade.

QUER SER COMMENDADEIRA DA ORDEM DA CREAÇÃO

POESIA DE XAVIER DE NOVAES, MUSICA DE SOLLER.

Meu pai tenha paciencia,
Mande sangrar a algibeira:
Preciso de uma *Excellencia*,
Quero ser commendadeira.
Deos não quiz fazer sómente
Do mundo os homens senhores;
Nós apenas somos gente,
Elles são commendadores.

Isto, papai, não tem geito,
Não vai bem o mundo assim;

Tanta falta de respeito
E' mister que tenha fim:
Tem papai quatro commendas,
E vejo-o sempre em contendas
Porque'um visinho tem seis;
E sua filha, coitada,
Não tem commenda nem nada,
Por causa de trinta reis!

Eu já sei que o papai trata
De casar-me, e é bem preciso;
Mas assim, tão lisa e chata,
Só marido chato e liso.
Eu tenho *nobreza* em saias,
E nas calças tenho *renda*;
Faltão no dote as alfaias,
E é rica alfaia a commenda.

Sou cantora d'alta monta,
No piano sem rival;
Canta o *Orpheo* ponta a ponta
Tóco o hymno nacional;
Sem picar as mãos na agulha,
Na educação faço bulha,
Tudo que é bello aprendi:
Estudando as linguas vivas,
Domino-os como captivas,
Digo já,—*yess* e *oui*!

Commendas não se consommem,
Riquezas botão-se fóra—:

E commendador e homem
São synonimos agora,
De Deos a lei nos insina
Dos dous sexos a tendencia,
Commenda só masculina
Não pode ter descendencia.

Se um rasgo de bom juizo
Commenda macha nos deu,
Commenda femea á precisa,
Que propaga o que nasceu.
Mando assim a natureza:
O marquez tem marqueza,
Tem baroneza o barão,
Seja nobre a terra inteira:
Quero ser commandadeira,
Da *Ordem da Creação*.

A QUITANDEIRA BAHIANA

Meu querido iôyôsinho
Eu sou filha da Bahia,
Porque passa sem comprar,
Um figo, uma melancia?

Porque yôyô quando passa
Os olhos quebra p'ra mim?
Olhe, iô-iô, p'ra quebranto
Tenho figa de marfim!

Iôyô me compre esta fructa
Do meu lindo taboleiro;
Pegue n'ella meu yôyô,
Pegue ande, tome o cheiro.

Manga é quasi sem caroço
Que iôyô ha de chupar....
Porem tambem se quizer
Muito caro ha de pagar...

Veja como está madura,
Bonitinha avermelhada...
E' *escorregar* com os *cobres*,
E dê lá sua *dentada*.

Então gostou, meu yôyô?
Isso mesmo eu lhe dizia,
Já vê que fructas gostosas
São as que vem da Bahia.

É TÃO BOM, NÃO DOE NEM NADA.

LUNDU'

Minha doce yayásinha
Quando está toda enfadada
Dá pancadinhas na gente...
E' tão bom, não dóe, nem nada.

Gosto della só por isso,
Que a pancada tem feitiço.

A's vezes bulo com ella
Para vêl-a amofinada,
Me dá, me pucha os cabellas
E' tão bom, não dóe, nem nada.

Gosto della só por isso
Que o enfado tem feitiço.

Hontem brincando comigo
Me pregou uma dentada,
Exclamei, mesmo ferido,
E' tão bom, não dóe, nem nada.

Gosto della só por isso,
Que a dentada tem feitiço.

Um dia dando-lhe um beijo
Pôz-me a lingua ensanguentada,
Então me rindo lhe disse —
E' tão bom, não dóe, nem nada.

Gosto della só por isso.
Que seus modos tem feitiço.

MINHA TERRA TEM PALMEIRAS

PARODIA DA CANÇÃO DE GONÇALVES DIAS

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá,
Macacos e bananeiras,
Papagaios, boitatá ;
E' terra de feiticeiras
A terra do geribá ;

Mas tambem tem mais *cositas*
Que o vate não quiz cantar ;
Além das moças bonitas
Que adrede quiz olvidar :
Tem novellas exquisitas,
Que ha de a historia rabiscar.

Minha terra tem cantores
De imaginação fogosa,
Que só cantão vãos amores
Que é molestia lacrimosa,
Esquecendo-se e entre as flores
Do gaiato Juca-*Rosa* !

Minha terra é justiceira
E protectora do pobre ;
Quando vê que ha ladroeira
No seu povo, augusto cobre
Indaga-se a brincadeira
Foi lembrança de algum nobre !

Boa terra, eu te bemdigo
Na sombra dos meus coqueiros,
Mas quero ver se comsigo
Voto de alguns fazendeiros
Para dar fundo commigo
Nos profundos estaleiros.

Não fallo desse estaleiro
Onde se bate a moeda,
Onde se funde o dinheiro
Que salva os bancos da quéda,
Quando não tem padroeiro
Que desse golpe os arreda.

Ah! Não, que eu tenho a mão grossa
E o azinhavre nodôa
A quem do pouco se apossa
E deixa o melhor atôa,
Só por pensar que uma cóssa
Não ha de ser cousa bôa!

Fallo da casa onde a gente
Já vive mais descansado,
Onde as leis annualmente
Quasi sempre *orção* de lado,
Fallo, emfim, do immortal ente
A quem chamamos senado.

Ah! se eu me apanhasse estendido
Naquellas fofas cadeiras,

A ler da historia de Dido
As anecdotas guerreiras,
E do futuro esquecido
Passar semanas inteiras !...

Mas... não, que se eu pretendesse,
Dormindo ao leme do Estado,
Esperar que a onda viesse
Com o vento de braço dado
Levar-me o barco e a mésse
Que eu nelle tinha guardado.

Eu não sei o que seria
Do meu orgulho, por Deus :
Qual Quinto Carlos iria
Sepultar os dias meus
Entre os frades e ouviria
Por minha alma os cantos seus!

Safa ! Não quero : essa graça
E' só capaz de matar ;
Meus versos nem por chalaça
Querem tal cousa provar,
Por não ouvir pela praça :
— Lá vai elle !—Perfilar !

Se eu fosse rico e barão
Na terra dos capoeiras,
Que me importava o pregão
Dessas folhas *jarnaleiras*,

Se para ser-se ladrão
Não bastam provas ligeiras?

Na terra de Casimiro
Onde canta o sabiá
E' eloquente o suspiro
De uma morena yayá,
Por quem eu pasmo e deliro
Co'as flores no samburá!

Ora adeus, terra de flores,
De *Rosas* e manos Jucas,
De Jucas Rosas, e amores
Caçados em urupucas,
E' melhor ser, meus senhores,
Filho (ou genro) das Molucas!

Alli não ha figurões,
Que com honras na *casaca*
Deixem os seus corações,
Frios quaes folhas de faca,
Vender-se pelos balcões
Como toucinho em bruaca!

Na terra de Magalhães,
Que o Corso audaz decantou,
Atam pedras, soltam cães
Contra aquelle que engeitou
Dos talentos charlatães
A sciencia que os formou!

Como os pardos, eu dizia,
Ou como os *verdes*, que um dia
Roubão do gato a viveza,
E que electricos ferindo
C'os *amarellos* vão indo
Para a *nacional* grandeza!

Em narizes não fallamos,
Porque os moldes que encontramos
De que terra são não sei:
Ha nariz de toda a marca
Desde o que serve ao monarcha,
Atê um que é *quasi-rei*.

Talvez na Babel de agora
Em vez da lingua, que outr'ora
Se trocou fosse o nariz,
Que dos tucanos a raça
Mandasse vir por chalaça
Para os homens—de Paris!

Nas terras do Ybiticuára
Onde espalma azas a arara
Cousa pasmosa eu ja vi,
É que a cabeça do moço
Sempre em cima do pescoço
Não se desloca d'alli.
Nas mulheres... psio! Caluda!...

(Esta boa linguaruda
Ia mettendo-me a pique!)

Não quero que o namorada,
« Meiga estrella da alvorada »
Faça della o seu debique!

Passa fóra! (a bossa -entende-se)
Que a namorada (comprehende-se)
Não sou capaz de *enxotar* ;
E' mais facil a um parente
Para mandar de presente
Seus *mimos* encaixotar!

Constão os taes de dez cartas
De aromas mais do que fartas
E o seu cabello em trancinhas.
O qual para não safar-se
Do peito onde foi plantar-se
Vem preso a rubras fitinhas!

Quanta belleza de estylo!
Eu não sei mesmo se aquillo
Era discurso ou sermão :
Tinha versinhos em prosa,
Cuja syntaxe engenhosa
Titillava ao coração.

E' uma gloria adorar-se
Um *anjo* tal e casar-se
Sem mais noticias... e cousas,
Antes que o tempo das chuvas
Amadureça estas uvas
Na guella de outras rapozas.

PADECIMENTO

POESIA DE A. J. DE SOUZA, MUSICA DE A. L. DE MOURA

Mulata, tu és a causa
De eu andar aos trambulhões,
Levo chulipa—supapo,
Cacholeta—pescoções.

Ando cégo—atoleimado,
Dou nas portas narigadas,
Babo-me todo, me esfollo,
Me arranho—dou canelladas.

Tenho os olhos inflammados,
A cara toda papuda,
Bebo agua choca com bichos,
Como barata cascuda.

Mulata, tu és a causa
De eu tornar-me um lambasão ;
Lambo o ranho do nariz,
Dou cambalhotas no chão.

Tusso, espirro, escarro, cuspo,
Mas me falta não sei que ;
Bebo cana, masco fumo,
Só de amores por você.

Mulata, minha mulata,
De teu bem tem piedade,
Fazer bem a quem padece
E' virtude—é caridade.

Mulata, morrer por ti
E' agora o meu officio,
Ou dá a meu mal alivio
Ou me manda para o Hospicio.

MULATINHA DO CAROÇO

Mulatinha do caroço
No pescoço,
Eis aqui o teu cambão :
Mette o ferro d'aguilhada,
Minha amada,
No teu dengue cachorrão.

Eu gosto da côr morena,
Sempre amena,
Que me prende e me arrebata;
Essa côr é da faceira,
Feiticeira,
Mulatinha que me mata.

Eu gosto dos olhos della,
Quando ella
Para mim os quer volver ;

Esses olhos melindrosos,
Tão formosos,
Dizem sim até morrer.

Não gosto da côr do lyrio,
Que dilirio
Vi causar já de repente:
Nem tambem da côr saturna,
Ou nocturna,
Que o sepulchro traz patente.

Amo a côr que se colloca
Na pipoca,
Na parte que não rebenta:
Essa côr, assim querida,
E' conhecida
Nos bollinhos de mãi Benta.

Oh! que sim, por essa côr
Do do meu amor,
Me derreto e m'espatifo:
Tenho febre, tenho frios,
Calafrios,
Tenho gosma tenho typho.

Fura, fura, minha bella,
Na costella
Do teu grato camafeu:
Dar-te-hei o que puder,
Se és mulher,
Meu amor de ti nasceu.

Dar-te-hei o que quizeres,
Se fizeres
Quanto trago em minha mente;
Nos teus braços, meus cuidados,
Oh! peccados!...
Vai-te embora, que vem gente!

O SOLDADO E A COZINHEIRA

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA

— « Não fujas, ó minha bella,
Attende a este meu rogo;
Sou soldado, ó cozinheira,
Como tu gósto do fogo!

« Tu vives constantemente
Junto ao teu cão e fogão;
Pois tambem minha arma antiga
Tem seu fogão com seu cão.

« Tu entras em brava guerra
Matas gallinhas, leitões;
Eu cá tambem metto a espada
Em inteiros batalhões!

« Gostas do sangue, que corre,
Não te causa nada horror;

Assim tambem sou eu mesmo,
Vejo o sangue sem pavor.

« Co'os mortos passas os dias
Os teus bifes a bater ;
Tambem bato os inimigos
Para mil mortos fazer.

« O fogo é nosso elemento,
Tu e eu somos de fogo ;
Tu nasceste no Vesuvio,
Eu nasci no Botafogo. »

NÃO POLKAS ?

POESIA DE UMA NICTHEROHYENSE, MUSICA
— OH ! QUE LINDA MOÇA !

Não polkas, Cazuza ?
Ai ! vamos polkar ;
Eu quero em meus braços
Prender-te com laços.
Eu quero correndo,
Na polka me erguendo
Comtigo sonhar !

Ai ! vamos, corramos
E nada temamos
No nosso polkar ;

Meu peito estremece :
A' orchestra parece
Que quer acabar !

A polka não cansa
Ai ! vamor polkar...
Eu quero correndo
E tonto te vendo
Dizer-te um segredo
A furto... com medo,
Depois me sentar.

Eu quero cançada
Comtigo abraçada
Dizer-te—meu bem—
Eu quero mostrar-te
Que só hei de amar-te
A ti—mais ninguem.

No forte da polka
Não fujas de mim...
Não vês que enlouqueço,
Por ti só estremeço ?
Não fujas querido...
Me tens entendido ?
Não sejas assim !

Corramos, meu bem,
Comigo ninguem
Jámais polkará :

Sou tua e és meu...
Por tudo que é teu,
Sagrado que ha !

A TERNURA BRAZILEIRA

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Não posso negar, não posso,
Não posso por mais que queira,
Que o meu coração se abraza
De ternura brazileira.

Uma alma singella e rude
Sempre foi mais verdadeira,
A minha por isso é propria
De ternura brazileira.

Lembra na ultima idade
A paixão lá da primeira,
Tenho nos ultimos dias.
A ternura brazileira.

Vejo a carrancuda morte
Ameigar sua vizeira,
Por ver que ao matar-me estraga
A ternura brazileira.

NÃO TE RIAS OH MENINA

POESIA E MUSICA DO DR. J. M. NUNES GARCIA

Não te rias oh menina
Que teu riso é venenoso,
O maior dos teus agrados
Me foi sempre suspeitoso.

Vai-te, ó menina,
Não te lamentes,
Que bem conheço
Como tu mentes.

Emquanto por ti chorei
Cruel foste p'ra comigo,
Cançado d'amor sem fructo
No silencio achei abrigo.

Vai-te, etc.

E' amor tão transitorio
Que achei loucura amar,
Pois se hoje amor dá risos
Amanhã nos faz chorar.

Vai-te, etc.

Não procurei a ventura
Mas emfim estou venturoso,

Regeitando teus agrados
Eu me vejo mui ditoso.

Vai-te, etc.

E' das bellas regeitado
Quem lhes não captiva a alma,
Mas eu qu'as bellas regeito
De amante não quero a palma.

Vai-te, etc.

A LAVADEIRA

POESIA DE M. M., MUSICA DE ARVELLOS

Neste mundo a lavadeira
Não póde ter coração,
Seus amores devem ser
A gamella e o sabão.

Yôyo me desculpe
Não seja teimoso,
Quem é que recusa
Namoro rendoso,

O meu lindo estudantinho
Se não tem roupa lavada ;
Diz que foi ver freguezia
Por entre a raprziada.

Yôyô, etc.

Mas se as vezes eu encontro
Mocinhos apatacados,
Não lhes hei de dar com gosto
Os botões mais bem pregados.

Yôyô, etc.

Então sim, lá mesmo á casa
A roupa lhe vou buscar;
Elles dão-me em tróca disso,
O dobro se a fôr levar.

Yôyô, etc.

Assim vou passando a vida
Suave como ninguem,
Pois desses moços assim
A roupa nem sujo tem.

Yôyô, etc.

E affirmo que apezar
De não ser má lavadeira,
Vale mais o meu sabão,
Que a gomma da engommadeira.

Yôyô, etc.

DIGA, NHANHÃ SEREI FELIZ ?

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Nhanhã eu digo a você
Diga-me você a mim,
Estou morrendo de amor,
Estará você assim?

Diga nhanhà
Serei feliz?
Eu tenho dito,
Você que diz?

A's vezes não pode a boca
Tudo o qu'eu sinto dizer;
Ponho o coração nos olhos,
Pode alli nhanhà vir ver.

Diga, etc.

Ponha a mão sobre o meu peito
Porque as duvidas dissipe;
Sentirá meu coração
Como bate tipe, tipe.

Diga, etc.

Não cuide nhanhã não cuide
Qu'ella seja pequenino;

E' mui grande, mas por medo
Bate assim de vagarinho.

Diga, etc.

Se você quer animal-o,
Verá que bate mais forte;
Qu'em você o consolando
Hade bater d'outra sorte.

Diga, etc.

FLOR DAS MATTAS

POESIA DE BRUNO SEABRA

Nos sertões, entre os verdores,
Ha uma flor—entre as flores
Que n'outras terras não ha;
A morena sertaneja,
Que nas florestas vicejo,
Só nas florestas de lá.

No leito de flor das selvas,
De folhas de murta e relvas
Que brotam nos devezaes,
As quentes sestas nas matas,
Ao murmurar das cascatas,
Dorme á sombra dos palmaes.

Embalada docemente,
Pela brisa rescendente
Dos perfumes do sertão
Na leve rede de pennas,
Com saudosas cantilenas
Acalenta o coração.

Ai! se a topa adormecida
Na rede, ou relva florida,
Esta caça—o caçador!
Perde o rasto do galheiro,
E vai cahir prisioneiro
No doce laço de amor!

Com fitas côr de *esperanças*
Sertaneja prende as tranças
Com que prende os corações;
A baunilha, o cravo, a rosa
Ornam-lhe da fronte airosa
As naturaes seducções.

E'-lhe a existencia—um festejo,
Faz-lhe a floresta—cortejo,
Dão-lhe flores—os vergeis;
Na choça,—seu regio paço,
A rede é como um regaço
De amores, fructos e méis!

Ai! sertões dos meus amores,
Onde nasce entre os verdores
A mais linda *manacá*,

A morena sertaneja,
Que nas florestas viceja,
Só nas florestas de lá!
Quem me déra...

SE O MEU BEM NUNCA MUDAR

Novos ares, novos climas
Irei longe respirar,
Lá mesmo serei ditoso
Se o meu bem nunca mudar.

Esses mares solitarios
Vou chorando transitar,
Mas depois ver-me-hão alegre.
Se o meu bem nunca mudar.

O riso que nos meus labios
Viam constante pairar,
Verão de novo raiando
Se o meu bem nunca mudar.

Porém a ausencia me priva
Ao della me separar,
O prazer que hei de sentir
Se o meu bem nunca mudar.

AMOR DO BRAZIL

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA.

O amor que è cá do reino
E' um amor caprichoso;
O do Brazil todo á doce
E bem bom e bem gostoso.

Gentes como isto
Cá é temperado,
Que sempre o favor
Me sabe a salgado;
Nós lá no Brazil
A nossa ternura
A assucar nos sabe,
Tem muito doçura,
Oh! se tem! tem.
Tem um mel mui saboroso.
E' bem bom, é bem gostoso.

Eu tremo se o meu bem vejo
Enfadadinho e raivoso,
Mas o momento das pazes
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Um certo volver dos olhos
Inda um tanto desdenhoso,

No meio disto um suspiro
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Um dizer-me vá-se embora
Com um adeos cicioso,
E um apertinho de mão
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Um ir vêr-me da janella
Com um modo curioso,
E então assoar-se a tempo
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Um temer um ladrãosinho
Que me assaltasse aleivoso,
Bater-lhe por isso o peito
E' bem bom e bem gostoso

Gentes, etc.

Ao moço que me acompanha
Um perguntar cuidadoso,
Um ai de desasustar-se
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Quando triste estou em casa
A recordar-me saudoso,
Um recadinho que chega
E' bem bom e bem gostoso

Gentes, etc.

Um escripto em duas regras
D'um modo mui amoroso,
Um misturado de letras
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Vir a gente rebolindo
Ao chamado imperioso
Ouvir-lhe *apre inda não chega* !
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Chegar aos pés de nhanhã,
Ouvir chamar preguiçoso,
Levar um bofetãosinho,
E' bem bom e bem gostosa.

Gentes, etc.

O BANQEIRO

MUSICA DE ALMEIDA CUNHA

O diabo da menina
Comigo se enrabichou,
De tal modo que por mim
Um banqueiro abandonou.

Dava-lhe o rico banqueiro
Seiscentos mil réis mensaes,
Eu por dia dou-lhe cinco,
E a menina pede mais.

Pede mais, mas não me deixa,
Gosta mais do meu dinheiro,
Acha mais gosto nas minhas
Que nas notas do banqneiro.

Trata as minhas com apreço,
Trata as delle com desdem ;
Eu não sei, ella é quem sabe,
As minhas que gosto têm.

O banqueiro é um labrego,
Grosseiro por natureza,
Talvez que as notas nem saiba
Dar-lhe com delicadeza.

Elle dá notas mensaes,
Eu dou as minhas por dia,

Com toda a delicadeza,
Com toda a diplomacia.

As vezes eu dou-lhe as notas
Com geitos e modos taes,
Que em suspiros, dá-me em troca
Ternas notas musicaes.

Feito o troco diz tomando
A bolsa do meu dinheiro ;
— « Quem é que troca essa bolsa
Pelo banco de um banqueiro !

O LADRÃO DO FRADEZINHO

O ladrão do fradezinho,
Deu agora em confessor,
Eu em confissão lhe disse,
O' frade não quero amor.

Este amor não é meu,
E' de Raphael,
Quando Raphael fôr
E' de quem quizer ;
Aturai minhas raivas,
Meus calundús,
Apezar das cousinhas
Que eu bem quizer,
Ai ! me larga diabo,

Ai ! me solta demonio ;
Diabo do frade !
Que frade danado,
Me solta os babados
Meu bom Santo Antonio.

Elle um dia me encontrou
Lá na rua do Ouvidor,
Eu gritando lhe disse ;
— Frade não quero teu amor.

Este amor não é, etc.

Frade se queres ter vicio
Antes seja jogador,
Vá encommendar defunctos
Na igreja de S. Salvador.

Este amor não é, etc.

O MEIRINHO E A POBRE

DUETTO

Meir. — Olá, vamos sem demora
P'ra casa da correcção;
Tanto pobre na cidade,
Não está má vadiação.

Pob.— Veja bem, Sr. meirinho :
Deste lado estou esquecida,
Esta mão p'ra nada serve,
Deste olho estou perdida,

Meir.—Minha pobre, não m'embaça,
Póde muito bem servir,
Inda moça reforçada,
Deixe a vida de pedir.

Pob.— Como poderei viver,
Sem esmolas dos fieis ?
Sr. meirinho vá s'embora
E me dê alguns dez-réis.

Meir.—Marche já minha devota,
Tenho ordens apertadas ;
Velhas, tontas, moças, tortas,
Irão todas amarradas.

Pob.— Se me leva, senhorzinho,
Muita casa o sentirá,
Dos meninos que educo,
Coitadinhos, que será ?

Meir.— Oh ! mulher, não sei que diz,
Venha já para a prisão...
Pob.— Ah ! me deixe, senhorzinho,
Qu'eu lhe dou meu coração.

Ambos.— Já que o amor assim nos prende,
Da policia escapemos,
Pois se desta nós zombamos
Com amor os não podemos.

Pob.— Eu sou pobre, isso é verdade,
Mas sou pobre mui fagueira,
Sei dançar o miudinho,
Sei puxar minha fieira.

O Brazil tem seus meirinhos
Que nos prendem com ternura,
Porque os moços brazileiros
Tem feitiços, tem doçura.

Meir.— Tambem tem nesta cidade
Pobrezinhas com desdem,
Ellas fazem traquinadas
Com artes não sei de quem.

Da justiça official
Nem por isso sou marreco,
Quando estendo minha gambia
Sou mais leve que um boneco.

Ambos.— Pois vivamos sempre juntos,
Meirinhando com pobreza,
Pois amor quando nos prende
Não, não s'importa com riqueza.

O' MEU BEM, SE VOCÊ VISSE...

LUNDU'

O' meu bem, se você visse
Meu coração como está ;
Verias que p'ra castigo
Teu rigor já basta já.

Agora supplico
Soccorro perdão,
Pancadinhas assim
Não me de mais não.

Yayazinha é d'aquellas
Que castiga sem ralhar ;
Dá pancadinhas na gente
Caiadinha sem fallar.

Agora, etc.

Yayazinha, por quem é.
Tenha dó do seu captivo,
Pois que de tanto chorar
Não sei como inda 'stá vivo.

Agora, etc.

AONDE ESTA' O MEU BEM?

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

O meu coração palpita
Continuos pulos me dá ;
Elle pergunta inquieto
Aonde o meu bem está :

E onde está o meu bem.

Ao depois que eu não sei della
Tambem de mim não sei já ;
Voa amor, e vai saber
Aonde o meu bem está :

E onde, etc.

O caminho que ella piza
Aspro caminho será ;
Vai amor espalhar flores
Aonde o meu bem está :

E onde, etc.

O Sol c'os ardentes raios
A terra alli queimará
Vai amor cobrir c'os as azas
Aonde meu bem está :

E onde, etc,

Pelas desertas campinas
O meu bem se assustará;
Leva esta alma destimida
Aonde meu bem está:

E onde, etc.

De quem por ella suspira
Talvez não se lembrará;
Leva amor os meus suspiros
Aonde meu bem está:

E onde, etc.

A triste melancolia
Tristemente a seguirá;
Leva amor doces prazeres
Aonde meu bem está:

E onde, etc.

Que tempo estarei sem vêl-a!
Dize, amor, quanto será;
Traze o meu bem, ou me leva
Aonde o meu bem está:

E onde, etc.

A MULATINHA E NHONHO

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA

—Onde vai, sinhá, tão chique ?
Que bonita mulatinha !
— Nhonhô, não bula commigo,
Deixe seguir quem caminha.

— Onde vai com tanta pressa
Que não me deseja ouvir ?
— Vou à missa, como sempre,
Deixe-me nhônhô, seguir.

— Porque não dá-me um beijinho
Que mate esse meu feitiço ?
— Oh gentes ! que moço este !
Pois então eu cá sou disso?

A MARREQUINHA DE YAYÁ

POESIA DE PAULA BRITO, MUSICA DE F. M. DA SILVA

Os olhos namoradores
Da engraçada ya-yázinha,
Logo me fazem lembrar
Sua bella marrequinha.

Yayá, não teime,
Solte a marreca,
Se não eu morro
Leva-me a breca.

Se dançando a *brazileira*
Quebra o corpo a yayázinha,
Com ella brinca pulando
Sua bella marrequinha.

Yayá não, etc.

Quem a vê terna e mimosa
Pequenina e redondinha;
Não diz que conserva presa
Sua bella marrequinha.

Yaya não, etc.

Na margem da Caqueirada
Não ha só bagre e tainha,
Alli foi que ella creou
Sua bella marrequinha.

Yayá não, etc.

Tanto tempo sem beber,
Tão *jururú*... coitadinha...
Quasi que morre de sêde
Sua bella marrequinha.

Yayá não, etc.

O PICA-PÁU ATREVIDO

(FADO MINEIRO)

Oh pico-pau atrevido,
Atrevido pica-páu,
Que anda de galho em galho
Picando de páo em páo.

Para aonde vai,
De onde vem:
Se você vai
Eu vou tambem,
Se você fica
Adeus meu bem.

A lagoa já seccou
Onde a pomba ia beber;
Não se pode ter amor
A quem não sabe agradecer

Para onde, etc.

Atrevido pica-páo
Fez de um páo o seú tambor.
Para tocar a alvarada
Na porta do seu amor.

Para onde, etc.

O PAI AVO

Pai avô era tão velho
Que de velho caducou;
Se de velho não morresse,
Era eterno o pai avô.

Quinhentos gallos de fama,
E jamais nenhum cantou;
Isso por causa do ronco
Do papo do pai avô.

Quinhentas braças de terra
Todas no chão afundou,
Sómente com o balanço
Do andar do pai avô.

Quinhentas onças comerão
O papo do pai avô;
As onças se enfastiarão
E o papo ainda ficou.

Quinhentas peças de panno
No leilão se arrematou,
Todas p'ra fazer tirantes
Dos calções do pai avô.

Quinhentas mil lavadeiras
Certo dia se chamou.
Para lavar a catinga
Dos calções do pai avô.

AMORES BRASILEIROS.

POESIA DO DR. QUEIROZ, MUSICA DE ?...

Pelas cidades e mattas
Ca do Brazil viajei.
Morenas, alvas, mulatas
Com ternos quindins amei.

Não era por inconstante
Isso não: era prudencia,
Que as bellas têm genio errante
Conheci por exp'riencia,
E julguei qu'era melhor
Fugi-las eu d'antemão,
Que vê-las com tanto amor,
Bem que tivessem razão.

Pelas cidades e mattas, etc.

A cortezã Carioca
Tem amores exquisitos,
Canta bem, e dansa, e toca
Com luxos e faniquitos;
Mas della Deus me defenda,
Não gosto de hypocrisia;
Doce amor a amor se rende,
Mas sem tanta cortezia.

Pelas cidades e mattas, etc.

Da Parahyba as meninas
Com pasteiszinhos de nata,
E faceirices malinas
D'amores a gente mata :
« Porque não foi, como disse,
A' fonte do Tambyá,
« Preferio a golodice
« Lá da casa de yá-yá ? »

Pelas cidades e mattas, etc.

Mãosinhas e pés pequenos,
A tez de morbida alvura,
Languidos olhos serenos
A derramarem ternura,
A todas em mimo excede
N'á Tudinha de S. Paulo ;
E' houri de Mafamede,
Foi meu celeste regalo.

Pelas cidades e mattas, etc.

« *Ai ! mecê já me não gosta,*
« Custa tanto apparecer !
« Quer fazer comigo aposta
« Que novo amor já vai ter ? »
E como zangado eu fiquei
Dos dedos fórma um grupinho
Com denguice, e pudor chique
De lá me atira um beijinho.

Pelas cidades e mattas, etc.

Cahi em fim prisioneiro
De sinhá mineira bella,
Adoro seu captiveiro,
Fiel serei sempre a ella.

Pelas cidades e mattas, etc.

A Bahiana dengosa,
Com um sorriso brejeiro,
Me dá garapa gostosa
De que ella bebeu primeiro,
E na esteirinha assentados
Ao alvissimo luar
De vatapá os bocados
Na boca me vem botar.

Pelas cidades e mattas, etc.

Quantas delicias me deu
Pernambucana yayá,
Quando de mim se escondeu
Nos banhos de Canxagá ?
« Vamos p'ra casa priminho,
Diz appressada a vestir-se;
« Nesse banheiro vizinho
« Tem gente que está a rir-se.

Pelas cidades e mattas, etc.

Minha lyra bandoleira
Só por ella hei de tanger,

Mas com saudade fagueira
De meu antigo viver.

Pelas cidades e mattas, etc.

A SAIA-BALÃO

POESIA DE EMILIANO DA SILVEIRA

Petit-maitre, afasta, afasta
Deixa passar o *balão*,
Que quasi encalha nos beccos
Nas tardes de viração.

Entre a gente de bom gosto
E' geral a opinião,
Não haver cousa mais linda
Que as arcadas de um *balão*.

As damas de nossa terra
Cada qual tem mais brasão,
Quando se mettem no centro
Das arcadas de um *balão*.

Já não se falla em anquinhas,
Nem nas modas que lá vão,
Porque não enfeitam tanto
Como as saias a *balão*.

Se vemos a moça bella
No andar varrer o chão,
E' porque traz a vassoura
Nas arcadas do *balão*.

Se a moça passa, garrida,
Esbelta, sem ter senão,
E' que os defeitos s'escondem
Nas arcadas do *balão*.

O balão foi um progresso
Da presente geração,
Corrigem muitos defeitos
As arcadas de um *balão*.

Torna gentil a disforme,
Dá belleza e perfeição,
Para tudo dão remedio
As arcadas de um balão *balão*.

Os pobres pais de familias
Achão boa esta invenção,
Que em lugar de vinte saias
Combram sómente um *balão*.

Já se diz lá pela Europa
Que o proprio Napoleão
Vai mandar armar as calças
Com arcos—como o *balão*.

COMTIGO SO POSSO EU

POESIA DE UMA FLUMINENSE, MUSICA : *Eu posso com mais alguem.*

Porque duvidas de mim?
De um amor que é todo teu?
Apre la com teus ciumes!
Comtigo só posso eu.

Quem tam pouco confiança
Na cabeça te metteu!
Teus amôos não mereço;
Comtigo so posso eu.

Taes duvidas bem mortificam
O sincero peito meu;
So eu posso supportar-te;
Comtigo so posso eu.

Diz-me pois, meu amuado
Esses zelos quem te deu?...
Taes ciumes são denguices;
Comtigo so posso eu.

Confia, meu bem, em mim
N'um peito que é todo teu;
Amor, ternura constancia
Quem te consagra sou *eu.*

QUALQUER MULHER QU'ENCONTRARES

Qualquer mulher qu'encontrares,
Seja bella, ou seja feia;
Gritai logo,— boca cheia
—Jesus' nome de Jesus!

Fogi d'ella, filho meu
Como o diabo da Cruz.

Se a encontrares de tarde
Passeando muito airosa
Té que a lua vagarosa
Apresente a sua luz;

Fogi d'ella, etc.

Se olhares para traz
E ella te olhar tambem,
Mostrando sem pejo á quem
Só quer vêr os hombros nús;

Fogi d'ella, etc.

QUANDO EU ERA PEQUENINO

Quando eu era pequenino,
Que diabinho
Mais travesso havia então!

Quando as moças me beijavão,
Me abraçavão,
Já lhes dava beliscão...

E brincava c'o a priminha
Mariquinha,
Escondidos no quintal;
Era tão bom o brinquedo,
Em segredo...
A' sombra do laranjal...

Lá beijava-lhe a boquinha,
Fechadinha,
Como da rosa o botão;
E se ao beijal-a sorria,
Eu sentia
Palpitar-me o coração.

Mas hoje porque sou grande,
E s'expande
Em meu peito mais ardor;
Já não acho quem me beije,
Quem deseje
Ou acceite o meu amor!

Se a furto beijo a priminha,
Brejeirinha,
Vai dizer tudo á vovó,
Ouço então uma raspança,..
Que mudança!...
Até fallão-me em cipó!

Assim é: embora eu jure
E rejure
De não dar mais beliscão;
Se peço um beijo a priminha,
Velhaquinha
Me responde—ora, pois não!

Quando penso no passado,
Mal gozado,
Lembro-me um conto que ouvi;
E' pura moralidade,
E' verdade,
Nunca mais o esqueci:

—O gallo em quanto creança
Tem pitança
Que lhe dá mimosa mão;
Depois de velho, coitado,
Alquebrado;
Bate c'o bico no chão.

FEITIÇOS DA MULATA

Quando vejo da mulata
Um revendo bração,
Cabello liso e bem negro,
Largo chato cadeirão;

Eis-me ja todo rendido
Jà captivo da paixão,

Perco os sentidos de todo
Não fico mais gente não.

Se brilham dentes de prata
Entre um beiço arrebitado,
E se este tem bigodinho
Bem compacto e azulado;
Eis-me, etc.

Se um nariz arrebitado,
E um olhar desdenhoso,
Se seus gestos dão symptomas
De ter um peito amoroso;
Eis-me, etc.

Se vejo pomos de Venus
Entre as vestes empurrar,
Se tem pulso feito a torno
Cinturinha de matar;
Eis-me, etc.

Mais que o corpo, escurecido,
Se o sovaquinho diviso,
Todo bom, todo cheiroso,
Bem côr do céo, por bem liso;
Eis-me, etc.

Se acaso o vento estampa
Nas vestes certo retrato,

Por quem suspiro morrendo
Por quem morrendo me mato.

Eis-me, etc.

Com um andar meigo—gingando,
Se me faz certos tremidos,
Aformoseando o rodaque
Com compassados bollidos ;

Eis-me, etc.

Se á final a gozar venho,
Tão subida formosura,
Me torno divinisado,
Deixo de ser creatura ;

Eis-me então mais que rendido,
Mais captivo da paixão,
Entre soluços expiro,
Não fico mais gente não.

ENGRAXATE IMBERNIZATE A LA MODE DE PARIS

POESIA DE M. M., MUSICA DE V. A. B.

Que maldita é esta vida
Soes e chuvas supportar,

Escovas, graxas em potes,
Eu sózinho a carregar.

Não sabem? Já meu retrato
No caixão mandei pregar,
Para ver si com tal luxo
Attenção vou despertar.

Porém s'eu vejo um freguez,
Com força o collega diz;
Imbernizate, ingraxate,
A la mode de Pariz.

Então fico a ver navios,
N'um mar de graxa atolados,
Quando os pés dos taes freguezes
Pedem ser assim chamados.

Mas aos males tão crueis,
Que sente meu coração,
Encontro meus namoricos
Por terna compensação.

Namoro toda a crioula,
Seus olhos têm attracção;
Das brancas nem mesmo a côr
Me causam mais sensação.

Que casamento feliz
Dentro em pouco irei gozar,

Indo abrir com a crioulinha
Uma casa de engraxar.

Seremos muito felizes,
O meu coração me diz;
A ella unido p'ra sempre
A la mode de Pariz,

NAO AMO AOS GOSTOS DOS MAIS

Que se importa o mundo injusto
Com meus suspiros e ais?
Não dou satisfação ao mundo
Não amo aos gostos dos mais.

Hei de seguir
Meu coração,
Embora o mundo
Diga que não.

Dizem que eu tenho máo gosto
Me dão razões taes e quaes;
Não dou satisfação ao mundo
Não amo ao gosto dos mais.
Hei de, etc.

Uns dizem que ella é feia
Outros, tamandoaes;

Não dou satisfação ao mundo
Não amo aos gostos dos mais.
Hei de, etc.

QUEM É POBRE NÃO TEM VICIOS

Quem è pobre não tem vicios
Deixe-se de namorar,
Se as moças cantão assim
Como pode o pobre amar

Fóra—lhe dizem
As moças todas,
Nenguem comtigo
Quer fazer bôdas.

Mas, seja o que fôr
Já não m'embaraço
Agora jurei
Amar por pirraça.

NÃO SOU DE ENGANAR NINGUEM

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA.

Quem quizer saber se eu amo
Repare em meus olhos bem,
Elles dizem quanto sinto
Não sou de enganar ninguem.

Estes meus olhos declarão
Tudo quanto esta alma tem,
Inda bem que elles o dizem
Não sou de enganar ninguem.

Não me canso com disfarces
Digo *amor* se quero bem,
Seja acceito ou não acceito
Não sou de enganar ninguem.

Eu, me alegro com carinhos,
Eu m'enfado com desdem,
Mostro enfado, mostro gosto
Não sou de enganar ninguem.

Sei que terno fingimento
A muito amante convém,
Mas não sei fingir paixões
Não sou de enganar ninguem.

A minha gentil Nerina
Gosto della, é o meu bem,
Não posso gostar das outras
Não sou de enganar ninguem.

Se a minha adorada ingrata
Der signaes de amar alguem,
Eu não quero amores d'outrem
Não sou de enganar ninguem.

Se ella não quer estimar-me
E' seu gosto faz mui bem,
Mas não espere qu'eu soffra
Não sou de enganar ninguem,

O BICHO MULHER

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Quem quizer ter seu descanço
Quem socego quizer ter,
Va densa matta do mundo
Fuja do bicho mulher.

Roe por dentro
Bem como a traça,
E' quem motiva
Nossa desgraça,
Aquella menina
Que tem mais graça,
E' essa quem causa
Maior desgraça

Não temo leões nem tigres
Nem já os devo temer,
Depois de haver escapado
Ao lindo bicho mulher.

Roe, etc.

Ouço scibilar serpentes
E não me fazem tremer,
Assusta-me o ruge ruge
Do lindo bicho mulher.

Roe, etc.

Dizem que o cocrodilho
A's vezes finge gemer,
Para matar assim finge
O lindo bicho mulher.

Roe, etc.

Sinto dentro do meu peito
Não sei que cousa morder,
Dizem que isto é mordedura
Do lindo bicho mulher.

Roe, etc.

Mas morder-me sem chegar-me
Isso não, não póde ser,
Ai de mim! morde c'o a vista
O lindo bicho mulher.

Roe, etc.

Lanço ao ar as carapuças
Dêm na cabeça a quem der,
O que digo é fujão todos
Do lindo bicho mulher.

Roe, etc.

A SINHAZINHA

Quem quizer vem escutar
Como e bella esta modinha,
Como vou eu retractar
O que è de Sinhazinha.

Tem cabellos pretos, finos,
Na cabeça redondinha;
Esmerou-se a natureza
Como é bella a Sinhazinha.

Seus olhos são mui travessos,
E' morena e coradinha:
Os braços bem torneados;
Como é bella a Sinhazinha.

Seus dentes são côr de neve,
A cintura mui fininha;
O seu andar mui garboso;
Como é bella a Sinhazinha.

Brilha o riso nos seus labios
Como brilha uma estrellinha;
Toda elle é um composto;
Como é bella a Sinhazinha.

São os seio, côr de rosa,
Suas mãos são bemfeitinhas:
Seu fallar muito mimoso...
Como é bella a Sinhazinha.

Diga pois quem sabe amar
Qnem ouvio esta modinha.
Como deixará de amar...
O que é de Sinhazinha.

MEU BEM ESTÁ MAL COM EU

POESIA E MUSIGA DE CALDAS BARBOSA

Quem terá de mim piedade
Eu peço soccorro ao céo;
Que para todo me ir mal
Meu bem esta mal com eu.

Não é preciso que o digão
Eu bem vejo o rosto seu;
Todo o carinho é disfarce
Meu bem esta mal com eu.

Logo que hoje entrei a vel-a
O coração me bateu;
Palpitando me dizia,
Meu bem esta mal com eu.

Como foi esta mudança?
Isto como succedeo?
Só para estar bem com outro
Meu bem esta mal com eu.

Ai de mim que triste vida
Que cruel fado é o meu!
Que mesmo assim não sei como
Meu bem esta mal com eu.

Que suspeitou o meu bem?
O meo bem o qu'entendeo?
Eu não sei porque motivo
Meu bem esta mal com eu.

Eu não me soffro a mim mesmo
Minha paz ja se perdeu;
Não posso estar bem comigo
Meu bem esta mal com eu.

A sua vista algum dia
Ternuras me prometteu;
Agora não me diz nada
Meu bem esta mal com eu.

A alegria que me dava
A outro feliz a deo;
Já se tem mudado a scena
Meu bem esta mal com eu.

Quem me vir chorar afflicto
Não cuide que alguem me deo;
E' amor que me castiga
Meu bem esta mal com eu,

VIVA S. JOAO

POESIA DE PAULA BRITO, MUSICA DE UM BAHIANO

Resai meninas solteiras
Ao santo da devoção,
Fez sempre mil milagres
O Baptista S. João.

Quem uma fogueira
Não póde saltar,
N'um livro de sortes
Brinquedo ha de achar.

Emquanto a morte não chega
Se divirta quem puder,
Pois ninguem sabe da vida
O que Deus tem p'ra fazer.

Quem, etc.

Cuide as casadas nos filhos
Si ellas inda são crianças,
A solteira—coitadinha
Viva cheia d'esperanças.

Quem, etc.

E' dos bens o bem mais doce
O bem da religião,

Não é de Deus protegido
Quem não reza a S. João.

Quem, etc.

DEVOTAS DE SANTO ANTONIO

Santo Antonio, meu santinho
Attendei minha oração
Eu prometto ter-vos sempre
Juntinho ao meu coração.

Livrai-me do laço
Oh meu Santo Antonio
P'ra que o demonio
Não venha tentar-me
A dar-vos um banho
No fundo do mar.

Dai-me um noivo meu santinho,
Um noivo gordo ou bem magro,
Que me adore, e recompense
O amor que lhe consagro.

Livrai-me, etc.

Não o quero dos que fallam
Em bailes, funcções sómente,
Que esses tirados d'ahi
A fórma só tem de gente.

Livrai-me, etc.

Não me dês destes que fallam
Com modos de santarrão,
Que cochicham segredinhos
Limpando as unhas da mão.

Livrai-me, etc.

Dos que olham com tregeitos,
Com artes não sei de que!
Fallando sempre em amores
Meu Santinhò não me dê.

Livrai-me, etc.

Dos que andam farejando
Casamentos com dinheiro,
Desses não, porque só querem
Escrava no captiveiro.

Livrai-me, etc.

Dos beatos moralistas
Que a tudo chamam—indecente,
Cruz demonio! Agua salgada!
Deus me livre de tal gente!

Livrai-me, etc.

E' BEM FEITO ! TORNE A AMAR...

POESIA E MUSICA DE GALDAS BARBOSA

Se dos males qu'eu padeço
Aos outros me vou queixar ;
Todos rindo me respondem
E' bem feito torne amar.

Com meu proprio coração
Tenho razão de ralhar ;
Quiz amar sendo infeliz
E' bem feito torne amar.

Suas antigas desgraças
Como podem não lembrar ?
Se tem outra é sua culpa
E' bem feito torne amar.

Devia fugir das bellas
E de onde as pudesse achar ;
Foi meter-se no perigo
E' bem feito torne amar.

Foi fiar-se em olhos lindos
Que ha em olhos que fiar ?
Será outra vez captivo
E' bem feito torne amar

Elle estava em seu soeego
Quiz-se mesmo inquietar .

Assim o quiz assim o tenha
E' bem feito torne amar

Bem sabia o que amor custa
E quanto o faz suspirar;
Soffra, padeça, suspire,
E' bem feito torne amar

Bem sabe que é do seu fado
O padecer, e callar;
Mudamente vá soffrendo
E' bem feitó torne amar.

Sua antiga liberdade
Já lhe ha de em vão lembrar;
Tem uns ferros que o cigurão
E' bem feito torne amar.

Dos que vi ainda estar prezos
Eu o vi livre zombar;
Zombão delle agora os outros
E' bem feito torne amar.

Jactava-se mui vaidoso
De poder grilhões quebrar
Soffra agora grilhões novos
E' bem feito torne amar.

Não sabia que o menino
Nunca lh'esquece o vingar;
Supporte a sua vingança
E' bem feito torne amar.

OS TEUS AMORES

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Sei de teus novos amores
Tudo Timtim por timtim :
Dizes que tal... e que não..,
Eu sei que tal... e que sim !

Sei que deste aos teus amores
Um raminho de jasmim ;
E que apertando-lhe a mão
Tu lhe disseste que sim

Este sim que tu lhe déste
Deve ser para algum fim;
Julgál-o eu máo?... isso não ;
Que elle é bem bom ?... isso sim !

SENTEI PRAÇA NA BAHIA

Sentei braça na Bahia
Desembarquei no Pará,
A commandar as fileiras
Da minha amante yáyá ;

Ora que gosto
Você me dá,
Gosto de ti
Minha sinhá ;
Meu doce bem,

Minha vavá,
Gosto de ti,
Ladrão, dà cà.

Cupido desceu do throno
Para tomar pitanguá,
Na mimosa bocetinha
Da minha amante yayá.

Ora, etc.

Mandei fazer um annel
Na ilha de Paquetá,
Para botar no dedinho
De minha amante yayá.

Ora, etc.

N'uma noite de luar
Provei do doce maná
N'um beijo que dei nas faces
Da minha amante yayá.

Ora, etc.

LUNDU'

CHÁ PRETO, SINHÁ

Sinházinha hontem á tarde
Perdeu as côres mimosas;
Ai, quanto mais o sol arde,
Mais se desbotam as rosas.

Sinhazinha, meu amor,
Vale a pena, regue a flor,

Ahi 'stá rosca fina,
Cha preto aqui está;
Receia a mofina?
Não tome, sinhà!

As flôres da madrugada
Serão estrellas do dia;
Da noite, a flôr será fada
De doce melancolia.

Sinhazinha, etc.

Já a noite solta o seu manto
E coram-te as faces bellas...
Sinhá, meu timido encanto,
Oh! rosa, gemea de estrellas!

Sinhazinha, dê-me a flor,
Dou-lhe em paga meu amor!

E dou roscas finas,
E dou-lhe bom chà!
Não creia em mofinas,
Ai! tome,.. sinhà?...

SINHO JUCA

Sinhô Juca, va-se embora,
Não me conta historia não:
Ja s'esqueceu do que fez
Na noite de S. João.

Ai meu Deos, sinhô Juquinho,
Você é os meus peccados;
Vá-se embora já lhe disse
Não me queira dar cuidados...
Que as artes de sinhô Juca,
São mesmo artes do demonio;
Para me ver livre d'ellas
Vou rezar a Santo Antonio:
Santo Antonio meu santinho
Livrai-me d'esta afflicção:
Fazei com que sinhô Juca,
Não me faça tentação...
Santo Antonio, Santo Antonio,
Que tentação do demonio.

Sinho Juca, é forte teima!
Não bula comigo, não...
Não brinque como brincou
Na noite de S. João.

Ai meu Deos, etc.

Sinhô Juca, arréde lá
Senão leva um bofetão:
Eu não quero mais gracinhas
Da noite de S. João.

Ai, meu Deus, etc.

Sinhô Juca, você chora
(Já se viu tal tentação)?
Não se vá, que já não ralho
Da noite da S. João.

Ai meu Deus, Sinhô Juquinha,
Você é os meus peccados!
Eis de novo inda outra vez
Os meus protestos quebrados!
As artes de sinhô Juca
São mesmo artes do demonio:
Não me posso livrar d'ellas
Nem rezando a Sanio Antonio.

Santo Antonio, meu santinho,
Já não vales nada não:
O chorar de sinhozinho
Derreteu-me o coração;
Santo Antonio, Santo Antonio.
(Que tentação do demonio)!

TA, TA TA...

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Sinto em mim varios effeitos.
Ha bem pouco para cá,
E o meu coração no peito
Está fazendo ta, ta, ta.

Eu não sei o que elle sente
Que tamanhos pulo dá ;
Só sei que sempre inquieto
Está fazendo ta, ta, ta.

Meu coração escapou
D'amor ás cadeias já.
E talvez com medo d'outras
Está fazendo ta, ta, ta.

Inda de antigas feridas
Vertendo algum sangue está :
E para fugir das setas
Bate as azas, ta, ta, ta.

Sinto a força de Cupido,
E as pancadas que alli dá,
O martello de ciume
Está batendo ta, ta. ta.

Pobre do meu coração
Que amor despedaçou já,
Um pedaço, e outro pedaço
Vai cahindo ta, ta, ta.

SÃO CIUMES DE UMA INGRATA.

POESIA E MUSICA DE ?

Sinto no peito uma dôr,
Que me consome e me mata?
Essa dôr que o peito sente
São ciumes de uma ingrata.

A dôr que me martyrisa
Cada vez mais se dilata;
Ninguem curál-a me póde...
São ciumes de uma ingrata.

Tenho no peito um amor,
Que meu socego arrebata;
Os tormentos que me causão
São ciumes d'uma ingrata.

Se eu morrer dessa agonia,
Que lentamente me mata,
Creião todos—que me virem—
São ciumes d'uma ingrata,

Eu amei mais do que a vida
Essa que de mim não trata;
Meus tormentos meus martyrios
São ciumes d'uma ingrata.

Perto já da fria campa
A agonia se dilata;
Não são saudades do mundo,
São ciumes d'uma ingrata.

AI SEGREDO!

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Sou costumado a calar
E tanto póde o costume,
Que não me obriga a fallar
A razão, nem o ciume.

Ai segredo!
Eu se occulto não se sabe
Mas se o digo tenho medo.

Quando o severo respeito
A triste voz me suspende,
Outra lingua amor tem feito
Que nos olhos bem se entende.

Ai querer!
Um suave mudar d'olhos
Muita cousa quer dizer.

Tenho medo até de alçar
Olhos em certa presença,
Tenho medo dos meus olhos
Porque fallam sem licença.

Ai que medo!
Os meus olhos tem meninas
Meninas não tem segredo.

Quando vejo a minha bella
Sinto o peito palpitar,
Manda amor, manda o respeito
Olhar eu e não olhar.

Ai segredo!
Eu se não olho não vejo
Mas se olho tenho medo.

Tanto as leis do meu segredo
Ao desafogo prefiro,
Que nem meus suspiros sabem
A causa porqu'eu suspiro.

Ai que medo!
Tenho medo que os suspiros
Dêm a saber meu segredo.

Hei de dar de certos olhos
Uma querela por ladrões,
Que de formosura armados
Vão roubando corações.

Ai que graça!
A prisão destes culpados
Dentro em meu peito se faça.

Ai segredo!
Quero ser seu carcereiro
De que fujam tenho medo.

SOLDADO DE AMOR

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Sou soldado, sentei praça
Na gentil tropa de amor,
Jurei as suas bandeiras,
Nunca serei desertor:

Eu sou soldado,
Eu sirvo amor,
Jurei bandeiras,
Nunca serei desertor.

De cupido os regimentos
Não tem zabunba, ou tambor;

Tem um certo mover d'olhos,
Que chama muito melhor :

Eu sou, etc.

Dos amorosos perigos
Eu não tenho nunca horror ;
Tenho valor de soffrer-los,
Quanto mais, quanto melhor :

Eu sou, etc.

A fraqueza d'algum chefe
Aos soldados faz temor
Eu não tenho que temer-me ;
Sirvo a um nume vencedor :

Eu sou, etc.

Emquanto amor bem me pague
Hei de servir bem amor,
Elfina seja meu soldo,
Nunca serei desertor :

Eu sou, etc.

Se do meu augusto chefe
Tenho honras e favor,
Eu devo fiel servi-lo,
Seja o perigo qual fôr :

Eu sou, etc.

Desertem os mais embora,
Quem tem coração traidor,
Jurei fé, cumpro os meus votos,
Nunca serei desertor :

Eu sou, etc.

AI BASTA NHANHÃ DE ME DIZER AMANHÃ !

POESIA DO DR. QUEIROGA, MUSICA DE ?...

Succede a um dia outro dia,
Um mez succede a outro mez,
Acaba um anno, vem outro,
E sempre a esperar me vês,
A esperar por uma hora,
Por um momento a esperar,
Que para o constante peito
Não acaba de chegar.

Ai ! basta, basta, nhanhã,
De me dizer—amanhã.

E' prazer delicioso
Esperar pelo prazer,
Mas esperar toda a vida
Faz a gente esmorecer,
De amor nutrindo a semente
Só a occasião faz dar

Fructo que torna aguado
Chocho prazer de esperar.

Ai! basta, etc.

Quando já me desespera
O *não* de tua esquivança,
Um terno quindim me outorgas
Em que lampeja a esperança;
Quem começa acabar deve,
E' mui feio atrás voltar,
De nós o povo não diga
Que estamos a caçoar;

Ai! basta, etc.

Resolve-te pois e busca
Opportuna occasião;
Vê que um *sim* é tão bonito
Quanto é rouco e feio um *não*;
E' fosquinha de criança
Estar de longe a mostrar
A teteia tão bonita
Que nunca se chega a dar.

Arre là! dize nhanhã,
E' hoje o nosso—amanhã?

TÃO LONGE DE MIM DISTANTE

Tão longe de mim distante
Onde irá teu pensamento,
Quizera saber agora
Se esqueceste o juramento.

Quem sabe, virgem, constante
S'inda é meu teu pensamento;
Minh'alma toda devora
Da saudade agro tormento.

Quem póde viver ausente!
Ah! meu Deus! que amargo pranto
Suspiros, angustias, dores,
São as vozes do meu canto.

Quem sabe, virg'innocente,
Se tambem te corre o pranto:
Minh'alma, cheia de magoas,
Entreguei-te neste canto.

APANHE PARA SEU ENSINO

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Tenho ainda um coração;
Qual já não devêra ter;
Pois não querendo o que eu quero
Quer só tudo o que elle quer:

Hei de castigal-o;
Ha de lhe doer,
Dar-lhei pancadas
Para aprender:

Apenas vê lindos rostos
Logo se lhe vai render;
Não quer o que a razão manda;
Quer só tudo o que elle quer;

Hei de, etc.

Vê as barbas do visinho,
Do ciume em fogo arder;
As suas não põem de molho;
Quer só tudo o que elle quer:

Hei de, etc.

Não quer, quando é necessario.
Occultar o seu prazer;
Diz nos olhos quanto sente.
Quer só tudo o que elle quer:

Hei de, etc.

Digo ás vezes que não ame,
Que não ha de amado ser;
O teimoso não me escuta,
Quer só tudo o que elle quer:

Hei de, etc.

Se é preciso contentar-se
Com metade do prazer;
Não o contentão metades,
Quer só tudo o que elle quer:

Hei de, etc.

Ha mil destes corações,
Diga o mundo o que disser;
Quem ama não quer conselhos;
Quer só tudo o que elle quer:

Hei de. etc.

PONTO FINAL

POESIA DE PAULA BRITO, MUSICA DE GOYANO

Tive por certa menina
Uma paixão sem igual,
Que escapou de dar comigo
Dos doudos no hospital.

Porém agora,
Meu coração;
Pôz na oração
Ponto final.

Amei com pontos e virgulas,
Divisões e reticencias...
Tiradas as consequencias
Tudo era artificial !

Porém, etc.

O qu'ella por mim fazia
Fazia a outro tambem ;
Não ter amor a ninguem
E' seu timbre natural.

Porém, etc.

NINGUEM TENHA DO' DE MIM

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Todo o mundo está pasmado
De me ver andar assim,
Ando cumprindo o meu fado
Ninguem tenha dó de mim.

Estou prezo e muito bem prezo
Amor foi o meu malsim,
Mas prisões d'amor são doces
Ninguem tenha dó de mim.

Já não tenho a liberdade
Que rende-la a amor eu vim,

Sou captivo por meu gosto
Ninguem tenha dó de mim.

Todos chamão mal d'amor
Mal perverso mal ruim,
Eu padeço sem queixar-me
Ninguem tenha dó de mim.

Eu adoro a uma ingrata
Não ha genio mais ruim,
Assim mesmo gosto della
Ninguem tenha dó de mim.

Tenho dito não importa
Que o meu bem me trate assim,
Que esta vida toda é della
Ninguem tenha dó de mim.

Eu bem sinto a minha vida
Quasi posta já no fim.
Mas morrer d'amor me alegre
Ninguem tenha dó de mim.

A QUEM QUER BEM

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENCA

Todos ralhão quem ama,
E quem ralha ama tambem;

Parece que neste mundo
Nunca se vio querer bem!
Quem quizer bem, vá querendo.
Não se importa com ninguem.

O mundo é muito invejoso,
Tem raiva de quem quer bem:
Morrão de raiva ou de inveja,
Ou, se não, que amem tambem.
Quem quizer bem, vá querendo.
Não se importe com ninguem.

A VIDA DO FRADE

Triste vida é a do frade,
Inda peior que a da freira;
Andar de noite á carreira
Na penitencia (*bis*)

E' preciso ter paciencia
Com nosso noviciado,
Andar um anno encerrado...
Eu não sabia. (*bis*)

Eu bem disse que não queria
Ser frade neste convento
Porque tão grande tormento
Exprimentei (*bis*)

A' força eu professei
Por meu pai assim querer,
Sou defunto, sem morrer,
Amortalhado *(bis)*

Vivo n'um fogo abrazado,
Com este burel vestido,
Quando me vejo despido
Estou contente *(bis)*

Quando me vejo doente,
Deitado na enfermaria,
E' quando tenho alegria
Pelo descanço *(bis)*

Se alguma licença alcanço
De meus paes ir visitar,
Se vão outros passear
Eu tambem vou *(bis)*

Assim que o canto voltou,
O meu leal companheiro
Procura a rua primeiro,
Dos seus amores. *(bis)*

Se é doente não tem dores
Porque solto assim se vê,
Inda que a gotta lhe dê
Não é tão forte, *(bis)*

Cuido ir buscar a morte
Quando subo esta ladeira,
Eu desço-a a toda carreira
A toda a pressa (*bis*).

De missas uma remessa
O guardião sempre tem;
Ganhar um frade um vintem
Ora essa é bôa (*bis*).

Se morre alguma pessoa
Que officio vamos resar,
Todos juntos a cantar
Eu quero a vella (*bis*).

De noite á porta da cella
Certas matracas tocando,
Vamos-nos levantando
Orar p'ra o côro (*bis*).

Eu com isso quasi morro,
A's vezes sonambulindo.
Se estou sonhando ou dormindo
Tambem não sei (*bis*).

Acordado dormirei...
Todo o officio de agonia,
Vamos para a enfermaria
Versos cantar (*bis*).

O frade, perto a expirar,
Sem acabar de morrer;
Quando o dia amanhecer
'Stá entendido (*bis*).

Já morreu arrependido
O nosso frade doente,
Ponha-se isso patente
Que officio temos (*bis*).

Graças á Deus já resemos
Toca o sino a refeltorio,
P'ra tomar um vomitorio
De arroz cosido (*bis*).

Se algum meu conhecido
Frade quizer se metter,
Antes se exponha a morrer
Do que ser frade (*bis*).

Do mesmo se queixa a madre,
Por não acompanhar o frade...
Por não ter mais liberdade...
E nada mais (*bis*).

A B C DE AMOR

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Uma menina
Quer, que eu lhe dê
Lições de amor
Por A B C.

A.— amante
— Não ardilosa :
B.— benigna,
— Não boliçosa :
C.— Costante,
— Não curiosa
— Tome, menina,
— Lição gostosa

Uma, etc.

D.— Delicada,
— Não desdenhosa:
E.— Engraçada,
— Não enganosa :
F. — Fiel,
— Não furiosa.
— Tome, menina,
— Lição gostosa.

Umã, etc.

G.— He galante,
— Mas não golosa:
I.— E' ser justa,
— Não invejosa;
L.— Leal,
— Não lacrimosa.
— Tome, menina,
— Lição gostosa.

Uma, etc.

M.— E' ser meiga,
— Não mentirosa:
N.— Andar nedia,
— Não nojosa:
O.— Obediente,
— Nunca orgulhosa.
— Tome, menina,
— Lição gostosa.

Uma. etc.

P.— E' prudente,
— Não preguiçosa:
Q.— E' quieta,
— Nada queixosa:
R.— Rizonha,
— Não rigorosa,
— Tome, menina,
— Lição gostosa.

Uma, etc.

S.— E' sincera,
— Não suspeitosa:
T.— E' ser terna
— Nunca teimosa:
V.— Verdadeira.
— Nada vaidosa:
— Tome, menina,
— Lição gostosa.

Uma, etc.

X.— Xocarreira,
— Pouco xorosa:
Z.— Zombadeira
— Pouco zelosa
— Tome, menina,
— Lição gostosa.

Uma, etc.

Depois das lettras
Bem decorar,
Quer, que eu lh'encine
A soletrar?
Tome sentido
Vá de vagar
A, m, a, r,
Soletre *amar*.

Quero ensinal-a
Tim por tim tim;

E lições dar-lhe
Até ao fim:
Olhe, menina,
Bem para mim,
S, i, m,
Diga-me—*sim.*

Mas se lhe falla
Um maganão;
Então é outra
Nova lição:
A mão levante
Dé bofetão!
N, ã, o,
Diga-lhe—*não.*

VÁ PR'AS CABANAS

PARODIA DE VASQUES

Vá pr'as cabanas
Guarde seu gado,
Não me aborrece
Sôr mal creado!

Você é dêmo
Que me persegue,
Vá pr'a o diabo
Que o carregue:

Eis a fortuna
Que eu tenho achado,
Amar a prima
Sem ser amada!

Vá pr'a os diabos
Não seja máo
Senão ás costas
Vou-lhe de páo.

QUEIXAS A AMOR

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Venho amor de ti queixar-me,
Ouve que eu tenho razão;
Principio por mostrar-te
Qual eu tenho o coração.

Isto amor não é bem feito,
Não, não é bem feito, não.

As doçuras promettidas
Esperei, traidor, em vão;
Dize, se acaso estes golpes
As tuas doçuras são?

Isto. etc.

Minha doce liberdade
Puzeste em alheia mão;
E a preço de vãs promessas,
Cativaste o coração:

Isto, etc.

Onde estão os teus prazeres?
Dize, cruel, onde estão?
Sobre ciumes, saudades;
Estes vem, quando essas vão:

Isto, etc.

De prazeres assaltado
Não tenho socego, não;
E apenas vem, logo foge
A escaça consolação:

Isto, etc.

Fazes da cruel Ulina
Travêssa repartição;
Eu tenho as doces promessas:
Outro goza o coração:

Isto, etc.

Eu tão prezo, ella tão solta;
Ouve a minha petição:

Eu me une mais a Ulina,
Ou me quebra este grilhão :

Isto, etc.

A CASA MAL ASSOMBRADA

Vê-se a cidade abalada
Todas as velhas rezando,
As creancinhas gritando
E a policia agitada :
— *A casa mal assombrada !*
Grita em côro a multidão.
E' tão grande a confusão
Que a folhinha postergou-se
E a *quaresma* mostrou-se
Depois da *ressurreição.*

Mas vamos do caso ao fundo,
Diz-me *Quaresma* qu'é isto?
Ha um caso nunca visto,
Um'alma do outro mundo !
Reina mysterio profundo
Nesta misera casinha;
Porque mal chega a noitinha,
Logo um defunto bregeiro
Bate como um leiloeiro,
Lá na porta da cosinha.

Um gato preto já vi,
Que era tudo menos gato;
Vi arrastar um sapato
Que não calcei nem boli,
Andando d'aqui para ali:
Encontrei uma tripeça,
Vi um caixão, uma eça,
Um gallo cacarejando;
E lá no quintal rinchando
Um cavallo sem cabeça.

— Saffa! que causa terror!
— Estou com medo, não nego:
- Um'alma que bate o prego
— Contra as ordens do inspector!...
— Diz-me o tal martellador,
— Como bate? com que som?
— « Faz assim;—trom, trom, trom...
— « Esta agora é de buccolica!
— Com tal pancada symbolica!
— Só se é alma de maçon?!... »

Acode a policia ousada:
Dos pedestres a cohorte,
Invade arrostrando a morte
A casa mal assombrada.
A tropa disciplinada,
Divide-se em pelotões;
Ouvem-se as ploclamações
Destes temiveis zuavos,

Que firmes, intrepidos, bravos,
Molham comtudo os calções.

Porta, janella, telhado,
Sala, cosinha. quintal;
Tudo em bloqueio infernal
Fica dous dias cercado:
O povo corre aterrado,
Mas de noite a sombra vio;
As tres pancadas ouvio:
Era a hora tão sinistra,
Que o pedestre de mais crista
De cambalhotas cahio!

Mas victoria! está fillada
A tal alma do outro mundo!
D'immenso gosto profundo
Vê-se a cidade banhada!
A alma achou-se trepada
N'um velhinho paredão,
Era um bobo... um maganão
Que zombou dos assombrados;
E foi purgar seus peccados
Na casa da correcção.

ASSIM... SIM!...

POESIA DE?... MUSICA DE?...

Vou propor-te, minha rosa,
Uma bella transacção,
Tive este louco desejo...
Eu agora dou-te um beijo,
E tu dás-me outro .. então?
— Assim não.

Pois bem: proponho outra cousa,
Proponho-a do coração,
Dessa face purpurina
Furto o beijo, e tu menina,
Furtas-me dois por traição.
— Assim não.

Assim não? Pois bem, escuta;
Eu dou-te o beijo na mão,
Tu em paga do *respeito*,
Dás-me um abraço bem estreito
Que eu estreito ao coração.
— Assim não.

Não sei então, minha linda,
Como seja a transacção!
Uma idéa! Finde o apuro:

Empresta-me um, que de juro
Pago já grande porção.
— Assim não.

Então, rosa, espera, escuta,
Ouve lá, meu seraphim :
Proposta final é esta:
Eu dou-te o beijo na testa,
Não me dês nenhum em mim...
— Assim... sim.

YAYAZINHA VOCÊ MESMA

Yayazinha você mesma
Foi a causa do meu mal,
Nunca pensei que você
Me fizesse cousa tal.

Sempre é moça,
Renego eu d'ella
Com taes sujeitas
Muita cautela !

Todo o tempo me enganou
Fez de mim seu bobezinho,
Quando me via chorar
Me dizia—coitadinho !

Sempre. etc.

Que me amava com ternura
Trinta vezes me jurou;
Quando me quiz ser ingrata
De uma só tudo negou.

Sempre, etc.

FIM.

INDICE

As poesias deste tome estão pela ordem alphabetica, seguudo as suas tres subdivisões, *hymnos*, *canções* e *lundús*, e sujeitas a letra do primeiro verso de cada composição. Será portanto facil achal-as, buscando-se como se fosse n'um diccionario. Por essa razão só damos o indice dos auctores, devendo recorrer áquelle expediente para as poesias de auctores anonymos.

INDICE

Alvarenga (Lucas José de)

Pags.

A curiosidade. 144
Os teus amores. 238
A quem quer bem. 255

Barão de S. Angelo (Porto Alegre)

Hymno das artes. 25
São progressos da nação. 156

Bithencourt Sampaio

Bem-te-vi. 95

Bruno Seabra

Fujamos 152
Flôr das mattas 195

Caldas Barbosa (Domingos)

Pags.
Chuchar no dedo 45
E então 47
Ouvir, ver e calar. 54
Ais de amor. 55
Zabumba 58
Tenho medo do papão. 62
Sou infeliz. 77
Tape, tepe, tipe, ti 81
Amor brazileiro 89
E' mundo, deixa fallar 100
Não se resiste não. 113
Mente, mente. 118
O seu moleque sou eu 138
Raivas de gôsto. 139
A portugueza abrazileirada 143
Leilão. 160
Só você é o meu bem. 164
Aqui está que todo é teu. 165
A ternura brazileira 190
Diga nhanhã. 194
Amor do Brazil 198
Aonde está o meu bem ? 207
Não sou de enganar ninguem. 226
O bicho mulher. 228
Meu bem está mal com eu. 231
E' bem feito torne a amar. 236
Ta, ta, ta. 243
Ai segredo. 245
Soldado de amor. 247

Pags.
Apanhe para seu ensino. 251
Ninguem tenha dó de mim. 254
A b c de amor. 260
Venho amor de ti queixar-me. 265

Eduardo Villas-Boas

Canção do voluntario. 36
Capenga não forma. 96
O cafuné 130

Emiliano da Silveira

A saia-balão. 216

Evaristo da Veiga

Hymno Constitucional. 1
Independencia ou morte. 4
» ou morrer. 6
Hymno marcial. 13
» braziliense. 16
» do batalhão do Imperador. . . . 18

Fontenelle

A louquinha 74

Gualberto Peçanha

Não posso com mais ninguem. 112

José Bonifacio (o velho)

Cantigas para a mesa. 40

J. Norberto

Pags.

Hymno commemorativo da Independencia. . 9
» á constituição do imperio. . . . 21
» nictheroyense 22
» das escolas. 26
O soldado e a cosinheira 187
A mulatinha e nhonho. 209

Juvenal Galleno

A serrana. 149

Macedo (Dr. J. M. de)

Eu quero me casar. 133

Maria Thereza (D.)

A acalentar. 34

M. M.

A lavadeira 192
Engraxate, embernizate a la mode de Paris . 223

Natividade Saldanha (José)

O ponche do cajú. 43

Nunes Garcia (Dr. José Mauricio)

Não te rias, ó menina. 191

Oliveira e Mello

Muito a minha alma soffreu. 52

Paula Brito (Francisco de)

Pags.

A corda sensivel. 64
O seculo das luzes. 122
A marrequinha de yayá 209
Viva S. João 233
Ponto final 253

Queiroga (Dr.)

Tentação 83
Retrato de uma malatinha. 86
A negrina. 167
Amores brazileiros 213
Ai basta nhanhã! 249

Ribeiro de Sampaio (Dr. José Pinto)

O anjo da saudade 37

Souza (A. J. de)

Canção do artista 31
Padecimento 184

Teixeira de Souza (A. G.)

O progresso. . . . . , ... 119

Telles (Padre)

Eu não gosto de outro amor 137

Uma fluminense

A cor morena. 80
Contigo só posso eu 218

Uma nictheroyense

Pags.

Não polkas? 188

Vasques (Francisco Corrêa

Viva o Zé-Pereira. 146
Va p'ra as cabanas. 263

Villarinho

De que me serve esta vida. 102

Xavier de Novaes (Portuguez)

Quer ser commendador . . . . . , 174

FIM

A

CANTORA BRAZILEIRA

MODINHAS

A VENDA NA MESMA LIVRARIA

ALVARES DE AZEVEDO.—Obras completas, 3 vol. in-8.° . . . . . 9$000
CASIMIRO DE ABREU.—Obras completas, 1 v. in-8° 3$000
GONÇALVES DIAS.— Poesias, 2 v. in-8.° br. 4$, enc. . . . . 6$000
JUNQUEIRA FREIRE.—Obras completas, 2 v. in-8° 6$000
GONZAGA.—Marilia de Dirceu, 2 v. in-8°. . . 6$000
BITTENCCURT SAMPAIO.—Flôres sylvestres, 1 v, in-8.° br. 2$, enc. . . . . 3$000
BRUNO SEABRA.—Flôres e fructos, 1 v. in-8.° br. 2$, enc. . . . . 3$000
LUCIO DE MENDONÇA.—Alvoradas, 1 v. in-8.° br. 2$, enc. . . . . 3$000
NORBERTO DE SOUZA SILVA.—Flôres entre espinhos, contos poeticos, 1 v. in-8.° . . . . . 2$000
JOAQUIM SERRA.—Quadros, poesias, 1 v. in-8.° br. 2$, enc. . . . . 3$000
SILVA ALVARENGA —Obras completas, 2 v. in-8.° 6$000
ALVARENGA PEIXOTO. — Obras completas, 1 v. in-8.° . . . . . 3$000
CASTILHO (J. F de).— O outomno, collecção de poesias, 1 v.. in-4.° br. 3$, enc. . . . . 4$000
CASTILHO (Julio de).—Primeiros versos, 1 v. in-8° br. 2$, enc. . . . . 3$000
BERNARDO GUIMARÃES.—Poesias, 1 v. in-4.° . 6$000
» —Novas poesias, 1 v. in-8° 3$000
GUIMARÃES JUNIOR. — Corymbos, poesias, 1 v. in-8.° br. . . . . 3$000
GUIMARÃES JUNIOR. — Nocturnos, poesias, 1 v. in-8.° br. 2$, enc. . . . . 3$000
MACHADO DE ASSIS.— Americanas, poesias, 1 v. in-8.° br. 2$, enc. . . . . 3$000
MACHADO DE ASSIS.—Chrysalidas, poesias, 1 v. in-8.° br. 2$, enc. . . . . 3$000
MACHADO DE ASSIS. — Phalenas, poesias, 1 v. in-8.° . . . . . 3$000
VARELLA. — Cantos do ermo e da cidade, 1 v. in-8.° . . . . . 3$000
ZALUAR.—Revelações, poesias, 1 v. in-4.° . . 5$000

NOVA
COLLECÇÃO
DE
MODINHAS BRAZILEIRAS

TANTO AMOROSAS COMO SENTIMENTAES

precedidas

DE

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A MUSICA NO BRAZIL

I

RIO DE JANEIRO
Vende-se na livraria de—B. L. GARNIER
65—RUA DO OUVIDOR—65

1878

IDÉAS SOBRE A MUSICA NO BRAZIL

Ha mais de cincoenta annos escrevia um francez (*) enthusiasta do Brazil, as seguintes linhas sobre a musica :

« Se bem que o Brazil não tenha ainda dado á America musicos celebres, eu penso que é talvez de todos os paizes do Novo Mundo o predestinado a produzi-los em grande numero. Todos já cultivam a musica, pois que faz parte da existencia do povo, que adoça os seus lazeres cantando, e que até esquece os cuidados de um penoso trabalho sempre que escuta os simples accordes de uma guitarra ou violão. Emquanto que nos salões é applaudida a musica de Rossini, pois que é cantada com tal ou qual expressão como nem sempre ha exemplo na Europa, os curiosos percorrem as ruas ao fechar da noite repetindo as sentimentaes modinhas, que se não escutam sem que se fique commovido ; servem ellas quasi sempre para pintar os sonhos do amor, seus des-

(*) Ferdinand Denis, em 1826 : *Du gout des brésiliens pour la musique.*

gostos ou suas esperanças. São simples as expressões e os accordes repetidos de maneira assaz monotona ; mas ha algumas vezes um não sei que de incanto na sua melodia e alguma vez tanta originalidade, que o europeu recem-chegado mal póde eximir-se a escutal-a e concebê a indolencia melancholica desses bons cidadãos, que ouvem por horas inteiras as mesmas arias.

« E' ordinariamente ao cahir da noite que começam esses concertos improvisados. Então sons passageiros se mesclam, se aproximam e se afastam e vos dão a conhecer que toda a população se entrega a esta sorte de divertimento. As mais das vezes encontram-se grupos numerosos de jovens que unem os sons do violão aos da flauta ; são geralmente pouco variados os seus accordes, mas sempre justos, e essas arias simples, repetidas com tanta doçura, enchem a gente de singular melancolia, sobre tudo no seio de uma bella noite dos tropicos.

« Em vão se buscaria até agora a perfeição da musica entre os brasileiros, mas não existe solemnidade importante sem que tenha a sua missa com grande orchestra e em quasi todas as festas particulares se renovam os concertos E' uma necessidade a musica, que desejam sem cessar e que escutam com gosto embora seja

imperfeita. Onde existe similhante paixão, devem necessariamente nascer grandes musicos, e bastará algum alento do governo para dar ao novo mundo um Mozart, um Paësiello, um Cimarosa. Nos salões multiplicam-se os pianos, se bem que não se fabriquem ainda no paiz. Ha cinco para seis annos era cousa rara uma harpa no Rio de Janeiro ou em S. Salvador, não obstante achar-se este instrumento em voga em algumas partes da America meridional.

« Existe no Rio de Janeiro uma opera, e goza-se de igual vantagem na cidade da Bahia. Longe estão os cantores, como é de crer, de igualar aos que cantam na Europa, mas melhorarão com o tempo ; falta-lhes unicamente esses modelos que se encontram nos lugares em que os multiplicam os esforços da arte, concorrendo para um aperfeiçoamento desconhecido até então, apezar do gosto para a musica.

« A antiga capella real ou imperial do Rio de Janeiro offerecia excellentes modelos para lição. Ahi dirigia o celebre Portugal uma orchestra numerosa, e crer-se-ia transportado ao seio da harmoniosa Italia,

« Entre as bellas artes, é pois a musica uma d'ellas para a qual mais quéda sentem os Brazileiros. »

Segue no tomo II.

MODINHAS

ACABOU-SE A MINHA CRENÇA

POESIA DE LAURINDO REBELLO, MUSICA DE ALMEIDA CUNHA

Acabou-se a minha crença,
Sem crença devo morrer:
Quando deixei de crer nella,
No que mais poderei crer?!

Onde a verdade
Póde fugir,
Se até um anjo
Sabe mentir!

Como um anjo me jurou
Como um anjo me sorriu;
Como um anjo perjurou
Quebrou a jura — mentiu

Onde a verdade
Póde fugir,
Se até um anjo
Sabe mentir!

No olhar e nas palavras
Onde a innocencia respira,
Em tudo que diz — verdade
Só encontrei a mentira!

Onde a verdade
Póde fugir,
Se até um anjo
Sabe mentir!

ACEITA LUCINDA

Aceita, ó Lucinda
A rosa, tão linda
Que orvalha-se ainda
De meigo frescor;

Ella é primorosa,
Fragrante, cheirosa,
Nascida mimosa
No vale de amor.

Tem terna lindeza
Tem doce belleza,
Do valle é princeza,
Rainha é das flôres;
Toda ella é perfume,
Não nutre o ciume
Pois tudo a presume
Ser deosa de amôres.

N'um valle vistoso,
Mui lindo e formoso,
Surgiu gracioso,
Da rosa o botão;
Depois foi-se abrindo,
Perfume espargindo,
Mas sempre sorrindo
Com doce affeição!

Não ves, ó donzella,
Sorrindo-se ella,
Tão pura tão bella,
No seu desabrir?
Pois são mais formosos
Teus labios mimosos,
Que sabem, airosos,
De amores sorrir.

E tu és tão linda,
Mimosa Lucinda,
Qual rosa que ainda
Desabre o botão;

E's casta, formosa,
Qual flôr amorosa,
Que vive saudosa
Na casta isenção.

E toma, ó lindinha,
A linda rosinha,
Gentil, galantinha,
Do seio das flôres
Ella é primorosa
Fragrante, cheirosa,
Nascida mimosa
No valle de amores.

A SAUDADE CONJUGAL.

A consorte virtuosa,
Que benigno o céo me deu;
Succumbe á mão da doença;
Ai de mim, ella morreu!

Justos céos! que dôr acerba
Me traspassa o coração!
Acabo tambem a vida
De meu mal tem compaixão.

Tão feliz passou o tempo
De nossa curta união,
Quão horriveis os instantes
Desta cruel solidão.

ACORDA, MINHA QUERIDA

Acorda minha querida,
Acorda foge do leito,
Vem ouvir a voz do peito
Do teu terno trovador.

Oh Céos, que silencio!
Que dôr, que pesar!
Que grato luar,
Que noite de amor!

Vem ver a lua formosa
Dos amantes protectora,
Vem abraçar como outr'ora
Teu constante trovador.

Oh Céos, etc.

Troca os sonhos que t'illude
Pela verdade ditosa,
Vem consolar amorosa
Teu saudoso trovador.

Oh Céos! etc.

Neste sitio onde ditoso
Já gozei o teu carinho,
Não deixes gemer sósinho
Teu amante trovador.

Oh Céos! etc.

Acorda, minha querida,
Vem me dar um teu sorriso;
Vem abrir o paraiso
A teu terno trovador.

Oh Céos! etc.

Mas ah! debalde te chamo
Só me escuta a natureza,
Já do somno és feliz preza,
Não ouves teu trovador.

Oh Céos! etc.

Bella lua além fulgura
Em mimoso céo de anil;
Mas aqui nem um ceitil
Allumia o trovador.

Oh Céos! etc.

Acorda, virgem formosa,
Desse teu meigo dormir,
Vem escutar, vem ouvir
O teu terno trovador.

Oh Céos!

ACORDA, ESCUTA, ESCUTA

MELODIA SENTIMENTAL Á MEMORIA DO DR. LAURINDO JOSÉ DA SILVA REBELLO POR ALMEIDA CUNHA

Acorda, escuta, escuta,
Desperta, — não durmas tanto:
Se não me podes fallar
Ao menos escuta o pranto.

Que pelo pranto que vêrto
Me conhecerás então;
Quem te falla é teu amigo,
Quem te chama é teu irmão.

Bem me chamavas irmão
Quando o outro irmão perdi!
Pranteei, chorei por elle...
Agora choro por ti.

Fôrão dous irmãos ligados
No soffrer na desventura,
Foi-lhes a vida pesada,
Mas a morte prematura.

E' qu'elles dos céos nascidos
Só nos céos pódem viver,
Foi-lhes a sina na terra
Peregrinar e soflrer.

E como na terra unidos
Como irmãos se derão tanto,
Unidos nos céos escutem
Deste irmão o triste pranto.

Nos céos gosem felicidade
Pois só lá a podem ter :
Se na terra não gozárão,
Nos céos não pódem soffrer.

Acorda, escuta, escuta,
Desperta não durmas tanto;
Se não me podes fallar
Ao menos escuta o pranto.

A DESPEDIDA

(Romance)

POESIA DE LAURINDO REBELLO, MUSICA DE ALMEIDA CUNHA

Adeus, adeus, é chegada
A hora da despedida,
Vou, qu'importa se te deixo
Neste adeos a minha vida.

Foste ingrata aos meus extremos
Não te peço gratidão :
Perdão—para os meus carinhos
Aos meus amores—perdão !

Eu era um ente na terra,
Tu eras um cherubim!
Deus tirou-te dos seus anjos,
Não nasceste para mim.

Ah perdoa a meus amores
Esta estulta elevação;
Perdão, etc.

O crime que commetti
Foi muito punido já,
Castigou-me o teu despreso,
Maior castigo não ha.

Castigado reconheço
Quanto é justa a punição:
Perdão, etc.

Pouca vida já me resta!
Eu sinto qu'essa amargura
Tão intensa muito cedo
Ha de abrir-me a sepultura.

Do crime que fiz de amar-te,
Vem dar-me a absolvição:
Perdão, etc.

A DESPEDIDA

POESIA DO DR. BITHENCOURT SAMPAIO, MUSICA DE ELIAS LOBO

Adeus terra dos amores,
Paulicéa, adeos, adeus :
Da saudade acerbas dores
Não findaráõ dias meus.

E tu, virgem peregrina,
Anjo do Céo que adorei ;
Quem sabe, terna Angelina,
Se algum dia te verei.

N'este estado de incerteza
Que mágua sinto de amor ;
Até mesmo a natureza
Parecer chora de dôr ;

Ah ! que saudades
Na solidão !
N'este meu canto
Deixo alma e pranto
E o coração.

Felicidade,
A ti, aos teus
Anjo dos Céos,
Adeos ! adeus !...

RECORDAÇÕES

Adorei na minha infancia
Bella joven, seductora,
Foi feliz minha ventura,
Nossa sorte encantadora.

Mimosa flôr
D'haste pendida,
Vem recordar
Minha querida.

De amores as delicias
Em nossos peitos jazerão,
As sabias leis de cupido
As nossas almas renderão.

Mimosa flôr, etc.

De nossa jura de amor
O hymeneu se apossou,
O doce laço da vida
Té por fim se consummou.

Mimosa flôr, etc.

Correu o tempo veloz,
Seguiu-se a sorte fatal.
Mas em breve vi findado
O nosso amor conjugal.

Mimosa flôr, etc.

Pois a morte impia e fera
Roubar veio a minha amada,
Deixando em meu terno peito
Sua imagem retratada.

Mimosa flôr, etc.

Como prova de lembrança
Da nossa antiga ventura,
Fui plantar uma saudade
Junto á sua sepultura.

Mimosa flôr, etc.

Cresce commigo a saudade,
A lembrança do passado,
E assim a penar vivo
Carpindo o meu duro fado.

Mimosa flôr, etc.

Bem juntinho da saudade
Mimosa rosa nasceu,
Recordando o nosso amor
Da debil haste pendeu.

Mimosa flôr, etc.

A ESTRELLA DE MINHA VIDA

POESIA DE VILLAS-BOAS, MUSICA DE RAPHAEL COELHO MACHADO

(*Bacarola*)

A estrella da minha vida,
Aquella esphera de luz,
Que vêl-a empalledecida
Nunca no céo eu suppuz ;
Qual meteóro que passa
Sem traços deixar de si,
Assim por minha desgraça,
Do azul do céo a perdi !

Ella era a estrella mais pura
Que habitava o lindo céo !
Do manto da noite escura
Era um engaste, um trophéo ;
Como ella outr'ora brilhava
Nem um astro hoje reluz,
Seo brilho n'alma fallava
De amor, de vista, de luz !..

Quando ás vezes, qual açoite
Soprava o rijo escarcéo,
D'entre os negrumes da noite
Me apparecia no céo !..
Como um phanal de bonança
Me offertava os raios seus,
Eu n'ella tinha esperança
Seus raios dizião— DEUS !

Em quanto eu tive essa estrella,
Gozei da vida a ventura,
Depois que deixei de vêl-a
Só me lembra a sepultura;
Pois cahido o astro amigo
Que de norte me servia,
Que tambem ao meu jazigo
Chego em breve me annuncia.

Em trévas vivendo agora
Como... um ludribio da sorte,
Peço a Deus que apresse a hora
De minha propicia morte...
Morrendo, ao menos ao espaço
Minh'alma n'um vôo erguida,
Talvez encontre inda um traço
Da estrella de minha vida.

A FLOR DE MEUS CULTOS

A flôr de meus cultos
A rosa que ha pouco,
Tão cheia de encantos
Se via ostentar
De chofre o tufão
Levou-a nas azas,
As pet'las vôaram
Dispersas no ar!

Que flôr é aquella,
Que triste, coitada!
O crepe de luto
Parece vestir ?..
É flôr da saudade
Que ausente da rosa,
Commigo, chorosa,
Parece sentir.

Vem flôr de minh'alma
Unir-te ao meo seio,
Pois quero comtigo
Meu pranto verter ;
O meu coração
Partido ficou,
A's farpas não pódem
Não pódem gemer.

AI MEU BEM SE EU NÃO TE AMO

POESIA DE F. M. M., MUSICA DE J. R. DE OLIVEIRA COSTA

Ah! meu bem, se eu não te amo
Deus la do céo não me escute,
E nem o sol me allumie,
Nem a terra me sepulte.

Ah! meu bem, se te não amo
Seja um ente sem ventura ;
As ondas do mar sanhudo
Sejão minha sepultura.

Se não crês no que te digo
Tens aqui meu juramento,
Achareis teu nome escripto
No meu terno pensamento.

Pois mesmo depois de morto,
Debaixo de frio chão,
Acharás teu nome escripto
No meu terno coração.

A HORA QUE TE NÃO VEJO

POESIA DO VISCONDE DE ARAGUAYA

A hora que te não vejo
É pr'a mim hora perdida;
Se eu vivo só a teu lado
Como é curta a minha vida!

Que vida d'instantes,
Que breve existencia,
Que noites de angustias
Passadas na ausencia.

Depois que te dei minh'alma
Só vivo um'hora no dia,
Mas hoje nem gozar pude
Um momento de alegria.

Que vida, etc.

Só Silvia, nos teus braços,
Do mundo todo esquecido,
Poderei gozar n'um'hora
Da ausencia a tempo perdido.

Que vida, etc.

EIS O SIGNAL

POESIA DE J. NORBERTO DE SILVA SOUZA, MUSICA DE DEMETRIO RIBEIRO

A hora sôa,
Eis o signal!

Vem minha amada,
Por ti suspiro
E vêr-te aspiro
Sempre leal.

A hora, etc.

Hora propicia
Tudo emmudece
Tudo adormece
Poder lethal.

A hora, etc.

Propicia noite
A teus favores
A meus amores
É sem igual.

A hora, etc.

Terna Ocarlina
Vem afagar-me
Ah ! corre a dar-me
Um prazer tal.

A hora, etc.

O PRISIONEIRO

Ai ! captivo tão moço vivendo
Neste forte, no mar, sem ninguem,
Cada dia te espero gemendo
Como espero ser livre tambem.

Rainha das ondas, na barca ligeira
Aos échos cantando dirigi-te ao mar ;
São dôces os ventos a onda é fagueira.
E o céo é sem nuvens, tu pódes vogar.

Destas aguas altanas tão bellas,
E teu seio que lindo que está !
Tão suave, quem sopra-te a véla ?
Meiga brisa, ou amor ? quem será ?

Rainha das ondas etc.

Tu esperança m'inunda este peito !
Ai ! se queres d'aqui me arrancar,
Eu te sigo, a ventura eu aceito
Quero livre outras plagas pizar.

Rainha das ondas, etc.

Porque páras ? a dôr que me cança
Despertou-te este pranto pr'a mim ?
Semelhante a fugace esperança
Ai ! me foges, e eu vivo inda assim !

Rainha das ondas etc.

Enganou-me illusão tão querida !
Mas que vejo ! m'estendes a mão ?
Astro amigo que prendes-me a vida
Amanhã seguirei teu clarão.

Rainha das ondas, etc.

AI, MEU BEM, SE EU TE NÃO AMO

Ai, meu bem, se eu te não amo.
Um passo não chegue a dar,
A mesma terra em que piso
Não me queira sepultar.

Ai, meu bem, se eu não te amo,
O Deos do céo não me escute,
Nem o sol mais me alumie.
Nem a terra me sepulte.

Ai, meu bem, se eu te não amo,
Seja um ente sem ventura,
As ondas do mar sanhudo
Sejão minha sepultura.

Se não crês no que te digo,
Tens aqui meu juramento:
Acharás teu nome escripto
No meu terno pensamento;

Pois mesmo depois de morto,
Debaixo do frio chão,
Acharás teu nome escripto
No meu terno coração.

ALÉM DE MEUS MALES

Além de meus males
Vem Marcia infiel,
Zombar de meus zelos
Ser sempre cruel.

E' tão caprichosa.
E' tão fementida!
Não sabe essa ingrata
Que rouba-me a vida

Oh! Marcia bella
Dos sonhos meus,
Por teus ciumes
Eu morro— adeos!

Da sorte os caprichos
Não me attribulavão,
Quando os labios della
Um riso me davão.

E' tão etc.

Mas agora se reunirão
A ingrata e a sorte,
Para gotta a gotta
Me darem a morte.

E' tão etc.

CIUMES

POESIA DE ANTONIO JOSÉ

A leôa embravecida
Ao se vêr destituida
Do filhinho tenro e caro
Com furores e bramidos
Rompe a terra e fere o ar :
Assim eu em meus gemidos
Bramo, peno e sinto e choro,
Vendo, oh Deos, o qu'eu adoro
N'outros braços descançar!

ALTA NOITE

POESIA DE J. NORBERTO, MUSICA DE NORONHA.

Alta noite ! Tudo dorme...
Tudo é silencio na terra.
Nem se quer nos ares erra
Negro mocho gemedor !
Oh ! que horas tão propricias
Para quem geme de amor.

Sob a avara gelosia
De seu bem caro adorado,
Ancioso o praso dado
Espera o teu amador !
Vem saudosa e grata amante,
Que por ti suspira amor !

Leonor meu doce anjo,
Vê que sôa a hora primeira,
Vem pela vez derradeira
Abraçar o teu cantor ;
Em teus braços ache a vida
Quem por ti morre de amor.

Só por ti affronto a morte,
E esta vida tão amada,
Ao cruel golpe da espada
Vou por ti contente expôr ;
Oh ! por mim seja o triumpho,
Que por ti é meu amor.

Já se abre a gelosia,
E' hora da despedida...
Podesse aqui minha vida
Findar da saudade a dôr
Vem saudosa e grata amante,
Tua porta abrir a amor !

ACCRESCIMO DO BARÃO DE S. GONÇALO

Leonor, que a voz sonora
Do seu trovador ouviu ;
Ai triste não reflectiu,
N'um cauteloso rumor :
Diz que sim ao terno amante,
Que se abraza só de amor.

Já descendo ia apressada
Para ingresso dar ao amante,
Quando um grito penetrante
A' alma lhe traz a dôr...
Era um ai de seu amante
Que morre por seu amor.

Um rival que occulta espreita
A ventura do rival,
Cravou—traidor— o punhal !
No feliz adorador...
E fugindo, deixa-o exangue,
Esperando o seu amor.

E Leonor que indecisa
Com seu ai quasi ficou,
Já de novo se animou,
Energia dando á dôr ;
Desce a rua e delirante
Vae salvar o seu amor.

Depoz os labios tão puros
Sobre os da larga ferida,
Parecia alento e vida
Dar ao ferido cantor :
Rasga seu branco vestido,
Para atar o seu amor.

Depois o deixa, de novo,
Volta com agua e afflicta
O morto apalpa e agita,
Ponde-lhe d'agua o frescor :
Mas não disperta o amante,
Quanto soffre o seu amor !

Curvada já sem espr'ança
De vêl-a á vida voltar,
Começa então a chorar
Cheia de magoa e de dôr.
Cahem lagrimas ardentes
No peito do seu amor.

Subito o amante estremece,
Abre os olhos, volta á vida :
Vê sua Leonor querida
Junto delle toda em dôr...
Foi o pranto que deu vida
A quem morrera de amor.

A AMANTE DO POETA

POESIA DE M. M., MUSICA DE J. LEITE

A meiga virgem
Dos sonhos teus,
Ora na terra
Por ti, á Deos

Anjo predido
Na solidão,
Ouve os suspiros
D'um coração !

Sôpro de morte
Gelou-te o peito,
Tombaste cêdo
N'um frio leito.
Anjo etc.

Se tu na vida
Me déste os cantos,
Na morte escuta
Meus tristes prantos.

Anjo etc.

Adeos, ó bardo,
Sonha comigo,
Na noite eterna
Do teu jazigo.

Anjo etc.

A MINHA ALMA

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

A MINHA alma não se entende,
Nem sei, Lilia, o que procura;
Só sei que a minha ventura
Do teu coração depende.
Com teu sorriso se acende
A minha ardente paixão;
Com a tua indignação
Cresce a minha dôr interna;
E' teu resto quem governa
A paz do meu coração.

MEUS ABRAÇOS, MEUS BEIJINHOS

Amo a uma pequenina
Que me chama seus carinhos
Porque lhe dou por amor
Meus abraços, meus beijinhos.

Quando estou juntinho d'ella
Tudo são mil agradinhos,
Tudo são mimos do céo
Meus abraços, meus beijinhos.

Quando o ciume começa
Já não sou então carinhos,
Já não são mais para ella
Meus abraços, meus beijinhos.

Me diz, mordendo-se toda,
Não preciso de carinhos,
Não quero mais seus abraços,
Nem tão pouco os seus beijinhos

A MULHER

Amor de mim não fez caso
Roubou-me, cruel fementida,
Com meu rival a teu lado
Ingrata, roubas-me a vida.

Por Deos que a vida é um sonho
Quem n'ella não sabe amar!
Mulher a quem tanta amei
Hoje me quer despresar.

Antes eu nunca te visse
Nem te tomasse amisade,
Para agora me deixares
No rigor de uma saudade.

Por Deos, que a vida, etc.

Os dias de minha vida
Levo comtigo a sonhar,
Pensando no teu amor
Vivo só a suspirar.

Por Deos, que a vida, etc.

Falla mulher de minh'alma
Se ainda me tens amor;
Falla, por Deos eu te juro
Que serei teu trovador.

Por Deos, que a vida, etc.

TEU SUSPIRAR

POESIA DE J. M. MOURÃO, MUSICA DO DR. CLARIMUDO

Amor querendo
De mim zombar,
Teus olhos, Lisia,
Me quiz mostrar.

Suave effeito
Então senti...
E escravo d'elles
Logo me vi.

Agora, Lisa,
Sinto paixão,
Por ti só geme
Meu coração.

S'estes affectos
Intentas pagar,
Lisa, me basta
Um teu suspirar !...

O DESEJO

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA SILVA

Ardo, oh ! bella,
N'um desejo,
De te um beijo
Offerecer ;
Mas receio
A cada instante,
Incessante
Te offender.

Sim receio...
Mas as faces
Mas vivaces
São na côr !
Oh! que rosas
Tão perfeitas !
Que colheitas
Para amor !

E o receio
Se esvaece
Que recresce
O desejar...
E a esperança,
Que me alenta,
Se accrescenta
A me inspirar!...

Mas tu voltas
O semblante,
N'um instante
A me fugir,
Não me queres,
Não me attendes,
Só pretendes
Me affligir!

Vês a abelha,
Que á roseira
Vae ligeira
Osculo dar?
Eil-a toda
De ventura
E doçura
A se fartar!

Vês as aves
Que arrulhando
E beijando
Lá s'evão!

Que doçura
N'essa estreita,
Tão perfeita
União!

Vês a brisa
Sobre o lago?
Com que afago
Se espraiou!
Oh! nas aguas.
Que ventura,
Que doçura
Respirou!

E eu sómente,
Desgraçado,
Despresado
Sou de amor!
Como é duro
Meu destiuo!
Que ferino
E' teu rigor.

MAS NÃO LHE DIGAS DE QUEM

POESIA DO VISCONDE DA PEDRA BRANCA

Ar, qu'em torno de mim giras,
Gira em torno do meu bem,
Dize-lhe que es um suspiro,
Mas não lhe digas de quem.

E tu, dize-lhe, ribeiro,
Que augmentadas as aguas tem
Lagrimas d'um imprudente,
Mas não lhe digas de quem.

ARVOREDO TU QUE VISTE

Arvoredo tu que viste
A minha Jonia mimosa,
Apparecer-te saudosa
Com seu rosto encantador;
Deixa cahir tuas folhas,
Sente tambem minha dôr.

Mudão-se os tempos
Desta ventura,
Jonia perjura
Não tem-me amor.

Jonia ás vezes me dizia,
Com amante singeleza;
Aonio tem a certeza
Que te amo com ardor.
Deixa cahir tuas folhas,
Sente tambem minha dôr.

Mudão-se, etc.

Ao ver seus olhos formosos
Cheios de tanto languor;
Quem supporia seu peito
Tão cruel e tão traidor!
Deixa cahir tuas folhas,
Sente tambem minha dôr!

Mudão-se, etc.

Estes arbustos a ouvirão,
Elles sentem a minha dôr,
Guardo á floresta o segredo
Deste mysterio de amor.
Chora comigo, arvoredo,
Sente tambem minha dôr.

Mudão-se, etc.

O MEU FIEL JURAMENTO

MUSICA DE NORONHA

Arv're que emballas teus ramos
Nas brandas azas do vento,
Deixa gravar em teu tronco
O meu fiel juramento.

Se aqui passar algum dia
O motor do meu tormento,
Leia ao menos uma vez
O meu fiel juramento.

E se sobre estas palavras
Meditar um só momento,
Saiba que fida ainda guarda
O meu fiel juramento.

A SAUDADE ME FLAGELLA

POESIA DE SALVADOR FABREGAS

A saudade me flagella!
Mas não posso em ti fallar ;
O motivo por que peno
Devo sempre em mim guardar.

Mas se a sorte melhorar
O cruel destino meu,
Hei-de ver-te nos meus braços
E depois voar ao céo.

Eu adoro a uma ingrata,
E não posso aborrecel-a;
E' tão cruel minha estrella
Qu'estou sempre a suspirar;

Mas se a sorte, etc.

Recordando que o teu nome
N'um verde tronco escrevi,
Fui beijal-o e quasi louco
Julguei dar um bêijo em ti.

Mas se a sorte, etc.

ASTRO DO CÉO

POESIA DE G. P.

Astro do céo,
Rara belleza,
Acaso és dom
Da natureza?

Da natureza
És perfeição,
Aceita, ó bella,
Meu coração.

Meu coração
A ti pertence,
Tu candura
A mim só vence.

A mim só vence
Teu mago olhar,
Tão penetrante
Faz-me expirar.

Faz-me expirar
Sómente ao ver-te,
Mas quero a vida
A pertencer-te.

Para pertencer-te
Para ser ditoso,
Quisera um sim
Esperançoso.

Esperançoso
De ti almejo,
Dos labios teus,
Um doce beijo.

Um doce beijo
Seria a paga,
Seria a cura
P'ra minha chaga.

P'ra minha chaga
Inda sangrenta.
Mas que é isso
Ella se ausenta.

Ella se ausenta
Por que cruel,
Queres ainda
Que eu sorva fél.

Que eu sorva fél
Eu te enganei,
És illudida
Muito te amei.

Muito te amei
E adivinha,
Inda te amo
Oh bella minha!

LAURA

POESIA DE FREDERICO COLIN

A aurora bella.
Fresca e formosa,
Os céos c'lorindo
De ouro e rosa:

O doce aroma
Do prado em flôr,
Trajando galas
D'aureo primor;

A borboleta
Setim dourada
Pelas flôrinhas
Dependurada;

Tudo que ha ledo,
Na terra e céo
Não vence em graças
A um riso teu.

A lympha em perolas
Serpenteando,
Quando nas pedras
Vai scintillando;

O hymno alegre
Dos passarinhos,
Cantando amores,
Entre os raminhos;

Laura formosa,
Teu bello riso
Resume as graças
Do Paraiso!

AVESINHA SOLITARIA

POESIA DE ANTONIO JOSÉ

Avezinha solitaria
Saudosa, amante e triste,
Sou, nos echos que repito,
De continuo a suspirar ;
E no canto em que procura
Dar allivio a seu tormento,
Mais cresce o rigor violento,
Mais se augmenta o seu penar.

BASTA, AMOR !

Basta, amor, meu terno peito,
Assás penado já tem,
Para sua desventura
Foi bastante querer bem.

Amor escuta
Tão justa queixa;
Amôr piedade
Vai-te me deixa.

O pranto me inunda a face,
Nos olhos não se detem,
Quem quer chorar, como eu choro,
Custa pouco; queira bem.

Amôr, etc.

Contra os delirios de amôr
A razão força não tem,
Que a razão é só quiméra
Se se oppõe ao querer bem.

Amôr, etc.

BEIJO A MÃO QUE ME CONDEMNA

POESIA DO DR. J. M. NUNES GARCIA, MUSICA DE R. S. P. M.

Beijo a mão que me condemna
A ser sempre desgraçado,
Obedeço ao meu destino,
Respeito o poder do fado.

Que eu ame tanto
Sem ser amado!
Sou infeliz,
Sou desgraçado!

BEM COMO O ORVALHO DA NOITE

Bem como o orvalho da noite
Busca o carinho da flôr;
Assim minh'alma em delirio
Suspira por teu amor :
Mas com tanta crueldade
Nem sequer tens-me amisade.

Mas si eu podesse encontrar
De teus labios um sorrir,
Seria a minha ventura
E tambem o meu porvir :
Mas com tanta crueldade,
Nem sequer tens-me amisade.

Permitta o céo que algum dia
Mas feliz eu possa ser,
Se continuar nesta sorte
Antes prefiro morrer.
A morte é sonho dourado,
Para quem é despresado.

A CLORI

POESIA DE ANTONIO JOSÉ

Borboleta namorada,
Que nas luzes abrasada,
Quando expira nos incendios,
Solicita o mesmo ardor :

Tal, oh Clori, me imagino ;
Pois parece que o destino
Quer, por mais que tu me mates,
Que appeteça o teu rigor.

O BOTÃO DE ROSA

POESIA DE GONSALVES LEDO, MUSICA DE JOSÉ RUFINO

Botão de rosa,
Mimosa flôr,
E's o retrato
Do meu amor.

Se tu tens nas breves folhas
Suave, purpurea côr,
Nas pulchras faces de Lilia
Arde em chammas o rubor.

Botão de rosa, etc.

Se o ar vizinhos perfumas
Com o teu suave odor,
De Lilia o virgineo bafo
Inspira e convida a amor.

Botão de rosa, etc.

Tu abres o rubro seio
Ao formoso heija-flor,
Nos botões do seio della
Haure a vida o casto amor.

Botão de rosa, etc.

O GALLO DE CAMPINA

POESIA DE NATIVIDADE SALDANHA

Campino gallo
De garbo cheio,
No prado voa
De amor contente;
Orna-lhe a frente
Vermelha c'rôa.

Ave tão bella
Não viu ninguem.

Cólar purpureo
Lhe adorno o peito :
Qnando ella então
Doces amores
Por entre as flores
A voz resôa.

Ave, etc.

O ADEUS

POESIA DO DR. GABRIEL NAVARRO, MUSICA DE A. C. MARTINEZ

Casta mimosa flôr
Dos bellos jardins de Deos,
Amo-te com tanto ardor,
Estrella dos sonhos meus !
Minh'alma toda queimei
No fogo dos olhos teus :
Nem sabe quanto te amo,
Estrella dos sonhos meus !

Flôr meiga e bella,
Dos sonhos meus ;
Oh minha estrella
Adeus, adeus !

Tu eras minha esperança
Da vida nos escarcéus
Meigo astro de bonança
Estrella dos sonhos meus;
Mas desse amor tão santo
Das flores puras dos céos;
Hoje quebrão o encanto
As lagrimas de um adeus.

Flôr meiga, etc,

Longe de ti peregrino
D'uma agonia cruel,
Vou tragar do meu destino
A taça de amargo fél,
Anjo que tanto adorei
Estrella dos sonhos meus,
Quem sabe se te verei
Nunca mais : adeus, adeus!

Flôr meiga, etc.

CASO DE AMOR TÃO FINGIDO

Caso de amôr tão fingido
Eu já fiz, hoje não faço,
Eu por ti já dei a vida
Hoje não dou nem um passo.

Basta, ó cruel. já não posso
Soffrer da sorte o rigor;
Não vés que por ti padeço
Lembranças do nosso amor.

Se fazes gosto em deixar-me
Ninguem te priva, ó cruel.
Mas ao menos saiba o mundo
Que te fui sempre fiel.

Basta, ó cruel, etc.

Um pensamento de morte,
Uma lembrança de amôr,
Uma esperança perdida
Eis o que faz minha flôr.

Basta, ó cruel, etc.

Vem ó Lilia, vem chorosa,
Em meus braços reclinar-te,
Vem ouvir ternos queixumes
Quero tudo relatar-te.

Basta, ó cruel, etc.

Vês cruel, quanto padeço,
Vê tambem qual é meu fado,
Vê que na vida de amôres
Quem ama quer ser amado.

Basta, ó cruel, etc.

O CHECHÉO

POESIA DE NATIVIDADE SALDANHA

Chechéo engraçado
Gentil mangador
Das aves brasilias
O incanto e a flòr,
Quem póde igualar te
Mimoso cantor?

Orpheu sonoroso
Assim não cantava
Quando a esposa bella
Do Crébro chamava,
E as mágoas em cantos
De amor transformava.

Das aves imita
O vario gorgeio,
No canto suave
De harmonia cheio:
Dos homens, dos numens
E' o doce recreio.

Adorna o teu corpo
Negra loira côr,
Teu corpo respira
Ternura e amor;
Quem póde igualar-te
Mimoso cantor?

ANJO DO CÉO, TU ME MATAS

Com este rosto, onde acatas
O pundonor e sorriso;
Onde mil graças diviso
Anjo do Céo, tu me matas!
Meu peito todo dilatas
No mais completo prazer,
Quizera meu anjo ser
O teu bem idolatrado,
Com ternuras e agrados
Tu me matas sem querer.

Se volves um riso a mim
Oh! que dita, oh! que ventura!
Se me adoras, virgem pura,
De teus labios quero *um sim*;
Mas leve côr de carmim
Faz teu rosto enrubecer,
Nada tenhas a temer
Em me fallar a verdade;
Para minha felicidade
Quero *um sim* — depois morrer.

UM JOGO

MUSICA DE NORONHA

Com gentil formosa dama
Ha muito tempo joguei,
Puro jogo em que perdendo
Com essa perda ganhei.

Comecei por um sorriso
Ella um olhar me lançou,
Com esse olhar fiquei doudo
Quasi com elle ganhou.

Insiste dei lhe um suspiro
Ella um ai me desprender,
Ouvindo soltar segundo
Calou-se e quasi perdeu.

Dei-lhe um sentir de minh'alma
Deu-me um sorrir de paixão,
Quiz vencer, fiquei vencido
Lá perdi meu coração.

Perdi tudo mas que importa
Se em breve me resarci,
Se ganhei a affeição della
Em troca do que perdi?

Ha muito tempo, ha muito
Comtigo Isbella joguei,
Perdesse embora no jogo
Nessa perda alfim ganhei.

A VOZ INTERCADENTE

POESIA DE JOSÉ ELOI OTTONI

— Compadece-te de mim!
Rouca voz intercadente,
Solta este som magoado,
Para exprimir o que sente.

« O quadro é só de miserias
Intrincado labyrintho,
Mortal, tu és o que eu fui,
Mas não sentes o que eu sinto.

« Não fujas, não desampares
Um esqueleto ainda vivo ;
A compaixão é um preludio
Que offerece a dôr linitivo.

« Se a esperança de quem pede
Tem a virtude por fim.
Ah soccorre-me, não tardes,
Compadece-te de mim ! »

COMO AQUELLE ANJO FORMOSO

(Saudade)

Como aquelle anjo formoso
Que tão cêdo me deixou ;
Não me deixes, ó saudade,
Caro bem que me ficou.

Saudade, minha saudade,
Ficarás comigo aqui :
Se amanhã deixar o mundo
Contarás quanto eu soffri !

Ella foi, mas, ó saudade,
Tu comigo ficarás :
Porque a sua linda imagem
Sempre amiga lembrarás.

Saudade, etc.

Ai de mim desventurado,
Ai deslumbrante pensar,
Só me ficárão saudades
Saudades de me matar.

Saudade, etc.

Aquella graça que tinha
O seu olhar seductor,
Me fazia só pensar
E abraza-me em seu amor.

Saudade, etc.

COMO A ROSA O AMOR DURA UM DIA

MUSICA DE RAPHAEL COELHO

Como a rosa o amôr dura um dia,
Ninguem creia nos votos d'amôr,
Sois mimosa, do cume da gloria
Precipita no abysmo da dôr.

Só comtigo, no peito e na mente,
E's meu bem, tu meu Deus, cá na terra,
E' por ti que meu peito palpita
E' em ti que o mundo se incerra.

Insensato é o homem que pensa,
Gozar vida sem ter dissabor,
Terno amor que o prazer nos conduz;
Nos arroja no abysmo da dor.

Já no mundo gozei mil venturas,
Fui feliz, fui ditoso em amor,
Hoje vivo de todo esquecido
Sepultado no abysmo da dôr.

Insensato é o joven que pensa,
Ter amantes com ingratidões,
Entre amor, amor não ha tyrannia
Que escravisa nossos corações.

Já no mundo gozei da ventura
Fui feliz, fui ditoso em amor
Hoje vivo de todo esquecido
Sepultado no abysmo da dôr.

COMO SE AMA A DEUS NO CÉO

Como se ama a Deus no Céo
Te adorou minh'alma pura:
Mas tu desprezas, ingrata,
Meus extremos de ternura.

Se desprezar tu podeste
Quem soube tanto adorar-te,
Não devo amar quem me odeia
Devo tambem desprezar-te.

Porque se é crime o desprezo
Em paga de uma affeição,
Tambem é loucura amar-se
Quem pratica ingratidão.

Se desprezar, etc.

E eu amei-te tão cincera,
Tão santa e devotamente,
Que teu desprezo só mostra
Seres ingrata, inclemente.

Se desprezar, etc.

Hoje deixei de adorar-te
Com a mesma crença de então,
Pois só adoro a quem ame
Os dotes da gratidão.

Se desprezar, etc.

CRIME E DEFEZA

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Criminão-me as bellas
De mão coracão ;
Mas oução-me e digão
Se eu tenho razão.

Amei a Marilia,
Que me queria bem,
Mas não a mim só,
Sim a mais alguem.

Amei depois Lilia
Que mui me queria ;
Mas ao mesmo tempo
A outro attendia.

Amei depois Nise
Pelas prendas suas ;
Fez-me em poucos dias
O mesmo que as duas.

Por estas e outras
Mais amar não quiz;
Porque se eu amasse,
Seria infeliz.

Firme estava nisso;
Mas vi Marcia bella,
Fiquei sem querer
Morrendo por ella.

Que agrados me fez !
Que provas de amor !. .
Pois no meio disto
Inda foi peior !

Jurei não amar
Mais mulher alguma ;
Querer muito a todas,
E bem a nem uma.

Mas para evitar
Riso insultador,
Com que ellas moteijão,
Quem zomba de amor:

Affecto que adoro,
Finjo muito agrado;
E quando é preciso
Até finjo enfado.

Destes fingimentos
Criminão-me as bellas;
Mas isto que faço
A prendi com ellas!

TRISTES SAUDADES

POESIA E MUSICA DE DAMIÃO BARBOSA

Da saudade lastimosa,
Que persegue amantes peitos,
Eu soffro n'esta alma afflicta
Os crueis duros effeitos.

Quem déra me ouvisse
Alguem de ternura,
Que meigo escutasse
A minha amargura.

Tristes saudades padecem
Peitos a amôr sujeitos,
Conheço por experiencia
Os crueis, duros effeitos.

Quem déra, etc.

Ciumes, ais não conhecem
Peitos a vigôr affeitos,
Pois quem ama é quem sente
Os crueis, duros effeitos.

Quem déra, etc,

QUEIXA

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Debaixo de um alto cedro
Onde comtigo sonhei,
Acordei, Marcia, e o teu nome
No duro tronco gravei.

Tal estrago fez no tronco
N'um só dia o nome teu,
Que as verdas folhas seccárão,
O duro tronco morreu.

Se mata a um tronco o teu nome,
Gravado por minha mão;
Que hei de esperar, si o amor mesmo
Gravou-te em meu coração?

Mais desgraçado do que o tronco
A natureza me fez;
Eu morro todos os dias!
Elle morreu uma vez!

DEIXEI CABANAS

Deixei cabanas;
Deixei meu gado;
P'ra vêr Annalia
Dos meus cuidados.

Annalia bella,
Eu te votei:
A fé mais pura
Que te jurei.

Annalia, escuta
Os meus gemidos,
Sahem do peito,
Não são fingidos.

Ah! vem Annalia,
Entre no meu peito
Vem ver o estrago;
Que me tens feito.

Annalia foge
Não sei p'ra onde;
Chamo por ella.
Não me responde.

Eis a fortuna
Qu'eu tenho achado
Amar constante
Sem ser amado.

Amar constante
Sem ser amado,
Por outro amante,
Ser desprezado;

Agora creio
Dever morrer,
Para essa ingrata
Nunca mais vêr

Annalia bella
Que eu tanto amei,
Quanto te adoro
Nem mesmo eu sei!

Ah! Deos do céo
Dá-me soccorro,
P'ra vêr Annalia
Senão eu morro.

DEIXA DHALIA

POESIA DE PAULA BRITO

Deixa dhalia, flor mimosa
Ostentar tua belleza,
Tua imagem respeitosa
E' o emblema da tristeza.

Nas róxas folhas
Tens o padrão
De quanto soffre
Meu coração!

Teu centro, duro, exaspera
Minh'alma, em zelos acesa,
Flor que assim, paixão exprime
E' o emblema da tristeza.

Nas roxas etc

DE LIVRE QUE SEMPRE FUI

De livre que sempre fui,
Hoje escravo me tornei:
O amor sujeita tudo
Ao rigor da sua lei.

Inda que prêso
Dos olhos teus,
Dos actos meus
Não sou senhor:
Fica-me a gloria
De ser vencido.
De ser vencido
Por teu amor.

O preso quer liberdade
No seu estado afflictivo,
Eu, donzella, de teus braços
Quero ser sempre captivo.

Inda que, etc.

SAUDADES DE ALCINO

POESIA DE SILVA RIO, MUSICA DE ?

De Marilia Alcino ausente
Maldizia a triste sorte,
E achava mais doce a morte
Que a vida sem ver seu bem,
Porque ao lado de Marilia
Sómente alegria tem.

Na idéa gravada a tinha
A todo o instaute do dia !
De noite em sonho so via
A imagem de seu bem,
Porque o nome de Marilia
No peito gravado tem.

Saudade, cruel saudade
Ralava o peito do triste,
Mas elle sabe que existe
Na memoria de seu bem,
Porque o peito de Marilia
Ternura e firmeza tem.

A lyra d'ouro empunhando
Triste Alcino suspirava,
E depois assim cantava
Com saudades de seu bem :
« Ninguem iguala a Marilia,
Nada mais encantos tem,

« Seu rosto seus lindos olhos
Tem a minh'alma captiva,
E serei, emquanto viva,
Firme escravo de meu bem,
Porque as graças de Marilia
Meu peito vencido tem,

« Quando seus labios beijava,
De prazer quasi morria ;
So me lembra que existia
'Stando ao lado de meu bem ;
Oh quanto é linda Marilia !
Quantos attractivos tem !

« Quando sua voz divina
De amor sonora cantava,
O prazer me arrebatava
Ouvindo cantar meu bem;
Que doçura tem Marilia !
Que expressão tão terna tem !

« Oh quem me dera inda vel-a !
Que prazer não sentiria !
De tudo me esqueceria
Tornando a ver o meu bem;
Pois quando vejo Marilia
Não me lembra mais ninguem. »

GRANDEZAS DA TERRA

POESIA DE JOSÉ VICTORINO E MUSICA DE ELIAS ALVRES LOBO

De que valem grandezas da terra,
Seus orgulhos despidos de amôr,
Se as grandezas tão fôfas que encerra
Se sepultão da campa, no horror?...

De que valem sorrisos faguciros
Desprendidos sem alma ou ardor,
Se os sorrisos voando ligeiros
Vão sumir-se da campa no horror?...

De que valem bellezas na vida
Sem o brilho do meigo pudor,
Se a belleza, qual flôr já pendida,
Perde o viço, da campa no horror?...

De que valem na vida os prazeres,
Ternas phrases, do ouro o fulgor,
Se taes brilhos, encantos, poderes
Lá se escondem da campa no horror?..

Ésta vida é votada á tristeza,
A's miserias, aos prantos, e a dôr;
N'ella a gloria, o poder, a belleza,
Tudo foge da campa no horror!...

Venha embora uma falsa doçura
D'esta vida occultar o amargor,
Tudo acaba! somente a alma pura
Não succumbe da campa no horror.

DE TI FIQUEI TÃO ESCRAVO

De ti fiquei tão escravo
Depois que teus olhos vi,
Que vivo só por teus olhos,
Não posso viver sem ti!
Contemplando o teu semblante
Sinto a vida m'scapar,
N' um teu olhar perco a vida
Resuscito n'outro olhar.

Mas é tão doce
Viver assim!
Lilia, não deixes
De olhar p'ra mim

N'um raio dos teus olhares
Minh'alma inteira prendi,
Só tens minh'alma em teus olhos
Não posse viver sem ti!
A qualquer parte que os volvas
Sinto minh'alma voar,
Inda que livre das azas
Preso só no teu olhar.

Mas é tão etc.

Qu'era meu fado ser teu
Ao ver-te reconheci,
Nada muda a lei do fado
Não posso viver sem ti!
Por não ver inda completa
Essa doce escravidão,
Se me ferem teus olhares
Choro sobre meu grilhão.

Mas é tão, etc.

Por esses teus lindos olhos
A ser sincero aprendi,
Se me consagras amor
Não posso viver sem ti!
Por seres firme e constante
Entreguei-te o coração,
Por ti sómente s'inflamma
Na mais ardente paixão.

Mas é tão etc.

OS OLHOS BELLOS

MUSICA DE CANDIDO IGNACIO DA SILVA

De uma pastora
Os olhos bellos,
Me tem causado
Amor desvellos.

Morro por ella
A todo instante,
Mas ella ignora
Meu peito amante.

Agro receio
Me embaraça,
Fico indeciso
Não sei que faça.

Emfim amôr
Rege meus passos,
A vêr se encontro
Fagueiros laços.

Chego-me a bella
Mas com pudor,
Apenas fallo
No meu amor.

Confusa fica
Os olhos volve,
Levanta a voz
E assim resolve.

Vivamos sempre
Em doces laços,
Depois me aperta
Entre seus braços.

Pensem amantes
A sensação,
Que sentiria
Meu coração.

DA-ME UM SORRISO

POESIA DE J. J. BERNARDO, MUSICA DE J. F. DAS CHAGAS.

Dize-me, ó bella, se me amas,
Escuta com attenção:
Dá-me um riso dos teus labios,
Consola meu coração.

Se teu affecto é voluvel
Porque m'illudes em vão?
Pede a teu anjo um punhal
E me crava o coração.

Ah! como sou infeliz!
Amar e não ser amado,
Ser pelo anjo que adoro
Pouco a pouco desprezado.

Prudencia tu és a mãe
D'um infeliz como eu:
Já gozei horas felizes
Meu coração já bateu.

Mas hoje a sorte mudou-se
Tornou-se um fel o meu fado;
Tinha ventura, acabou-se,
Pois amo sem ser amado.

DORME, DORME, O' MORÉNA.

MODINHA E MUSICA DE ALVES.

Dorme, dorme, ó morena,
O somno da eternidade!
Que só deixaste ao esposo
A triste dôr da saudade.

Roubou-me a Parca tyranna
O meu mais cáro penhor,
Com elle a flôr dos meus dias
Minha vida e meu amôr!

Que sórte desventurada
Traz meu pranto em amargura!
Dorme, dorme ó morena
Lá na fria sepultura.

Se tu meu pranto escutares
Envolto com o meu soffrer,
Passarei contente a vida
Até findar meu viver.

Se os meus lamentos ouvires
Repassados de ternura,
Dorme, dorme ó morena,
Lá na fria sepultura.

Adeus, ó bella morena
Descançada d'este mundo,
Fico só em cruel luta
Com este ardor tão profundo.

E AQUI ... BEM VEJO A CAMPA.

POESIA DO FALLECIDO Dr. LAURINDO, MUSICA DE ANTONIO LUIZ DE MOURA.

E' aqui !...bem vejo a campa
Onde jazem meus amores,
O perfume de su'alma
Inda sinto nestas flores.

Aqui nascêrão saudades
Plantadas por minha mão,
Nascerão—devem regal-as
Pranto do meu coração.

Pranto amargo de minh'alma
Orvalho bem estas flores...
Vérte aqui saudosa magoa
Que sinto por meus amores.

Aqui nascerão etc.

O ECHO

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUSA SILVA.

Echo piedoso, não digas
A ninguem porque padeço;
Não publiques, eu te peço,
A causa de meu clamor.
Escutemos: — falla o echo:
O echo me diz: — amor!

Essa a quem eu tanto amo
Tornou-se ingrata, perjura,
E falta a sagrada jura
Para ser hoje infiel.
Escutemos: — falla o echo;
O echo me diz: — fiel!

Fiel! Ah! Ella me engana,
Me menos preza e maltrata;
É perjura, falsa, ingrata;
E hei de ama-la sendo assim?
Escutemos: — falla o echo
O echo me diz que: — sim

NICTHEROY

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUSA SILVA

PARTIDA

Eis ahi o signal!... Bate a hora.
E o momento chegou da partida!
Mas não chores, oh! alma querida,
Que esses prantos augmentam-me a dôr!

Oh! adeus, Nictheroy, para sempre!
Oh! adeus, linda terra do amor!

Antes nunca, oh! meu anjo eu te visse.
Antes nunca, oh! meu anjo eu te amasse,
Nem jamais a vencer me chegasse
Teu olhar divinal, seductor!

Oh! adeus, etc.

Eu te deixo, oh! meu anjo celeste!
Eu te deixo oh! gentil formozura!
Ingenosa sorriu-me a ventura,
E fugiu-me qual sonho traidor!

Oh! adeus, etc.

VOLTA

Ah! p'ra sempre se esqueça essa hora
Que obrigou-me a tyranna partida!
A meus braços vem, alma querida,
Vem a chamma apagar-me da dôr!

Nictheroy, a ti volto p'ra sempre!
Eu saúdo-te, oh terra do amor!

Não voltára si nunca te visse,
Não voltára si nunca te amasse,
Si a viver e meu peito chegasse
Sem um riso de ti, seductor!

Nictheroy, a ti etc.

Eis-me aqui, oh meu anjo celeste,
Eis-me aqui, oh gentil formozura,
Pois de novo surri-me a ventura
Mais fagueira que um sonho traidor!

Nictheroy, a ti etc.

MYSTERIO

Ella chorava sósinha
Lagrimas d'intensa dôr,
E chorando era tão bella
Como um anjo do Senhor.

Terrivel dôr traspassava-lhe
Bem profundo o coracão,
Mas seus labios não soltavão
Um grito de maldição.

Atravez de mil torturas
Do mais agro padecer,
Só lhe ouvi bradar—ó morte,
Vem dar fim ao meu soffrer.

Desditosa! que tormento
Lhe rasgava a coração!
Quanto custa ver á esperança
Desfolhada uma illusão!

TRAVESSA E VOLUVEL.

POESIA DE EUSTAQUIO P. DA COSTA.

Ella é alva, como é alvo
Fragrante e bello jasmim,
Ella é branda, como é brando
Macio e fino setim.

Ella é pura como é puro
Do lirio o suave odor;
Mas é travessa e voluvel,
Qual travesso beija-flor.

Sua face é tão corada,
Como a pet'la de uma rosa;
Seu collo esbelto e faceiro
Como a palmeira garbosa.

N'um volver dos olhos languidos
Dardeja raios de amor,
Mas é travessa e voluvel,
Qual travesso beija-flor.

Sua voz é tão sonora,
Qual do deserto a torrente;
Seu riso é raio da aurora,
Quando assoma refulgente.

Seus labios vertem perfumes,
Quando me fallão de amor:
Mas é travessa e voluvel,
Qual travesso beija-flor.

Tem de ouro os lindos cabellos.
Os labios seus de carmim;
Da barboleta a inconstancia,
E os risos de um cherubim.

Seus olhos meigos, brilhantes
Têm do céo a linda côr;
Mas é travessa e voluvel
Qual travesso beija-flor.

De todos quer ser querida,
A todos quer captivar;
Por isso a ninguem se prende,
Como a criança a brincar.

A todo sorri fagueira,
A todo protesta amor;
Pois é travessa e voluvel,
Qual travesso beija-flor.

MEUS AMORES

POESIA DE MARQUES RODRIGUES

E' morena a côr do jambo,
E' vermelha a côr de rosa,
Lindas são ambas as côres;
Mas a tez dos meus amores
E' mais linda, é mais mimosa!

A' noite que de perfumes
Não recende a canelleira,
As folhas, o fructo, as flôres!
Que importa?—nos meus amores
Fragancia ha mais verdadeira!

Ao luar, em alta noite,
Os sons da flauta me inspira.
Muito bem. Desses primores
Tambem mostra meus amores:
Minh'alma ouvindo-a delira!

Do ábio o mel é gostoso,
O ananaz a mais não ser:
Mas a par desses sabores
Os labios dos meus amores
Farão a vida esquecer!

Ai, vida da minha vida,
Se me chegar aos teus braços
Morrerei... e meus ardores
Morrerão por ti, amores,
Em freneticos abraços!

ESPERO A NOITE

Em vão, ó bella,
Com grato alvor,
Mostre-se o dia
Qu'encanta amor;
Passando um dia
Sem ter prazer,
Espero a noite
Para te ver.

A aurora vai-se
N'um sol formoso,
Azul descobre-se
Um céo mimosa;
Em ti pensando,
Sem gosto ter;
Espero a noite
Para te ver.

Esse momento
Tão suspirado,
Vem dar allivio
A um desgraçado.
Se longo o dia
Sinto correr,
Espero a noite
Para te ver.

Recebe ó bella
De um trovador,
Canções mimosas
Cheias de amor.
Passando o dia
Sem gosto ter,
Espero a noite
Para te ver.

UM MYSTERIO

POESIA DE ALBANO CORDEIRO, MUSICA DE RAPHAEL MACHADO.

Em noite medonha,
Que os raios cruzavão,
E os ventos lutavão
Com ondas do mar;
Meu peito saudozo
C'um rosto formozo
Buscava a sonhar.

A lua tranquilla,
Das ondas se erguendo,
E os raios detendo
C'um meigo volver;
Calmou da tormenta
A furia cruenta,
Mas fez-me gemer.

Senti na bonança
Cruel desventura,
Provei a amargura,
Que amor recordei;
Mas foi por aquella,
Que outr'ora tão bella
Gostoso adorei.

A lua piedoza,
A face cobrindo,
Ao céo foi subindo
Com dôce langôr
E o céo puro e santo
Juntou-se a meu pranto,
Calmou minha dôr.

ERA OUTR'ORA A MINHA VIDA.

Era outr'ora minha vida
Vida inteira qu'eu gosava;
Era o fresco albor da aurora
Que no horisonte despontava.
Minha vida hoje se aparta
Da verêda da paixão,
Que nos mostra um só abysmo,
Que nos queima qual vulcão.

Que vida gosa quem vive
Sem ser de amor dominado!
E' feliz por que não traz
Alma e peito apaixonado
Vive então como no céo
Os anjos juntos a Deos,
Quem não soffre como eu soffro
Os tristes gemidos seus.

Como gemidos que sahem
De dentro do peito meu,
Como um triste que não acha
Linitivo ao pranto seu;
Perde a rosa o seu alento,
Tambem perde o seu candor,
Das flores a mais querida,
Que se dá ao terno amor.

Qual Veneza que se banha
No Adriatico gentil,
E' cidade da montanha
E' princeza do Brazil.
Vinde, ó meu Deos, dar allivio
Ao meu triste coração,
O teu sim—a minha vida
A minha morte o teu—não.

ERA UM ANJO

POESIA DE E. VILLAS BOAS, MUSICA DE ALMEIDA CUNHA.

Era um anjo, um anjo lindo
A filha que Deos me deu;
P'ra me dar um goso infindo
Foi que ao mundo ella desceu.
Tão graciosa, tão bella.
Era no gesto e brincar;
Que na graça a mais singela.
Ella sabia encantar.

Mas a filha extremecida
Mais linda que Deos me deu;
A minha Isabel querida,
Fechou seus olhos, morreu:
Morreu, ai, dôr! mas tão bella
Ficou da morte entre o véo;
Que a sua graça singela,
Deve ser hoje do céo.

Foi-lhe esta morte um descanço
Fôra-lhe a vida um penar,
Hoje dorme no remanso
Que só Deos lhe pôde dar.
Levou do mundo a innocencia
Tão pura, qual Deos lh'a deu:
Dos anjos tinha a essencia
Fechou seus olhos—morreu!

O ESPECTRO

Espectro horrivel que surges
Junto a minha cabeceira,
Tua voz brada meu crime
Tenho horror desta caveira.

Com esse punhal
Que apertas convulso,
Eu fiz este sangue
Que tinge-me o pulso.

Fóge, espectro, que és tormento
Que o do inferno inda mais forte.
Sobre meu rosto vivo
Sinto teu bafo de morte.

Com esse punhal
Que apertas convulso,
Eu fiz este sangue
Que tinge o meu pulso,

Ergue o braço e o teu punhal
Fundo enterra no meu peito,
Ai! mais forte, espectro, calca,
Tinge de sangue o meu leito.

Com esse punhal
Que apertas tão forte,
Se a morte ti dei
De ti quero a morte.

CONTINUAÇÃO DE LAURINDO REBELLO

Sumio-se, mas inda escuta
Seus gemidos, que afflicção!
E esta mancha de sangue
Não se apaga, oh! maldição!

Espectro, descança,
Que ao triste homicida,
As dôres do inferno
Começão na vida.

Eil-o alli com o mesmo ferro,
Oh! que terror! que tortura!
Cavando junto a meu leito,
Para abrir-me a sepultura.

Espectro, piedade,
Não caves assim...
Eu dei-te um só golpe
Tu mil sobre mim.

A ESPERANÇA

Esperança lisongeira
Que alentas meu coração,
Dize quando terá fim
Minha dôr, minha afflicção.

Apressa o doce momento
Da minha felicidade,
Matta o susto que me assalta
Extingue a minha saudade.

Esperança és meu alivio,
E's minha consolação,
Sinto-me arrancar a vida
Nesta dôr, nesta afflição.

Apressa, etc.

OS SEUS OLHOS

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Esses teus olhos, Marilia,
Não sei que attractivos têm!
Quem quer que seja em te vendo
Por força ha de querer bem.

E até pede o coração
Que não queira a mais ninguem!

Ninguem vive sem amar;
E, se ha no mundo alguem,
Que venha ver os teus olhos;
Quero ver se não quer bem!

E até pede, etc.

Os olhos d'outras só lembrão
Cousas que não vão, nem vêm;
Os teus entendem co'a gente,
E mandão querer-te bem.

E até pede, etc.

EU SINTO ANGUSTIAS

Eu sinto angustias
Me suffocar,
Não ha remedio
Senão chorar.

Eia, choremos,
Comece o canto,
Tambem cantando
Se verte o pranto.

O canto ás vezes
E' brisa d'alma,
Que o mal consola
E a dôr acalma.

E cada letra
Que o canto diz,
Um — ai — repete
Do infeliz '

O canto é préce
Que vôa a Deos,
Se um triste canta
Os males seus...

E livre o canto
No ar s'isola,
O céo penetra
E Deos consola.

Depois que a ingrata
Ferio-me tanto,
Que de mim fôra
Sem este canto...

Talvez que as chagas
Fossem mortaes,
Se as não curasse
Com estes — ais.

A ESPERANÇA

POESIA DE ANTONIO JOSÉ.

E' tal a esperança
N'um peito amoroso,
Que o bem duvidoso
Alentos lhe dá.

Se em duvida o gosto
Suspende o gemido;
Um bem possuido
Que gloria será!

É TÃO FORMOSA!

E' tão formosa
Marilia bella
Que de continuo
Morro por ella.

Apenas vi
O seu semblante,
Feriu-me a setta
No mesmo instante.

E' como a rosa
Inda em botão,
Que prende sempre
Meu coração.

O céo permitta
Por piedade,
Que seja firme
Nossa amisade.

O seu olhar
Tão expressivo,
Que preso eu delle
Não sei se vivo.

Permitta o céo,
Por compaixão,
Que seja meu
Seu coração.

Se me concede
Um térno beijo,
Dos céos, da terra.
Nada desejo.

No seu semblante
De nivea côr,
Diviso abertas
Rosas de amor.

Se por acaso
Sorrir-me a bella,
Um céo diviso
No riso della.

Suspira a bella
Quando enlanguece,
Seus olhos volve
Ai desfallece.

EU AMAVA TERNAMENTE

Eu amava ternamente
Um anjo que o céo creou,
Esse anjo era tão bello
Que minha vida alentou.

Mas a sorte que persegue
O meu triste coração,
Fez que ella desprezasse
Minha ternura e paixão.

Infeliz que só vivia
Enlevada nesse amor,
Illudido canta, céde
Quanto lhe pêde o traidor.

Depois que seu engano
Começou a conhecer,
Coitadinha, desgraçada,
Succumbio ao padecer.

EU AMO AS FLORES

POESIA DO VISCONDE DE ARAGUAYA, MUSICA DE M. A. DE SOUZA QUEIROZ.

Eu amo as flores
Que mudamente
Paixões explição
Que o peita sente.

Amo a saudade,
O amor perfeito,
Mas o suspiro
Trago no peito.

A forma esbelta
Termina em ponta
Como uma lança
Que ao céo remonta.

Assim minh'alma,
Suspiros géras
Que ferir pódem
A's mesmas féras.

O SONHO

Eu sonhei que nos meus braços
Docemente eu te apertava,
Que em teus labios minha vida
Inteira se evaporava.

Oh! que prazer tão celeste
Não tive nesse sonhar!
Se tal sonho fosse eterno
Quisera nunca acordar,

Antes fôra um sonho a vida,
Eu seria então prazer,
Pois acordado só vivo
N'um continuo padecer.

Oh! que prazer, etc.

DESPEITO

Eu tambem sonhei venturas.
Eu tambem tive illusão,
Amôres dentro do peito,
Prazeres no coração.
Mas hoje apenas me resta
Tristes ais soltos em vão.

Na rocha da desventura
Minha illusão se findou,
Quanto amei, hoje detesto,
A mulher que me enganou.
Deteste a vida que ella
Para sempre envenenou.

Viva embora feliz
Essa mulher que adorei,
Seja-lhe o canto do mundo
O amor que lhe jurei.
Seja-lhe só a lembrança
Os beijos que nella dei

Do inferno mão abrasada,
Mil insultos violentos
Imprimão n'aquelles faces,
N'aquelles labios cruentos.
Que cuspidos — não beijados
Não farião meus tormentos.

EU TE AMO!

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA SILVA, MUSICA DE F. DE NORONHA

Eu te amo!—A tua imagem
Me acompanha a todo o instante
Dize, si teu peito amante
Tambem me vota affecção?
Attende-me, oh! bella Armia,
Responde-me: sim ou não!

Oh! de minha triste vida
Grato nuncio de bonança,
Tu és minha esperança.
Serás a consolação!
Attende-me. oh! bella Armia,
Consulta o teu coração!

Tudo, tudo o que possuo
Eis a teus pés deposito.
Si acceitas, eu não hesito
Em te offertar minha mão.
Attende-me. oh! bella Armia!
Oh! não me digas que não

EU VI TEU ROSTO

Eu vi teu rosto
Que indicava,
Seres sensivel
A quem te amava.

Logo em te amar
Então pensei,
E fido amor
Te consagrei.

Quando a minh'alma
Em ti pensava
Em mil delicias
Se mergulhava;

Agora vejo
Que a natureza
Não te deu mais
Do que belleza.

Nestes teus labios
D'alma ternura,
Vi no teu riso
Rir-me a ventura.

Quando enganei-me
Que o riso então,
Da falsidade
Era expressão.

A mão tomei-te
Corou-se o pejo,
Voltas-te a face
Furtei-te um beijo;

O doce nectar
Que então bebi,
Que era veneno
Depois senti!

Magica rosa,
Nos meus carinhos,
Só vi-te as côres
Nunca os espinhos.

Forma e perfumes
Foi illusão,
Trago os espinhos
No coração.

Mesmo na terra
Julguei eu vêl-a,
Astro divino
A minha estrella.

Fallaz no brilho
Na claridade.
Marcava um ponto
De tempestade.

N'um olhar vivo
Relampejante,
O céo mostrou-me
Por um instante.

A visão teve
Cruel desmaio,
Foi-se o lampêjo
Feriu-me o raio.

EU VIVO, MAS OH! NÃO VIVO

Eu vivo, mas oh! não vivo
Com quem quizera viver,
Vivo, só, vivo penando
Vivo sempre a padecer!

A morrer vivo
Por não poder
Com quem desejo
Junto viver.

Meu Deus, se viver não heide
Com quem quizera viver,
Matai-me por piedade
Que assim só vivo a morrer!

A morrer, etc.

A ILLUSÃO

POESIA DO VISCONDE DE ARAGUAYA, MUSICA RAFAEL MACHADO.

Feliz tempo dos meus primeiros annos!
Em qu'eu cuidava que a maior ventura
Era ser conhecido entre os humanos
Como um filho amado
Da madre natureza
Por Deos animado
De excelso talento
Da diva poesia,
A cujo alto accento
O mundo abalado,
Seguindo a harmonia,
Reconhece que tem targe a lyra
É um anjo entre os homens disfarçado,
Cuja augusta missão só Deos inspira.

Feliz tempo em que o sol se me antolhava
Como um astro sem mancha coruscante
Luz eterna que nunca se eclipsava!
Eu nelle só via
Um carro radiante
Onde Deos vivia,
E sempre girando
Sem outro destino
De ir tudo aclarando
De um fogo divino.
Tal eu cuidava ser do genio a sorte;
Então nodoas no sol não descobria;
Hoje sei que sujeito é tudo á morte.

Tudo o que existe, tudo o que respira
Tem principio e tem fim. Murcham as flores,
A luz se apaga, o universo expira.
Que vale a belleza,
Que valem amores,
Se em nada ha firmeza?
De que serve a gloria
Ganhada n'uma hora,
Se é tão transitoria?
Renome e grandeza,
Tudo se evapora!
Mas contra as leis de Deos não murmuremos;
Imitemos, meu bem, a natureza,
E as aventuras de amor juntos gozemos.

FOI EM MANHÃ D'ESTIO

POESIA DE LAURINDO RABELLO, MUSICA DE JOÃO CUNHA

Foi em manhã de estio
D'um prado entre os verdores,
Que vi os meus amores
Sosinho a cogitar.

Cheguei-me a ella
Tremeu de pejo,
Furtei-lhe um beijo
Pôz-se a chorar.

Erão-lhe aquellas lagrimas
Na face nacarada,
Per'las da madrugada
Nas rozas da manhã

Sanctificada
N'aquelle instante,
Não era amante,
Era uma irmã.

Curvados os joelhos
Os braços lhe estendia,
Nos olhos me luzia
Meu innocente amôr.

Assoma a virgem,
Doce-se quebranto,
Secca-se o pranto,
Cresce o rubor.

FOI CRUEL O MEU DESTINO

Foi cruel o meu destino,
Foi sonho a minha ventura,
Nada prende aquella ingrata
Só me resta a sepultura.

Passo meus dias
Cheios de dôr,
Sem que os alente
Risos de amor.

Já fui amante mui terno
Já querido com ternura,
Hoje só tenho desprezos
Só momentos de amargura;

Passo, etc.

Por ver negra ingratidão
Acabar minha ventura,
Só espero o fatal golpe
Que me arroje á sepultura:

Passo, etc.

FLOR GENTIL

POESIA DO DR. GOMES DE SOUZA, MUSICA DE A. L. DE MOURA

Flor gentil que derramaste
A tua suave essencia
Pelo jardim da existencia
Meus dias embalsamando;
Como fôste, assim, tão cêdo,
Flor gentil, te desfolhando?

Eu amei-te como a rôla
Ama do bosque a espeçura,
Mas a amorosa ternura
Do meu peito não quizeste,
Do meu amor os extremos
Comprehender não soubeste.

Hoje miseranda imagem
Do proscripto cherubim
Quem ha de querer-te assim
Do céo cahido ao inferno?
Só eu choro, desgraçada,
O teu infortunio eterno.

Pobre myrrado esqueleto
Da florzinha que amei tanto,
C'o orvalho de meu pranto
Por compaixão vou regar-te.
Do meu amor é só esta
A prova que posso dar-te.

FOI POR MIM, FOI PELA SORTE

Foi por mim, foi pela sorte
Minha desgraça tecida,
Sou, ó céos! bem desgraçado;
Nem morro, nem tenho vida.

Por não ter um desengano
Da minha Marcia querida,
Vivo em continua afflicção,
Nem morro, nem tenho vida.

Do ciume abrazador
Vive est'alma combatida,
Nesta luta desastrosa,
Nem morro, nem tenho vida.

Só da féra desventura
E' minh'alma perseguida.
Ah! mentio-me o duro fado,
Nem morro, nem tenho vida.

AI DE MIM

POESIA DE INNOCENCIO REGO, MUSICA DE JOSÉ ALVES

Gemendo em vão minha dôr,
Mil suspiros vou soltar;
Consumo assim minha vida
Triste prazo a derramar!

Ai de mim! eis meu viver,
Suspirar até morrer.

Aquella que eu tanto adôro
Menospreza o meu amor,
Deixa-me assim ir penando
Soffrendo cruenta dôr!

Ai de mim, etc.

Victima da desventura
Soffrerei a minha sorte,
Deixarei de padecer
Quando emfim vier a morte!

Ai de mim, etc.

A UMA MOCINHA

POESIA DE J. BANDEIRA

Gentil primavera
Sorrio-te ao nascer,
E a paz, a innocencia
Te afaga o viver.

Um anjo mimoso,
Que ao mundo baixára,
Modelo d'encantos,
Assim não brilhára.

HERVA MIMOSA DO CAMPO

POESIA DE ESTAVÃO DE MAGALHÃES

Herva mimosa do campo
Tu és o retrato meu,
Se em breve perdes a vida
Eu sigo e destino teu.

Eu na serie dos humanos,
Tu no reino vegetal,
Ambos soffremos o golpe
Qu'extingue o triste mortal.

Mas na perda da existancia
Tua vida é mais ditosa,
Pois não guardas, não conservas
Terna paixão amorosa.

Eu na serie dos humanos, etc.

A minha sina é mais triste
Do que pódes perceber,
Por um só dia de goso
Muitos annos de soffrer.

Eu na serie dos humanos. etc.

UM SO' BEIJO

POESIA DE J. P. A. PEÇANHA

Hontem, Francina, em teus labios
Um beijo a furto imprimi:
Corou-te as faces o pejo,
Nunca tão bella te vi!

Amor teu rosto exprimia;
Teus labios mudos fallavão;
Teus olhos, teus negros olhos,
Esses, Francina, matavão!

Na bocca, botão mimoso
De rosa que vai abrir,
Senti do céo o perfume,
Vi dos anjos o sorrir!

As engraçadas covinhas,
Que de amor guardão desejos,
'Stavão travessas pedindo,
Um após outro, mil beijos!

Mas tu, cruel, te equivaste;
Teve mais força o pudor:
Roubei-te a custo um só beijo
Em premio de tanto amor!

De vãos receios Francina,
Porque não rompes o véo?
Ah! vem, ó bella, a meus braços,
Dá-me prazeres do céo!...

O ARREPENDIMENTO

POESIA E MUSICA DE ALVARENGA

Já te quiz bem,
Eu não te nego;
Estava cego
Quando te quiz.

Se ora em teus olhos
Meus olhos ponho,
Eu me envergonho
Do mal que fiz.

A PRIMAVERA E O AMOR

POESIA DE JOSÉ PEREIRA

Já o inverno foge, Alcina,
Da campina, e d'alta serra
Ja não berra o Norte irado,
N'este prado gira Amor.

Branca neve, gelo frio
Já não cobre esta collina;
Corre a fonte critallina,
Corre ao rio bramidor.
A agradavel Primavera
Veste o campo de mil flores,
O Sol lança vivas cores,
Recupera o resplandor.

Já o inverno, etc.

A andorinha rastejando
Na Lagoa prateada
Com ligeira aza apressada
Vai tocando o seu licor:
Pela umbrosa e verde selva
Errar vejo o manso gado,
Co' a charrua já curvado
Corta a relva o agricultor.

Já o Inverno, etc.

Torna a abelha ao seu serviço,
Zune, e beija a flor mimosa,
Volta alegre, e cuidadosa
Ao cortiço o mel compor:
Que prazeres, que receio?
Oiço já nestes raminhos
Dos alegres passarinhos
O gorgeio encantador:

Já o Inverno, etc.

Vem, pastora, tu formosa,
De jasmim uma capella,
Vem cingir a fronte bella
E da roza linda flor:
Junto a ti .. que feliz sorte!
Ah! Não posso a alegria
Exprimir, nem qual seria
Meu transporte, e terno ardor.

Jà o Inverno, etc.

JÁ DEI TUDO QUE TINHA

Já te dei tudo que tinha
Nada mais te posso dar,
Cessa, ó cessa o teu desprezo,
Não tens mais que desprezar

Se ficou mórna esperança
Depois de tanto esperar,
Essa mesmo terminou-se
Não tens mais que desprezar.

JUSTOS CÉOS COMO É POSSIVEL!

Justos céos como é possivel
Que o doce amar seja um crime,
Se tudo quanto é vivente
Da lei de amor não s'exime?

Se é delicto ser amante,
Suspirar, morrer de dôr;
Crime é da natureza
Que ensina ter amor.

O proprio Deos do Averno
Que os condemnados opprime,
Se chegar a ver teus olhos
Da lei de amor não s'exime.

Se é delicto ser amante,
Suspirar morrer de dòr;
Crime é da natureza
Que ensina ter amor.

JÁ PASSEI DIAS FELIZES

Já passei dias felizes,
Minha dita foi sem par:
Já gozei com Lilia bella,
Lindas noites de luar.

A minha vida hoje é triste,
Não é vida, é um penar;
Porém ainda eu espero
Felizes dias passar.

Quantas vezes vi seu rosto
Tinto de brando carmim!
Os olhos seus, amorosos,
Não se volvião de mim.

A minha vida, etc.

Quantas vezes no meu collo
Docemente adormecia
Quantas vezes me tallava
De amor e de sympathia!

A minha vida, etc.

Saudades tenho do tempo
D'aquelle tempo passado!
Saudades por ter perdido
O meu anjo idolatrado.

A minha vida, etc.

JÁ NÃO EXISTE A MINHA AMANTE

(*Modinha*)

Já não existe
A miuha amante,
Viver não quero
Um só instante;

Quero acabar
A triste vida,
Pois já não vive
Minha querida.

Seu coração
Qu'eu possuia,
Existe agora
Na campa fria.

Mesmo na campa
Tributarei
O amor puro
Que lhe jurei.

Qual bella rosa
Que a foice córta
A minha amada
Existe morta.

Neste tormento,
Nesta agonia,
Vou ter com ella
Na campa fria.

O TEU JURAMENTO

POESIA E MUSICA DE S. J. DE MARENGO

Juraste ser minha,
Se eu fosse só teu,
Que todo era meu
Co'o teu coração.

Se eu sou já teu só,
Se amor o attesta;
Que demora é esta?
Sou teu — e então?...

ESPERANÇA

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Lá onde levou-te o fado
Para meu maior tormento,
Vão buscar-te os meus suspiros
Nas azas do pensamento.

Quando a meus ouvidos chegão
Tuas saudosas lembranças,
Reverdecem no meu peito
Quasi murchas esperanças.

AS ESTRELLAS

POESIA DE A. LIMA

Lindas, mimosas saphiras
Que o véo da noite bordais,
Dizei-me, estrellas, dixei-me,
Se é de amor que palpitais.

Vós que sempre bemfazejas
A luz tão pura nos dais,
Não tereis lá nas alturas
Quem escute vossos ais?

Haveis de ter só por fado
Luzir, luzir, e não mais?
Não creio, estrellas, não creio,
Sois tão formosas!... amais.

A CONCHA E A VIRGEM

POESIA DE GONÇALVES DIAS

Linda concha que passava
Boiando por sobre o mar,
Junto a uma rocha onde estava
Triste donzella a pensar.

Perguntou-lhe : Virgem bella
Que fazes no teu schismar ?
E tu? pergunta-lhe a donzella,
Que fazes no teu vagar?

Responde a concha, formada
Por estas aguas do mar,
Sou pelas aguas levada,
Não sei onde vou parar.

Diz-lhe a virgem sentida,
Que estava triste a pensar,
Eu tambem vago na vida
Como tu vagas no mar.

Vais de uma a outra das vagas
Eu de um a outro schismar,
Tu indolente divagas,
Eu vivo triste a cantar.

Vais onde te leva a sorte,
Eu aonde me leva Deos,
Buscas a vida, eu a morte,
Buscas a terra, eu os céos.

LAUSINA, ESCUTA

Lausina, escuta
Os meus gemidos,
Que aos teus ouvidos
Querem chegar.

Ah! sim, traidora,
Tem dó de mim,
Tem dó d'est'alma
Que sabe amar.

Se tu me amasses
Como eu te amo,
Tu me inflamáras
Como eu me inflammo.

Ah! sim, etc.

Por entre o bosque
Vivo eu penando,
A' lei do fado
Abandonado.

Ah! sim, etc.

LILIA

Lilia! de quem julguei
Possuir o coração,
Hoje ingrata me despreza
Sem dôr e sem compaixão

Meu peito encheu-se de dôr
Minh'alma desvaneceu,
A esperança que nutria
Toda ella feneceu.

Céos! a quem tenho enviado
Tantas queixas, tantos ais,
Sois surdos, sois insensiveis,
Céos porque me não vingaes.

Até que um dia
O cruel fado,
Faça feliz
A um desgraçado.

LONGE DE TI!

POESIA DE VIEIRA DA SILVA

Manda em calmosa
Fria estação
O Deos clemente,
A chuva ao chão.

E brilha a flôr!
Sorri-se o prado!
Quando assim fica
Todo orvalhado:

Flôr que já murcha
D'hastea pendia,
Levanta o calix
Com galhardia.

Depois que chove,
Acalma o vento;
E o mar tranquillo
Fica um momento,

Cantão as aves
Lindos cantares...
E o triste sente
Menos pezares

A natureza
Semelha então,
Lindo viçoso
Roseo botão.

Tudo, Marilia,
Tudo sorri!...
Menos quem soffre
Longe de ti.

MAR QUE OUTR'ORA

POESIA DE J. NORBERTO, MUSICA DE J. C. MONIZ.

Mar que outr'ora nestas praias
Tão alegre já me viste,
Repara como hoje triste
Choro, suspiro de amor;
Geme tambem nesta praia,
Sente tambem minha dôr.

Elle, oh! céos! a quem amava
De meus braços se afastando,
E ao baixel vellas soltando,
Se perdeu aos olhos meus:
E sumido no horisonte
Não ouvio o meu adeus.

Agora se busco vel-o
Branca vella me apparece,
E depois desapparece
Lá no horisonte sem fim;
E choro, espero—não volta,
Não volta—ai triste de mim?

MARILIA, ESCUTA

Marilia, escuta
Os meus queixumes,
Não ha quem ame
Sem ter ciumes.

Marilia escuta
Meu coração,
Tem dó, tem pena
Desta afflicção.

Antes, Marilia
De algum rival,
Grava em meu peito
Duro punhal.

Porque morrendo
Por ti, sem dó,
Direi contente:
Foi minha só.

Dá-me, Marilia,
Teu coração.
Ou dá-me a morte
Com tua mão.

Que eu desgraçado
Suspiro e choro,
E delirante.
Amor te imploro.

MARILIA MEU DOCE BEM

Marilia meu doce bem,
Apenas teus olhos vi;
Cessou a minha existencia
Já não vivo já morri.

Ai lê lê lê certamente
Olhos taes queimão a gente

Despedem raios divinos,
Que ateião n'alma a paixão;
Neste fogo é que abrazou-se
De todo meu coração.

Ai lè lè lè, etc.

Porém se os teus olhos matão,
Sabem dar vida tambem;
Por um certo requebrado
Que tudo póde meu bem.

Ai lê lè lè, etc.

AMOR PERFEITO

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA.

Marilia plantou n'um vaso
Amor perfeito e mais flôres;
As plantas todas morrêrão,
Vingárão só os amores.

Cuidei que isto era um acaso ;
Depois pensando mais serio,
Pareceu-me que este caso
Envolvia algum mysterio.

Quiz perguntar-lhe, não pude,
Por isso que eu nunca a via ;
Emfim por fortuna minha
A vi em sonhos um dia.

Pedi-lhe explicações disso,
Que eu desejava saber :
Disse-me rindo :— Isso é claro,
Não tem nada que entender ! ..

MARILIA, TU E'S INGRATA

Marilia, porque não amas,
A quem tanto te idolatra ?
Tens mui forte coração,
Marilia, tu ès ingrata.

Marilia abranda
Tanto rigor,
Deixa qu'eu gose
Teu doce amor.

Em todo o orbe não achas
Um'alma pura e sensata,
Que comigo não repita :
— *Marilia, tu és ingrata.*

Tu'alma não sente
O que é amor,
Por isso zombas
Da minha dôr.

Sob as lages de um jazigo
Que restos finaes recata,
Ouvi echoar um grito :
— *Marilia, tu és ingrata.*

Talvez o grito
Soltasse a dôr,
De quem morresse
Por teu amor.

O Deos de amor já não vive
Céde á dôr que tanto o mata,
Ao morrer — talvez que diga :
Marilia,— tu és ingrata.

Ah ! se amor morre
Sem commover-te,
Ah ! não, Marilia,
Não quero vêr-te.

MENINA DOS OLHOS NEGROS

POESIA DE * * * MUSICA DE A. J. S. MONTEIRO

Menina dos olhos negros,
Ardo por ti de paixão :
Menina dos olhos negros
Queres tu meu coração ?

Como tu não ha na terra
Tão linda tão bella flôr ;
Menina dos olhos negros
Queres tu o meu amor?

Da capella de um archanjo
E's luzinha desprendida,
Menina dos olhos negros
Queres tu a minha vida ?

Podes ver que elles são duas
Estrellas do firmamento :
Menina dos olhos negros
Queres tu meu pensamento.

Quero ser teu, e tu minha
Por uma doce união,
Dou-te todo o pensamento
Alma, vida e coração.

MESMO DA CAMA PODE ESCUTAR

Mesmo da cama
Póde escutar.
Esta modinha
Que vou cantar.

Não se levante
Não quero não,
Póde apanhar
Constipação.

Amo a uma bella
Que é moreninha,
E' engraçada
E' bonitinha.

Tem lindos olhos
De negra côr,
Elles exprimem
Amôr... amôr...

As suas faces
Vertem carmim,
Tem lindos dentes
Côr de marfim.

Ella é minh'alma
E' vida minha,
E' o meu Deos
A moreninha.

Ella castiga
Com sua côr,
Todo o seu talhe
Exprime amôr.

Quero comtigo
Mui docemente,
Imprimir nos labios
Um beijo ardente.

Beijo de amôr.
E de amizade,
Com que suave
Faz a saudade.

MEU DESTINO E' IMMUDAVEL.

Meu destino é immudavel
Minha desgraça è constante,
Eu choro todos os dias
Eu suspiro a cada instante.

Ah! quanto é triste
Meu padecer,
Allivio espero
Quando morrer.

Perdi de Lilia a belleza
Murchou-lhe a morte o semblante,
Por Lilia todos os dias
Eu suspiro a cada instante.

Ah! quanto è triste, etc.

Vem, ó morte, vem piedosa,
Findar meu soffrer constante,
Pois pr'a morrer como Lilia
Eu suspiro a cada instante.

Ah! quanto é triste, etc.

Por mais que proteste e jure
Deixar de ser teu amante,
E' quando, meu bem, por ti
Eu suspiro a cada instante.

Ah! quanto é triste, etc.

MINH'ALMA VAGUEIA INCERTA

Minh'alma vagueia incerta
Nas trevas da ingratidão,
Meu sangue exangue se gela
No meu triste coração.

A estrella, amiga da infancia
Hoje em vão busca-a no céo,
Meu Deos, porque me abandonas,
Oh Branca, que mal fiz eu!

A propria flôr de meu nome
Já sem pet'las vim achar,
E a virgem, a quem tanto amei
Me condemna a morrer de pezar.

A estrella, amiga da infancia, etc.

MINHA SORTE

Minha sorte, cara Elvira,
E' tristonha, aborrecida;
A mais cruel e pungente
De todas que ha na vida.

Mas se me deres
Um riso teu,
Será mudavel
O fado meu.
Ai! não, não negues,
Presta um sorriso,
Dá-me as delicias
Do Paraiso.

Minhas faces já perderão
Sympathia, brilho e côr;
Meus labios não têm doçura
Nem mais exprimem amor.

Mas, se etc.

Ai ! Elvira, os teus encantos,
Levão a gente a sepultura;
E's cruel porque me negas
Um instante de ventura.

Mas se, etc.

MINHA TERRA TEM LOUREIROS

(*Parodia á canção do exilio*)

Minha terra tem loureiros
Onde canta o rouxinol,
Canta triste solitario
De manhã e ao pôr do sol.

Quem me dera ouvir de novo,
Nessa terra que eu deixei,
O canto do rouxinol,
Se o seu canto tanto amei!

Minha terra tem campinas
Que tapizam lindas flores,
Trinam lá melhor as aves,
Sabem mais cantar amores.

Quem me dera ouvir de novo
O cantar do rouxinol,
Nessa terra que amo tanto,
Se eu amei tanto o seu sol.

Nem permita Deos que eu morra
Dos annos no arrebol,
Sem que veja o sitio ameno
Em que canta o rouxinol.

Que o prazer que hoje me cerca
E' cruel — cruel bem sei.
Quero vêr esses loureiros
Que lá na patria deixei.

MINHA TERRA TEM PALMEIRAS

POESIA DE GONÇALVES DIAS, MUSICA DE VARIOS.

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá,
As aves que aqui gorgeião
Não gorgeião como lá:
Nosso céo tem mais estrellas,
Nossas varzeas tem mais flores,
Nossas flores tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em scismar sósinho á noite
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores
Que taes não encontro eu cá;
Em scismar sósinho, á noite
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

Não permitta Deos qu'eu morra
Sem que volte para lá,
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.

MORENA — TEUS OLHOS

POESIA DE ED. VILLAS BOAS, MUSICA DE MESQUITA

Morena, teus olhos
Têm luz scintillante,
Nos labios teus brincão
Mil beijos de amante:
Asylas as graças
No lindo semblante;
Mas, ah! deu-te amôr
Farpão penetrante...

Morena travessa,
D'onde é que vieste ?
Sem dó, no meu peito,
Que golpe me déste !..
Quando eu te julgava
Divina celeste ;
Assim teu escravo.
Cruel me fizeste !...

Oh linda morena
Qual raio fugaz
Por onde tu passas
Conturbas a paz...
Teu rir feiticeiro
Se amantes mil faz ;
No teu peito ha gêlo
Que a morte lhes traz :
Os homens seduzes
Por mago condão,
Depois que os captivas
Lhes foges então !...
Assim foi commigo,
Que ardo em paixão ;
Depois que fugiste
Com meu coração !

Aos astros, ás flôres,
A tudo que existe,
Pergunto, ó morena,
Pr'a onde fugiste...
Não já venturoso,

Não qual tu me viste ;
Porque tua ausencia
Me faz hoje triste.

Morena travêssa,
Morena formosa,
Esbelta, faceira,
Querida e saudosa!
Ah! vem, não te occultes,
Vem terna e amorosa
Esta minha vida
Fazer venturosa!

NÃO MEREÇO A SYMPATHIA

Não mereço a sympathia
De quem sempre idolatrei,
Qual será o seu systema?
Eu confesso que não sei.

Feito ludibrio
Da ingratidão,
Trago opprimido
Meu coração.

Alma pura e rosto d'anjo
Nella juntos encontrei;
Como póde ser ingrata,
Eu confesso que não sei.

Não não me 'queixo
Do seu ri.or ;
Foi desventura
Do meu amor.

A MINHA LILIA MORREU

Naquellas altas montanhas
Aonde Lilia nasceu,
Ah veio o rigor do inverno
A minha Lilia morreu.

Assim como as flôres nascem
A minha Lilia nasceu,
Assim como as flôres morrem
A minha Lilia morreu.

Do monte veio um pastor
A' minha porta bateu,
Sómente dar-me a noticia
Que a minha Lilia morreu.

O céo cobriu-se de nuvens
A propria terra tremeu,
Ouvindo a triste noticia
Que a minha Lilia morreu.

Oh morte que mataste Lilia,
Mata-me a mim que sou teu,
Fere-me com o mesmo ferro
Com que minha Lilia morreu.

ESTA VIDA E' SEM FIRMEZA

Nasce a herva no prado,
Dá-lhe impulso a natureza,
Florece, murcha e s'estingue,
— *Esta vida é sem firmeza.*

Linda rosa desabrocha,
Ostenta gentil belleza,
Logo após perde o perfume,
— *Esta vida é sem firmeza.*

Nada no mundo se exime
Desta lei a atroz fereza;
Tal é dos mortaes a sorte;
— *Esta vida é sem firmeza.*

A's delicias de um só dia,
Succede logo a tristeza;
Aos prazeres seguem prantos,
— *Esta vida é sem firmeza.*

Da infancia os sonhos dourados
Fulguram de gentileza;
Tudo passa vindo a morte,
— *Esta vida é sem firmeza.*

Alegre busco teu canto,
Em ti louvo a natureza,
Amanhã tudo se muda
—*Esta vida é sem firmeza.*

Eu parto com a saudade,
No peito levo a tristeza,
Tu ficas, para esquecer-me,
— *Esta vida é sem firmeza.*

A VIRGEM DA FONTE

POESIA DE VIEIRA DA SILVA

Nas fontes, ah! não procures,
Donzella o retrato teu;
Nem procures em meus versos
Essa pintura do céo.

Teus olhos procura ver,
De noite no firmamento;
Nos astros terás seu brilho,
— E na noite o meu tormento.

Eu amo os olhos formosos,
Que inspirão viva paixão,
Emquanto que mudos sempre
Para nós os astros são.

Procura teu meigo riso
Na serena madrugada,
Nas flôres, e aves, em tudo!
No azul da nuvem dourada.

Eu amo tanto esse riso,
Riso de bocca formosa!
Que esmalta teus lindos labios,
Como o orvalho a flôr mimosa.

Procura a doce expressão
Do formoso rosto teu,
No grato aroma das flôres,
Na lua que vês no céo.

Eu amo o rosto gentil,
Que exprime tão vivo amor.
Amo o riso, a bocca, os olhos,
Que fallão com tanto ardor.

Nas fontes, ah! não procures,
O lindo retrato teu,
Mas procura, oh bella virgem,
No abrasado peito meu.

CORAÇÃO DE BRONZE

Nem um ai, nem um suspiro
Já te causão sensação;
A tudo és insensivel,
Tens de bronze a coração.

Não te movem, minhas lagrimas,
Nem minha terna paixão;
São baldados meus extremos,
Tens de bronze o coração!

NESTES CARCERES TÃO CRUENTOS

Nestes carceres tão cruentos
Eu passo a vida cansada,
Com tua imagem formosa
Dentro d'alma retratada.

Nem os grilhões me atormentão
Nem os ferros que horrorisão.
Sómente tua saudade
Os meus dias finalisão.

E's tão formosa
Tens tal pudor,
Que a tudo encantas,
O' meu amor!

E's tu sómente
A divinidade,
A quem adoro
Com lealdade.

Se assim fôres
Tão desditosa,
Como tens sido
Lilia formosa.

Até que um dia o destino
Cansado de perseguir-me,
Me transporte deste inferno
Ao teu collo irei unir-me.

Nem os grilhões, etc.

E' SO' POR TI

MUSICA DE CABRAL

N'este mundo de prazeres
Olho e vejo—tudo é galla,
Tudo é goso, tudo festa,
Tudo canta, tudo falla.

Só minh'alma não se acalma
Muda e triste não sorri,
Meu peito solta suspiros
E', meu anjo, é só por ti!

E tu Virgem que desprezas
Este amor, que te offereço,
Não vês que por ti soffro
Que por ti tanto padeço?

Como a rosa que descora,
Como a voz da juruty,
E' meu canto todo pranto,
E esse pranto e só por ti!

Como a rolinha que afflicta
Chora o ninho que perdeu ;
Eu só choro esse amor santo,
Esse amor que não morreu.

E se eu choro como louco
Esse amor que não frui ;
Esse amor tão santo e puro
E', meu anjo, só por ti !

NESTE SITIO, QUANDO A NOITE

N'este sitio, quando a noite
E' da morte uma expressão,
O silencio se perturba.
Solta um ai meu coração.

Volta suspiro a meu peito
Ou nos ares vai morrer,
Quero em minh'alma esconder
Meu amor, minha paixão.

Quando á noite a natureza
Parece não ter acção,
Por violencia de amôr
Solta um ai meu coração.

Volta suspiro, etc.

ADEUS A LYRA

N'estes troncos pendurada
Ficarás, ó minha lyra,
Té que o vento as cordas fira
Te faça lembrar amor.

Adeus, lyra malfadada,
Consagrada a minha dor!

Leões, tigres e rochedos
Tens movido com ternura;
Mas de Lilia, sempre dura
Não moveste seu rigor;

Adeus, lyra malfadada,
Consagrada á minha dor!

Vai, ó Lilia, deste mundo
Vai viver na solidão,
Lá mesmo receberás
A minha triste canção.

Adeus, lyra malfadada,
Consumai esta paixão.

ADEUS A NICTHEROY

POESIA DE J. NORBERTO

Nictheroy.... meiga e bella e adorada
Terra, oh, terra de amor tão formosa

A alvorada la soa saudosa...,.
E eu te deixo co'os encantos teus !

Terra, oh, terra de amor tão formosa
E' forçoso dizer-te um—adeus !

Praias, grutas, passeios e bosques,
Ilhas, montes, tão cheios de flores;
Tudo, tudo já deixo; ai que dores,
Que pezares que não são os meus!

Terra, oh, terra de amor tão formosa,
Parto ;—acolho sentido este — adeus !

Inda longe — distante — remoto,
Não serás tu por mim olvidada;
Na minh'alma constante gravada
Ficarás como a ideia de Deos !

Terra, oh terra de amor tão formosa,
Ha de a briza trazer-te um — adeus !

NO SEMBLANTE TENS IMPRESSAS

No semblante tens impressas
A constancia, a lealdade,
Tu és um anjo de amor,
Tens belleza e tens bondade.

Esses dotes divinaes
Deixa-me só contemplar,
Já que sou tão infeliz
Que não os posso gozar.

Tens uns olhos scintillantes
Que bem exprimem amor,
Quem os ver deixar não póde
De adorar-te com fervor.

Volve-os, meu bem, para mim,
Suavisa o meu soffrer,
Nelle só encontra a vida
Quem sem ti só quer morrer.

A ROSA

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

No vasto reino das flôres
E's, rosa, a rainha delles;
E no reino dos amores
Marcia a rainha das bellas.

Em a ver, em te cheirar
Sinto um prazer lisongeiro;
Seus mimos são tão suaves,
Como é suave o teu cheiro.

Vai, linda, mimosa flôr,
Morre ao seio de meu bem:
Quem me déra a tua sorte!...
Morrer com ella tambem!

Porque me dizes chorando
Que te não lembras de mim,
Se os teus ais, se os teus suspiros
Me estão dizendo que sim?

Não só teus olhos me dizem
Que inda suspiras por mim;
Meu coração, que não mente,
Me está dizendo que sim.

O RECEIO

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUSA SILVA, MUSICA DE NORONHA

Oh! que receio
Que dôr impia,
A campa fria
Baixando vou.
E ella é tão linda,
E ella é tão bella;
Que só por ella
Morrendo estou!

Seu alvo collo
Voluptuoso
Bate ancioso
E inspira amor:
A voz suave
Qual harmonia
Traz alegria,
Desterra a dôr.

Seus negros olhos
Me captivaram,
Pois me inflammaram
O coração:
Seus ledos risos
Quando se abriram;
Céos me extinguiram
D'alma a afflicção.

Eu sei que ella
Assás me ama,
Pois que se inflamma
Por mim de amor;
Sei que seu peito
Por mim suspira,
Pois ser aspira
De seu cantor.

Quero por tanto
A meu desejo,
Cedendo ao pejo
Pedir-lhe a mão,
Porém receio
Que ella estremeça,
Impallideça
E diga: — « Não! — »

EU TENHO MAIS GLORIA

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA SILVA

O cabo,
Que armado
E ousado
Correu,
A duro
Conflicto
E invicto
Volveu.

Si a patria
A' imigos
E perigos
Salvou,
Decante
Façanhas
Tamanhas
Que obrou.

Que importa
Tal gloria,
Na historia
Ganhar?
De um louro
Virente
A frente
Adornar?

Eu tenho
Mais gloria,
Victoria
Maior ;
Comsigo
Um desejo
N'um beijo
De amor !

OS INSTANTES QUE NOS RESTAO

Os instantes que nos restão
Linda Marcia aproveitemos !
Instantes tão venturosos
Sabe o céo quando teremos.

Marcia se os nossos destinos,
Curtos dias nos protestão,
Para que desperdiçamos
Os instantes que nos restão ?

Ah ! não percamos
Minha querida,
Doces momentos
Da nossa vida.

Se a risonha primavera,
De nossos annos já vemos,
Da idade os bellos dias
Linda Marcia aproveitemos !

Vem minha bella,
Entra em meu peito,
De amôr nos una
Vinculo estreito.

Não percamos um instante,
Dos nossos dias gostosos,
Antes que a morte nos roube
Instantes tão venturosos.

Vem minha Marcia
Que o tempo corre,
N'um'ora o homem
Se nasce, morre.

A gosar tão bellos dias
Sabe Deos se tornaremos,
O prazer que temos hoje
Sabe o céo quando teremos.

Vem, une á tua
A minha sorte,
Vivamos juntos
Até a morte.

CANTEMOS UM SIM

POESIA DO VISCONDE DE ARAGUAYA, MUSICA DE RAPHAEL MACHADO

Oh anjo que suspiras
Palavras de amor,
E abrazas o peito
De amante cantor,
Da esphera celeste
Ah vem, vem a mim
Cantemos, oh anjo
Cantemos um sim.

Um sim em seus labios
Ouvi murmurar.
Tão doce, tão meigo,
Qual brando vibrar
De uma harpa tocada
Por um seraphim.
Cantemos, etc.

Desde esse momento
O meu coração
Tranquillo palpita
Sem mais oppressão.
De Urania a palavra
Aos santos poz fim.
Cantemos, etc.

Oh anjo teu canto
Não póde exprimir
O enlevo divino
Que um sim faz sentir!
Debalde te invoco:
Mas ah! mesmo assim

Cantemos, etc.

ALEGRIA

(*Chamada*)

POESIA DE ANTONIO JOSÉ

O navegante
Que, combatido
De uma tormenta,
Logo experimenta
Quieto o vento,
Sereno o céo,
Tranquillo o mar;

*

Como eu nem tanto
Se alegra vendo
Que vai crescendo
Minha ventura,
E vai cessando
De meu gemido
O suspirar.

A AUSENCIA DE ARMIA

POESIA DE ARAUJO GUIMARÃES

O campo viçoso,
De flores juncado,
Em si esmaltado
O riso trazia.
Agora despido
Sem fresca verdura,
Só pinta amargura,
Retrata a agonia.

Perguntas a causa?
Ausentou-te Armia.

O rio engrossava
Em agua abundante,
Soberbo, arrogante
Das margens sahia.
Agora em segredo
Mofino já corre,
Parece que morre
A sua alegria.

Perguntas a causa? etc.

O gado formoso
Alegre brincava,
Ligeiro buscava
A relva macia.

Agora espantado
Nos montes errando,
Tristonho balando,
Pavor desafia.

Perguntas a causa? etc.

As settas funestas
Lançava Cupido,
Nem Paphos, nem Cnido
Mais ledo o não via.
Agora encerrado
Em ermo retiro,
Saudoso suspiro
Aos ares envia.

Perguntas a causa? etc.

Zombava da sorte
Elmano ditoso,
No seio mimoso
O prazer bebia.
Agora aos suspiros
Succedem os ais,
Em ancias fataes
Aborrece o dia.

Perguntas a causa? etc.

Ha pouco de um bem,
Que adora constante,
O bello semblante
O gosto infundiu.

Agora em tormentos
Exalando a vida,
A morte convida,
A morte tardia.

Perguntas a causa? etc.

OLHA, MARCIA...

NOCTURNO SENTIMENTAL, MUSICA DE F. DE SÁ NORONHA

Olha, oh Marcia, aquelles campos
De sepulchros alinhados,
Alli dormirão bem cedo
Os meus ossos descarnados.

Suspende o pranto teu amor,
Não chores, prenda querida,
Porque a morte nos liberta
Das desgraças desta vida.

Qual amamos sobre a terra
Já da vida rôto véo,
Com o mesmo extremo se póde
Tambem amar lá no céo.

Suspende o pranto teu, etc.

(Augmento do poeta Ed. Villas-Bôas.)

Se gozamos nesta vida
Puro amor, tão divinal;
Que fará quando subirmos
A' mansão celestial!...

Suspende, etc.

Dê-se á terra o que é da terra,
O fardo immenso da dôr,
Mas noss'alma, que é eterna,
Levemos pra'o céo de amor.

Suspende, etc.

Não, não chores, cara Marcia
Despe da tristeza o véo,
Que pr'as delicias eternas
Foi que Deos formou o céo.

Suspende, etc.

OH SORTE CRUEL

Oh sorte minha cruel,
Vem meus dias terminar;
Já que Jonia por quem morro
Não me vem feliz tornar!

Só o desejo
De a gozar,
Mantem-me a vida
Neste penar!

N'um momento finda a vida
Que nasceu só para amar,
Quem a Jonia com ardor
Soube sempre idolatrar.

Vida de dores
Sem um prazer;
E' mais que a morte
Tal padecer.

Céos, oh céos, por piedade,
Arrancai-me o coração:
Que summio-se a minha estrella
Nas nuvens da ingratidão.

Oh Jonia, ao menos
Nesta agonia,
Salva-me a estrella
Mostra-me o dia!

OH! MINHA BELLA

Oh! minha bella
Prenda do céo,
Suffoca a dôr
Do peito meu.

Tem dó de um peito
Apaixanado,
Que por ti vive
Todo abrazado.

Vivo por ti
A suspirar,
Solto teu nome
Quasi a chorar.

Se afino a voz
Para cantar,
Teu doce nome
Me faz chorar.

Desesperado
Passeio a caso,
Por ti meu peito
Todo se abraza.

Vivo, etc.

Se busco o leito
P'ra descançar,
Nelle não posso
Allivio achar.

Desesperado
Maldigo a sorte,
Só peço o Deos
Que dê-me a morte.

Vivo, etc.

E' O MUNDO UM DESERTO

NOVA MODINHA

Para ser cantada com a musica da modinha—Mal te vi eu te amei disse é esta —

Para mim é o mundo um deserto,
Passo a vida em continuo soffrer,

Nada vejo que possa alegrar-me
Nem cessar este meu padecer.

Vem oh! morte visão de meus sonhos,
Vem, não tardes feliz me tornar!
Ouve o — brado,— do triste que chora.
Vem não tardes meu pranto enxugar!

Neste mundo não tenho um amigo
Que me possa um suspiro colher,
Neste mundo encontrei só tormentos
Que me fazem mil vezes soffrer!

Vem oh! morte visão de meus sonhos, etc.

PARTIR, LEVANDO A LEMBRANÇA

Partir! levando a lembrança
De que só por ti vivia;
Partir! sem uma esperança
Para voltar algum dia!

E tu deixas-me partir?
Ah! se amôr por mim sentiras,
De Deos, do mundo fugiras,
Para o amante seguir!

Oh! perdão! isto é demencia,
E' saudade, amor e pena;
Porque a voz da consciencia
A fugir-te me condemna.

Nunca mais te posso ver,
Nem seguir teus olhos bellos,
Nem teus formosos cabellos,
Nem por ti jámais soffrer.

Não soltarás um lamento
Quando os suspiros sentidos,
Que leva o sopro do vento
Chegarem a teus ouvidos?

Sabendo que são os meus
Não sentirás, doce amiga,
Este dever que me obriga
A dizer-te agora adeos?

Oh! se eu fôr de ti lembrado
Volve logo os olhos bellos,
Que me verás a teu lado,
Com a boca em teus cabellos:

Cabellos que Deos creou
Para prender uma vida,
Que esta cruel despedida
Ao dever sacrificou!

Adeos; pois, adeos, querida,
Por te amar sou desgraçado:
Fôra menos dar-te a vida
Que o fugir, tendo-te amado.

Levo morto o coração
Porque o levo sem ventura,
Morto por essa loucura
Que o mundo chama razão.

Adeos, pois, se tu pensares
O quanto eu perco em perder-te ;
Se algum dia te lembrares
Que jámais posso esquecer-te ;

Olha bem tudo o qu'eu fiz,
E se não fôres ditosa,
Volta á minh'alma saudosa
Vem comigo ser feliz.

A FLOR DO MARACUJA'

POESIA DE FAGUNDES VARELLA

Pelas rosas, pelos lyrios
Pelas abelhas, sinhá,
Pelas notas mais chorosas
Do canto do sabiá
Pelo calyce de angustia
Da flôr do maracujá.

Pelo jasmim, pelo goivo
Pelo agreste manaká
Pelas gotas do sereno
Nas folhas do gravatá
Pela corôa de espinhos
Da flôr do maracujá.

Pelas tranças da mãe d'agua
Que junto da fonte está
Pelos colibris que brincam
Nas alvas plumas do ubá,
Pelos gravos desenhados
Na flôr do maracujá.

Pelas azues borboletas
Que descem do Panamá,
Pelos thesouros occultos
Nas minas do Sincorá,
Pelas chagas roxeadas
Da flôr do maracujá.

Pelo mar, pelo deserto
Pelas montanhas, sinhá,
Pelas florestas immensas
Que fallam de Jehovah!
Pela lança ensanguentada
Da flôr do maracujà.

Por tudo o que o céo revela!
Por tudo o que a terra dá
Eu te juro que minha alma
De tua alma escrava está...
Guarda comtigo este emblema
Da flôr do maracuja.

Não se enojem teus ouvidos
De tantas rimas em *á*,
Mas ouve os meus juramentos
Meus cantos ouve, sinhá!
Te peço pelos mysterios
Da flôr do maracujà.

A MINHA FLOR

Perdeu a flôr de meus dias
Todo o perfume de amôr,
Ramo secco pende d'astea
Já não vive a minha flôr.

O tempo que tudo muda
Não minora a minha dôa,
Já não tenho primavéra
Já não vive a minha flôr!

Só encontro nos desertos
Bafêjo consolador...
Fechai-vos jardins do mundo
Já não vive a minha flôr.

Tem o orvalho da esperança
Perdido todo o frescôr,
No coração sepultada
Já não vive a minha flôr.

Do amôr d'aquella ingrata
Tão fingido e tão traidor:
Até a flôr feneceu-me
Já não vive a minha flôr.

Só por ella tenho a vida
Entregue toda ao amor,
Já não tenho primavéra
Já não vive a minha flôr.

PESCADOR DA BARCA BELLA

POESIA DE ALMEIDA GARRET, MUSICA DE F. S. NORONHA.

Pescador da barca bella
Onde vais pescar com ella
Que é tão bella
Oh pescador!

Não vês o que a ultima estrella
No céo nublado assóz vella?
Colhe a vella
Oh pescador!

Deita o lanço com cautela
Que a sereia canta bella;
Mas cautela
Oh pescador!

Não s'enrede a rede nella,
Que perdido é remo e vella;
Só de vêl-a.
Oh pescador!

Pescador da barca bella
Inda é tempo foge d'ella;
Foge della
Oh pescador.

CONSELHO PATERNAL

POESIA DO VISCONDE DA PEDRA BRANCA

Põe na virtude
Filha querida,
De tua vida
Todo o primor;

Não dês á sorte
Que tanto illude
Sem a virtude
Algum valor.

Tudo parece
Murcha a belleza,
Foge a riqueza
Esfria o amôr;
Mas a virtude
Zomba da sorte
E até da morte
Disfarça o horror.

Brilha a virtude
Na vida pura,
Qual na espessura
Do lyrio a côr;
Cultiva attenta
Filha mimosa,
Sempre viçosa
Tão linda flôr.

Pastor humilde,
Monarcha ingente,
Soffre igualmente
Destino austero:
Mas, o varão
Sabio e honrado
Zomba do fado
Por mais severo.

Honrosos cargos,
Titulos, nobreza,
E' tudo preza
Da parca dura;
Porém, não finda
Do virtuoso
O nome honroso
Na sepultura.

ESCUTA-ME!

POESIA E MUSICA DE SOUZA SILVA

Porque furtas os teus labios
Aos beijos que os meus lhes dão?
Oh! que inda virgem de amores,
Não conheces a paixão;

*

Que se a paixão conheceras
E um só beijo meu fruiras,
Singela e linda menina,
Como então amor sentiras!...

*

A mão que avara me escondes
Uma vez deixa oscular;
No gelo da indifferença
Quero meu fogo apagar!

*

Quero... mas és innocente,
Não devo ensinar-te a amar;
Fique em paz teu coração,
Só o meu fique a penar!...

OLHOS CHOROSOS

POESIA DO VISCONDE DE ARAGUAYA, MUSICA DE RAPHAEL MACHADO

Porque choraes tristes olhos,
Tão cansados de chorar?
Quem vosso pranto motiva
Ah! não os ha de enxugar.

Em vão lagrimas de sangue,
Nascidas do coração;
Mostrassem sobre o meu rosto
A minha interna afflicção.

Suspendei, amargo pranto,
Suspendei, que a vossa dôr
Não póde n'um peito frio
Suspirar fé e amor.

Mas se um destino de ferro
Vos obriga que choreis;
Então chorai, tristes olhos
Até que um dia estalleis.

CONSULTA

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Porque o meu bem e o meu mal
Misturados sempre vêm?
Adoro Lilia, e não sei
Se ella é meu mal ou meu bem!

Se alguns felizes momentos
Por fortuna chego a ter,
Mil suspeitas envenenão
Os momentos de prazer.

Quiz fugir-lhe, era já tarde,
Porque logo lhe quiz bem,
Vendo expressões nos seus olhos
Que nunca vi em ninguem.

As meninas dos seus olhos
Não sei comigo o que têm!
Não me pede o coração
Senão que lhe queira bem.

Os vivos olhos da ingrata
Me têm feito enlouquecer;
Ora dão vida, ora matão;
Eu nunca os posso entender.

Nesta triste alternativa
Não sei o que hei de fazer:
Viver com ella?— E' penar!
Viver sem ella?— E' morrer.

A VONTADE DE DEOS

POESIA DE LUIZ DELFINO

— Porque vou vêr das collinas
A manhã, que nos sorri?
— E se eu lá subo, meu anjo,
Acaso vou eu sem ti?

— Queres saber porque scismo?
Não sabes, mimosa flôr?
— E tu porque scismas tanto
A's horas do sol se pôr?

— Queres saber o que fazem
Meus olhos por céos além?
— E os teus que fazem? não errão
Perdidos por lá tambem?

— Porque suspiro abaixando
A fronte pallida ao chão?
— E tu, porque a fronte inclinas,
Porque suspiras então?

— O que procuro — alta noite —
Lá dentro nos olhos teus?
— E tu, mulher, o que queres,
O que procuras nos meus?

Que doce mysterio é este?
Eu quem sou, e tu quem és?—
— Tu... toda a luz de minha alma :—
— Eu a sombra dos teus pés,—

Eu sou a noite, que doura
Da tua estrella o fulgôr :
Eu sou o valle profundo.
Tu és a pallida flôr.

Eu sou a vaga sombria,
Que soluçando correu.
Tu és o raio perdido,
Que em suas aguas bateu !

Eu sou a arvore agreste,
Que nos rochedos brotou :
Tu és o passaro lindo,
Que nos seus ramos pousou !

Eu sou as folhas do livro,
Tu és a lenda de amor :
Eu sou o vaso; e tu virgem
Tu és o suave odôr !

Da vida ás margens risonhas,
A' sombra dos seus rosaes,
Eu rosas estou colhendo,
Tu rosas colhendo estás !

Ai! embalemos as almas
N'um berço de amor sem fim...
Eu não quero... tu não queres...
Mas... é Deus que o quer assim !

OS CIUMES

Por outros labios passados
Não posso teu nome ouvir,
De todos tenho ciumes
Quando te vejo sorrir...

Tinha ciume das flores
Se a teus pés as visse abrir.

Aborreço os olhos todos
Que ousão-te o rosto mirar,
Aborreço a branda aragem
Que vem-te os labios beijar :

Se é loucura ter ciumes,
Estes meus são de matar.

Não me lances esses olhos
Qu'eu já não posso soffrer,
Tenho medo de mim mesmo,
D'este amor como eu sei ter...

Ha na vida mil tormentos
Por momentos de prazer,

PRAZERES QUE EU NÃO SONHAVA

Prazeres que eu não sonhava
Teu amor me fez gozar,
Bella Armia, tu não queiras
A minha vida acabar !

Careço de ti, meu anjo,
Careço de teu amor ;
Como uma gotta de orvalho
Carece no prado a flôr !

De teus labios na fragancia
Vi do Céo todo o doçôr ;
Goza amor—quem t'idolatra,
Porém soffre o teu rigor.

Não fujas de mim, meu anjo.
Careço do teu amor :
Como do orvalho celeste
Carece na terra a flôr.

A LÚZ DE TEUS OLHOS

POESIA E MUSICA DE L. J. ALVARENGA

Qual raio de luz,
Por entre a espessura,
Vai a gruta escura
Encher de clarão ;

Tal dos teus olhos,
Apenas te vejo,
Acende um desejo
No meu coração.

QUAL RIJO NORTE SOPRANDO

Qual rijo norte soprando
Quebra, esmaga terna flôr,
Assim da magoa o rigor
A minha alma vai quebrando,
Lethal veneno libando
Sucumbe ao peso da dôr :
Da vida o fraco calor
Já não me pode suster,
Vendo apagar-se e morrer
Lembranças do meu amor.

Quer de noite, quer de dia,
Quer acordado ou dormindo,
Vai-me a vida consumindo
Cruel dôr, tanta agonia ;
E como não tenho um só dia
Um ai teu, um teu favor,
Choro ingrata, e com horror
Encontro sempre a meu lado
No presente e no passado
Lembranças do meu amor.

No verdor da mocidade
Sinto a vida evaporar-se,
A minh'alma aniquilar-se
Aos embates da saudade ;
Ingrata por piedade
Abranda o féro rigor,

Ah! vê como o dissabor
O corpo me vai assolando,
A sepultura cavando
Lembranças do meu amor.

E quando o frio da morte
Gelar-me o sopro da vida,
Quando a minh'alma rendida
Vergar ao peso do córte
Na louza onde meu pórte
Descançar, e minha dôr,
Vai mulher, vai por favor
Desfolhar um roxo lyrio,
Emblema do meu martyrio,
Lembranças do meu amor.

LEMBRANÇAS DO NOSSO AMOR

Qual quebra as vagas do mar,
Carcomendo as duras fragoas,
Assim da saudade as magoas
O meu peito vêm quebrar;
O meu destino é pensar
Ingrata, no teu rigor....
Vê que contraste de horror:
Tu na minh'alma gravaste,
Da tua mente apagaste,
Lembranças do nosso amor!

Se o sol desponta eu lamento,
Se o sol se despede eu choro;
Se a brisa passa eu implóro
Compaixão p'ra meu tormento.
Como não goso um momento
Do somno o doce favor,
Alta noite com fervor
Em ti minh'alma s'inspira
Canto ao som da minha lyra,
Lembranças do nosso amor.

Mulher, é lei do meu fado,
E' o destino em que vivo,
Depois de ficar captivo
D'um gesto, d'um teu agrado;
Sinto meu peito vergado
Ao peso do dissabor;
Vai-me fugindo o calor...
Ai que me matão, querida,
Saudades da nossa vida
Lembranças do nosso amor.

O anjo da morte pousa
Na minha fronte já fria,
Vaí passeiar algum dia
Onde meu corpo repousa;
Da sepultura na lousa
Que ha de abafar minha dôr,
Por piedade e favor
Planta um goivo, uma saudade,
Signal de nossa amisade,
Lembranças do nosso amor.

AMOR

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Qual tenra planta,
Que em solo ingrato
Faltando o trato
Murcha sem flôr;
Em frio peito,
Por mais que faça,
Inda que nasça,
Não vinga amor.

Amor não vive
Dentro em teu peito;
Tem outro geito
Quem tem amor.
Por mais que o pintes
Com côres bellas,
Não tem aquellas,
Tem outra côr.

Senti, ao ver-te
O lindo rosto,
Mais do que gosto,
Seja o que fôr:

Não sei que seja;
Sei que dou ais;
Pelos signaes
Parece amor.

QUANDO A' TEUS OLHOS

Quando á teus olhos
Quebrão o languor,
E's toda graça,
E's toda amor.

Nos olhos d'outra,
Fação o que fôr,
São sim uns olhos
Mas sem amor.

E' tua boca
Mimosa flôr,
Vedão tocal-as
Graças de amor.

Nos labios d'outra
Posso os meus pôr,
Sem que no peito
Palpite amor.

Se dás um gosto
Ou uma dôr,
Em um e outro
Conheço amor.

Dados por outra,
Um gosto ou dôr,
E' gosto, é gosto,
Mas não de amor.

Continuação do Dr. Laurindo

Nestes teus labios
De rubra côr,
Quando tu ris-te
Sorri-se amor.

Nos lindos olhos,
Tens no fulgor,
Se p'ra mim olhas,
Raios de amor.

De teus cabellos
De negra côr,
Forjão cadeias
Brincando amor.

Nelles pr'a sempre
Servo ou senhor,
Viver quizera
Preso de amor.

Rosas que tingem
Fresco rubor,
Nas tuas faces
Espalha amor.

Se de minh'alma
Com todo o ardor,
Chego a beijal-as
Morro de amor.

Tua alma é pura
Celeste flôr,
Só aquecida
Por sóes de amor.

Já em ternura
Já em rigor,
Dá vida e morte
Ambas de amor.

Quando a perturba
Casto pudor,
Encolhe as azas
Tremendo amor.

Se do crime
Sente o fulgor,
Em mar de chammas
Se afoga amor.

Se me concedes
Terno favor,
Terei por lume
Sómente amor.

Porém no templo
Mandarei pôr,
O teu retrato
Em vez de amor.

QUANDO AS GLORIAS QUE GOSEI

Quando as glorias que gozei
Vou na idéa revolver,
Sinto á força da saudade
Meu triste pranto a correr.

Os que já tive
Doces momentos,
São hoje a causa
Dos meus tormentos.

Encantos que já não gózo
Mas que não posso esquecer,
Fazem dos meus olhos tristes
Meu triste pranto correr.

Os que já, etc.

Não sei para que amor,
Me quiz ditoso fazer...
Foi para ver de continuo
Meu triste pranto correr.

Os que já, etc.

A UMA FILHA DO SUL

POESIA DE JORGE CUSSEN

Quando baixas os teus olhos
Velludosos sobre mim,
Quando vejo-te sentida
Qual niveo lyrio sem vida

Lamentares-te, oh formosa ;
Creio ouvir fada mimosa
Fallando de seus amores,
Ou revelando-me as dôres
De seus pezares sem fim.

Quando então sereno riso,
Debil sombra de ventura,
Leda nuvem de bonança
Vem, qual limpida esperança
Sobre teus labios nacarados,
Apagar esses cuidados
Embebidos de amargura ;
Creio ver galas brilhantes
Derramadas, rutilantes,
Por um dia que fulgura.

Creio ver um céo formoso
Que se descerra fulgente
Julgo viver nova vida,
Julgo sentir incendida,
Flamma intensa m'exaltar,
E se um unico olhar
Em mim fitas innocente,
Anjo encanto de minh'alma,
Penso colher aurea palma
Que é o teu amor louco-ardente !

E nem sei porque te amo,
Nem eu sei que adoro em ti;
Nem sei bem por que razão
Vives em meu coração;

Porque em meus sonhos sentida,
Qual niveo lirio sem vida,
Bella — pallida te vi:
Flór ornada de poesia.
Oh, nem eu sei que magia
Te fez senhora de mi.

QUANDO CHORAS

POESIA DE DIAS DE OLIVEIRA

Quando choras—nectar santo
Tens nas palpebras divinas:
Ha soes nas perolas finas
Do teu pranto.

E eu então sinto um receio
Que ao desejo se mistura,
De beijar a extrema alvura
Do teu seio.

Que foi o destino sabio
Em nos juntar, eu concebo,
Quando a fina essencia bebo
Do teu labio.

Eu sinto um puro consolo
Quando esta fronte descanso
No doce e molle remanso
Do teu collo.

Nem pelos ermos espaços
De voar sinto desejos,
Quando na prisão me vejo
De teus braços.

Se m'ensombra algum desgosto,
Destes que tem a existencia ;
E'-me luz—a transparencia
Do teu rosto !

Se a noite escura me some
Do firmamento as estrellas,
Busco-as nas lettras singellas
Do teu nome.

E assim na existencia calma
Que se deslisa a teu lado,
Eu vivo ao calor sagrado
De tu'alma !

GEMO NA DURA PRISÃO

Quando de Analia eu reparo
A sublime perfeição,
Caio nos laços de amôr ;
Gemo na dura prisão.

De Analia vencer não posso
A menor contemplação,
Cadêas, ferros arrasto ;
Gemo na dura prisão.

Se a linda Anália quizesse
Soccegar meu coração ...
Mas não quer, sou desgraçado ;
Gemo na dura prisão.

QUANDO EM MEU PEITO REBENTAR-SE A FIBRA

POESIA DE ALVARES DE AZEVEDO, MUSICA DE R. COSTA

Quando em meu peito rebentar-se a fibra,
Que o espirito enlaça á dôr vehemente,
Não derramem por mim em tristes palpebras
Uma só lagrima de paixão demente.

E nem desfolhem na materia impura
A flôr do vale, em que adormece o vento;
Não quero que uma só nota de alegria
Se calle por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tedio
Do deserto o póente caminheiro,
Como as horas de um longo pesadelo,
Como se desfaz com o dobre de um sineiro.

Como um deserto de minh'alma errante,
Onde um fogo insensato a consumia ;
Só levo uma saudade d'esses tempos
Que amorosa illusão me embellecia.

Só tenho uma saudade d'essa sombra,
Que eu sentia velar nas noites minhas,
E' de ti, minha mãi, pobre coitada,
Que por minha tristeza te definhas.

De meu pai e de meus unicos amigos,
Poucos, bem poucos e que não zombavão,
Quando em noites de febre endoudecido
Minhas pallidas crenças duvidavão.

Só tu oh! mocidade sonhadora
Ao pallido poeta destas flôres,
Se viveu foi por ti, e de esperanças,
De na vida gozar de teus amores.

Se uma lagrima as palpebras me innunda
Se um suspiro no seio treme ainda,
E' pela virgem que sonhei, que nunca,
Nos labios me encostou a face linda.

Beijarei a verdade santa e nua
Verei realisar-se sonho amigo!
Oh minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céo eu vou amar comtigo.

Desvanecem o meu leito solitario
Na floresta dos homens esquecida;
E á sombra de uma cruz escrevão nella:
Foi poeta, sonhou, e amou na vida.

Sombra do valle, noites das montanhas
Que minha alma cantou e amava tanto,
Protejei o meu corpo, abandonado,
E no silencio derramai-lhe um canto.

Mas quando preludia ave da aurora
E quando á meia noite, o céo repousa;
Arvoredo do bosque, abri os ramos
Deixae a lua pratear-me a lousa.

NINGUEM

POESIA DO VISCONDE DE ARAGUAYA, MUSICA DE RAPHAEL MACHADO

Quando estou co'a minha amada,
Quer a veja passeando,
Quer em pé, quer assentada,
Quer sorrindo, ou quer fallando,
Minh'alma magnetisada
A vai sempre acompanhando.

Amago influxo
Obediente
Ao seu capricho
Só pensa e sente.

Vós que sobre a terra amais
Mortaes;
Vós anjos, que amais nos céos,
A Deos;
Vós, que de amor entendeis,
Sabeis
Si eu posso amar inda mais?
Si eu não posso póde-o alguem?
Ninguem!

Quando ella ao som do piano,
Que ao toque suave, geme,
Das harmonias o arcano
Releva na voz extreme,
Minh'alma como o oceano
Se espraia a ouvi-la e treme.

De cada nota
Que vai fugindo
Echo é minh'alma
Que a vai seguindo.

Vós, que sobre a terra, etc.

RISO E MORTE

POESIA DO DR. LAURINDO REBELLO, MUSICA DE ALMEIDA E CUNHA

Quando eu deixar de chorar,
Quando contente me rir;
Não se enganem,— desconfiem
Que não tardo a succumbir.

Quando a alma ao infortunio
Assim ligado se tem;
Como termo da desgraça
A morte não longe vem.

Eu vim ao mundo chorando,
E' chorar o meu viver,
Quando eu deixar de chorar
Estou prestes a morrer.

Vem oh morte,— do meu pranto
Não receis— pódes vir,
Chóro nos braços da vida
Nos teus braços me hei de rir.

Muitas vezes um sorriso
Que parece de ventura,
Não é mais que um riso d'alma
Vendo perto a sepultura.

O feliz ri-se na vida,
Por ver nella o seu jardim :
O desgraçado na morte,
Por ver da desgraça o fim.

DESALENTO

POESIA DE LAURINDO REBELLO

Quando eu morrer, minha morte
Não lamentes, caro amigo ;
O sepulchro é um jazigo
Onde eu devo descansar ;
A minha triste existencia
E' tão pesada, é tão dura
Que a pedra da sepultura
Já não me póde pesar.

Uma lagrima, um suspiro,
Eis quanto custa o morrer;
Custa-nos sempre o viver
Prantos, suspiros sem fim:
Que tormento fôra a vida
Se não fôsse transitoria!
Não me risques da memoria.
Porém não chores por mim.

Enchem trevas o sepulchro,
Mais ninguem delle se queixa
Quando o morto os olhos fecha;
Não quer luz — quer descançar;
Aquelle fundo silencio,
Aquelle extremo abandono,
Dão-lhe tão tranquillo somno,
Que não póde despertar.

Já tive medo da morte,
Agora tenho da vida;
Sinto minha alma abatida,
Sem vigor o coração;
Já cançado de viver,
Para a morte os olhos lanço,
Vejo nella o meu descanço,
A minha consolação.

AFFLICÇÃO

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Quando eu te vejo, me afflige
Um denso e sagrado véo,
Que encobre a meus tristes olhos
Thesouros que são do céo.

Sonhando um dia comtigo
Um anjo ou Cupido eu vi,
Dizendo-me : « Estes thesouros,
Mortal, não são para ti.»

QUANDO NO TUMULO

Quando no tumulo
Dormir eu um dia,
O somno da morte
Sob a lage fria;
Ouvirão meu pó
Gemer e carpir,
Se o nome da bella
Alguem proferir.

Será indelevel
A minha ternura;
Jurei adoral-a
Té na sepultura;
Porem, se primeiro
Morreres Armia,
Regará meu pranto
Tua louza fria.

Se guardas constancia
Amor e fé pura ;
Serei sempre teu
Té na sepultura :
Nos rogos e preces
Na côr e gemido,
O nome de Armia
Será proferido.

QUANDO OS CEOS DÃO-ME EM TEUS LABIOS

Quando os céos dão-me em teus labios
Terno riso encantador,
Sinto quão doce é-me a vida
N'um teu sorriso anjo de amor.

Sem ti são tristes meus dias
Duro e penoso o viver,
Junto a ti, preso a teus labios
Viver quero até morrer.

Os laços com que me prendes
Inda mais quero apertar,
Não é crime, antes virtude
Sempre firme te adorar.

Negra morte embora um dia
Sobre mim seu furor farte,
Morto, extincto, no sepulchro
Esse peito inda ha de amar-te.

E' minha sina adorar-te
Inda que sejas perjura,
Que ao meu amor nem esmaga
A pedra da sepultura.

Póde o gêlo do sepulchro
Tirar da vida o calor,
Mas n'um peito firme, amante,
Apagar não póde amor.

QUANDO TUDO ME ABANDONA

Quando tudo me abandona
Quando vou deixar a vida
Ouve ao menos, por piedade,
Minha triste despedida.

Adeos, Felina,
Tão negra sorte,
O anjo da morte
Vai terminar.
Sim, vai sumir-se
Na campa fria,
Quem só vivia
Até adorar.

O SONHO

POESIA DO VISCONDE DE ARAGUAYA, MUSICA DE RAPHAEL MACHADO

Que bello sonho,
Eu hoje tive!
Tambem sonhando
O homem vive.

Era meu leito
O teu regaço,
Meu travesseiro
Teu lindo lindo braço.

Contra o teu peito
Tu me apertavas,
E com teus dedos
Me penteavas.

Teus lindos olhos
Que rutilavão,
Celestes chammas
Aos meus vibravão.

As nossas almas
Nesse momento,
Só se nutrião
De um pensamento.

Eu nesse arroubo
Não reflectia;
No céo pairava
No céo vivia.

Porém acórdo
Oh ! que amargura!
Foi mero sonho
Minha ventura.

Antes, sim antes,
Nunca acordasse,
Antes ou sempre
Assim sonhasse.

QUE MAIS DESEJAS ?

POESIA DE LAURINDO REBELLO, MUSICA DE J. L. DE A. CUNHA

Que mais desejas ?
Tudo te dei ;
De tudo em troca
Nada alcancei.

Dei-te meu peito
Em pranto em ais...
Dei-te minh'alma,
Que queres mais?

Juraste eterna
Fidelidade,
Seguio-se á jura
A falsidade.

Em toda a parte
Vejo rivaes...
A fé perdi-te
Não creio mais.

Se não me queres,
Se não me adoras;
Quando me queixo
Que tens que choras?

Ah! não me prendas
No pranto teu;
Não quero um pranto
Que não é meu.

Mas ah! perdôa,
Foi illusão ..
Dos meus transportes
Tem compaixão.

Perdoa... esquece
Tanto rigor,
Não fére a offensa
Que vem de amor!

QUE NOITE D'ENCANTO

POESIA DE SOARES DE PASSOS, MUSICA DE CARLOS CEZAR

Que noite d'encanto
Que lucido manto
Que noite! amo tanto
Sem mudo fulgor

Oh ! vem, oh donzella,
Não temas, oh bella,
Que á noite só véla
Quem sonha d'amor.

A luz infinita
Dos astros, crepita,
Arqueja e palpita
Serena a brilhar :
Assim o teu seio,
De casto receio,
De timido enleio,
Costuma pulsar.

A lua qual chamma,
Que os seios inflamma,
Final de quem ama,
Desponta no céo :
E a nitida fronte
Retracta na fonte,
E estende no monte
Seu candido vêo.

E a fonte murmura
Por entre a verdura
E ao longe d'altura
Lá desce a gemer ;
Que sons, que folguedos !
Parece aos rochedos
Dizer mil segredos,
D'infindo prazer.

Silencio! o trinado
Lá solta enlevado,
Das noites o amado,
Da selva o cantor:
E o hymno qu'entoa
No bosque resôa,
E ao longe revôa
Gemendo de amor.

O facho da lua
C'o a sombra fluctua,
Avança e recúa
No chão do jardim;
Nas azas da aragem,
Que agita a folhagem,
Rescende a bafagem
Da rosa e jasmim.

Que noite d'encanto!
Que lucido manto!
Que noite! amo tanto
Leu mudo fulgor! ..
Oh! vem, oh donzella;
Não temas, oh bella,
Que à noite só véla
Quem sonha de amor.

ÉPOCAS DE UM CORAÇÃO

—Que suspiro tão profundo
Exhalou teu terno peito!
Moreninha de minh'alma,
D'amor será elle effeito?...

Que tens, morena querida,
Que sente teu coração?
—Sente amor!... ardente amor...
Sente extremosa paixão!

Sente que a amar me insinaste,
Foste meu mestre de amor;
Sente que de meus prazeres
Só tu és doce motor!

Sente que em prisão suave
Meus dias aos teus uni!
Que já, prêsa em doces laços,
Não posso viver sem ti...

—Que tens, moreninha bella,
Por que choras, meus amores?...
Por que humedece teu pranto
De teu rosto as gratas flôres?

Por ventura em mim não tens
Teu doce mestre de amor?
Não me estreitas ao teu seio,
De teus prazeres motor?

Não te adoro eternamente
Não sou teu, ó doce amada?
Acaso de nosso amor
Quebrei eu a fé jurada?

GELIA

POESIA DO DR. C. A. CORDEIRO, MUSICA DE D. JOSÉ AMAT

Que te fuga, ó cara Gelia,
Aconselha-me a razão,
Mas despreza os seus dictames
Meu captivo coração.

Conselhos não valem
Se falla o amor,
Só elle è qu'impera,
Só elle é senhor. (*bis*)

DESENGANO

POESIA DE ANTONIO J[illegible]

Que tremulo marres,
Que estatico morras,
Que estitico mirres,
Que marres, que morras, que mirres!

E a mim que se me dá?
Por mais que em teus males
Em ancias te estales
E em prantos te estiles,
Debalde será!

SIM, SENHOR....

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Quem ama, quem tem paixão,
Nunca diga mal de amor;
Vá vivendo de esperanças
Até que tal... sim, senhor...

Se quem não chora, não mama,
Assim é quem tem amor;
Vá vivendo, vá chorando
Até que tal... sim, senhor...

Tarde ou cedo amor premeia;
Teime sempre quem adora,
Porque até os carvoeiros
Tambem têm a sua hora.

QUEM FOI QUE TE FEZ TÃO BELLA?

Quem creou, terna deidade,
O céo—desse azul sem fim;
Quem creou a immensidade

Quem te fez tão bella assim?
Ai, quem foi, dize, donzella,
Qnem foi que te fez tão bella?

Quem creou a lua, os ares,
O mar, estrellas e sol;
As tintas que tingem os mares
Ao assomar do arrebol?
Ai, quem foi, dize, donzella,
Quem foi que te fez tão bella?

Quem creou tantos peixinhos,
No mar ou rio a saltar;
Esses leves passarinhos
C'o as azas fendendo o ar?
Ai, quem foi, dize donzella,
Quem foi que te fez tão bella?

Quem fez o pégo profundo,
Quem foi que a terra creou
Quem do nada fez o mundo,
Quem tantas cousas formou?
Ai, quem foi, dize, donzella,
Quem foi que te fez tão bella?

—Quem formou as maravilhas
Vistas na terra é nos céos;
Quem deu perfume ás baunilhas
Quem fez tudo isso—foi Deos!
—Ai foi elle, sim donzella,
Foi Deos quem te fez tão bellla!

A ELMIRA

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Quem de amor se vir no laço
Não se canse em se queixar,
Porque amor mais surdo fica
Quanto mais ouve chorar.

Na amargura de meu pranto
Não me venhão consolar;
Quem vive em ferros de amor,
O seu consolo é chorar.

Não venhas, formosa Elmira,
Meu terno pranto enxugar;
Pois quem tem muita ternura
Acha prazer em chorar.

DESEJOS

POESIA DE A. J. C. LIMA, MUSICA DE SANTA ROSA

Quem déra qu'eu fôra gentil avesinha
Que as azas abrindo parasse no ar,
Então eu às nuvens erguera meu vôo
Quizera sereno bem longe adejar.

E junto da bella
Que tanto adorei,
Quizera ir sósinho
Dizer-lhe baixinho
O quanto eu a amei!

Quem déra qu'eu fosse da rosa mais bella
Botão purpurino a desabrochar,
Colhido por ella vivera em seu seio
De la meus effluvios quizera espalhar.

Então minha vida
Seria invejada,
Pois só eu teria
De noite e de dia
Tão linda morada.

Quem déra qu'eu fôsse fugaz mariposa
Que a luz eu deixara bem só crepitar,
Nas longas madeixas qu'outr'ora adorava
Contente e mui leda quizera pouzar.

Correndo, brincando,
Que bello viver!
Nos lindos cabellos
Tão negros, tão bellos,
Quizéra morrer.

Quem déra qu'eu fôra dos céos um archanjo
Que bem junto della quizera baixar,
Erguendo meus vôos nas azas de sêda
Quizera essa virgem comigo levar.

E bem recatado
Seu virgem pudor,
Entrava com ella
Tão joven tão bella,
No templo de amor.

Da brisa o bafejo quem déra qu'eu fôsse.
Que o seu niveo collo podesse beijar,
Fugira dos campos, dos montes agrestes,
Dos bosques sombrios, das praias do mar;
E de vagarindo
Iria sorrir lhe
Meu brando bafejo
O mais doce beijo
No seio imprimir-lhe.

Mas eu não sou ave, nem rosa ou archanjo,
Não sou mariposa, nem brisa do mar.
Sou triste vivente que soffre e que geme
Que a vida contente não póde passar.

O CORAÇÃO INFELIZ

POESIA DE AUGUSTO ZALUAR

Quem sabe, Julia, o segredo
De quem soffre? quem conhece
A febre que abrasa o sangue
Do coração que padece?

Se o desgraçado não falla,
Se as suas penas não diz,
Quem sabe, Julia, o segredo
Do coração infeliz?

Quantas vezes o horizonte
E' tão puro á luz do dia,
Mas de noite amargo pranto
Verteu a nuvem sombria!

Quem sabe, Julia, o segredo
De quem é triste e devora
Nas chammas do proprio seio
Ai as lagrimas que chora?

O segredo é mais que a vida,
E' perfume d'alma — é flôr!
Quem ha de quebrar a encanto
Do coração, meu amôr?!

Ninguem pergunte o segredo
De quem padece e não diz;
Oh! ninguem, que lhe lacera
O coração infeliz!

RETÊM NOS LABIOS INGRATOS

POESIA DE PEREIRA E SOUZA, MUSICA DE RAPHAEL MACHADO

Retêm nos labios ingratos,
Retêm tanta crueldade;
Em ti perdôo a mentira,
Em ti detesto verdade!

Essa verdade
Póde matar,
Essa mentira
Póde animar.

Se desprezas meu amor
Não digas por piedade,
Cala no peito o que sentes
Em ti detesto a verdade.

Esse silencio
Póde animar,
Essa verdade
Me vai matar.

ROUBASTE, TYRANNA PARCA

Roubaste, tyranna parca,
Minha mãi, meu doce amor:
Céos! piedade, dá-me a morte
Tirai-me a cruenta dôr.

Do que me serve esta vida
Neste mundo de amargura?
Se essa mãi qu'eu tanto amava
Tambem jaz na sepultura.

Si nesta vida
Tudo é tristeza,
Sem a materna
Doce ventura;

Céos piedade
Dá-me a doçura
Do somno eterno
Da sepultura.

ROSEAS FLORES D'ALVORADA

Róseas flôres d'alvorada,
Teus perfumes causão dôr:
Essa imagem que recordas
E' meu puro e santo amor.

Ai quem respira
Os teus odores;
Fenece triste,
Morre de amores.

Não póde gozar venturas
Quem de amores soffre a afflicção,
Não póde, affeito aos gemidos
Ter prazer no coração.

Ai quem, etc.

Sem os sonhos de ventura
Murchou-se a flôr do desejo;
Que m'importão outras flôres
Se a minha flôr eu não vejo.

Ai quem, etc,

Deixai qu'eu viva de penas,
Da saudade e da lembrança;
Já que siquer me não resta
Nem uma só—esperança,

Ai quem, etc.

ROSTO D'ANJO

Rosto d'anjo, formosa donzella,
Que as cadeias de amor me puzestes,
Ah! não fujas—não leves-me a vida,
Não me roubes um bem que me destes.

Já não póde meu peito ser d'outrà,
Já não posso existir sem te amar;
Só comtigo entendi a existencia
Quero á campa comtigo baixàr.

São ligados os meus aos teus dias
Como o calix da folha da flôr!...
Não consistas que a flôr se desfolhe
Ah! não quebres os laços de amor.

Já não póde meu peito, etc.

A FLOR SAUDADE

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA SILVA, MUSICA ROSA SAUDADE

Rosa saudade
Tristonha flôr
Tu tens o nome
Da minha dôr!

E's merencoria
No jardim teu,
Qual sem Armia
O peito meu.

A briza zune
De em torno a ti?
Não, é meu peito
Que geme aqui.

SÃO PEDAÇOS DA MINH'ALMA

São pedaços da minh'alma
Os suspiros e ais que dou,
Cahe aos pés daquella ingrata
Qu'alma e vida me roubou.

Quão feliz eu não seria
Se estivesse onde não estou,
Onde a impia, a deshumana
A alma e vida me roubou.

A saudade — qu'eu supporto
Traz minh'alma angustiada,
Porque a morte a cruel morte
Me roubou Lilia adorada.

No delirio da saudade
Peço aos céos cheio de dôr,
Que me tire a triste vida
Que me leve ao meu amor.

SAUDADE FUGI DE MIM

Saudade, fugi de mim
Levae comvosco os pezares,
Vêde que minha Marilia
Não pisa mais nestes lares.

Foi-se o prazer,
Foi-se a ventura:
Debalde luto
Contra a amargura.

Por accinte do destino
Que folga com meus penares,
Veio á mim, foi-se tão cedo
Não pisa mais nestes lares.

Foi-se etc.

OS ENCANTOS DE AMOR

POESIA DE ANTONIO JOSÈ

Se amor é um encanto
Que inflamma
Na chamma
Tyrannico ardor;

De ver não me espanto
Um peito
Desfeito
A encantos de amor.

A MORTE ENFURECIDA

POESIA DE ANTONIO JOSÈ

Se a morte enfurecida
Te usurpa a doce vida,
Te irá buscar esta alma
Só para te animar.

Vem pois, amor querido,
Que o terno meu gemido
Ao teu cadaver frio
Alentos póde dar.

RETRATO DE AMIRA

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOZA

Se as bellezas, virtudes, e graças
Em versos se podem cantar e exprimir,
Vou cantar attractivos de Amira,
Venham escutar-me, que ha muito que ouvir.
Só se póde chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Eu não digo que os louros cabellos
Aos raios de Phebo podem competir,
Que assim bellos, quaes são, não precisam
Para os seus louvores, qu'eu queira mentir.
Só se póde, etc.

Nem direi que são duas estrellas
Os olhos d'Amira, qu'eu sempre segui,
Basta só que confesse a verdade,
Que uns olhos tão lindos jamais nunca eu vi.
Só se póde, etc.

Pouco faço se as faces comparo
Com rosa purpurea, com branco jasmim,
Que os jasmims misturados co'as rosas
A côr animada não fazem assim.
Só se póde, etc,

Os poetas, que pintam as bocas
Com perolas dentro, por fôra rubim,
Vejam beiços e dentes de Amira
Mais rico que tudo quanto ha para mim.
Só se pode, etc.

Eu não sei o que vejo no seio,
Quando elle respira, mover se e bulir,
É sympathico o seu movimento,
Que faz os desejos aos olhos subir.
So se pode, etc.

Não se encontro figura mais bella,
Nem corpo mais lindo, formosa e gentil,
Se me prostro a seus pés, e se os beijo,
Eu deve fazel-o mil vezes e mil.
So se pode, etc.

A TERNURA DE MEUS AIS

Seccos troncos duras penhas
Que em silencio me escutais,
Parece que estais sentindo
A ternura de meus ais.

De sensiveis os teus olhos
São os mais ternos signaes,
Pois repetem com ternura
A ternura de meus ais.

Antes quero ver meu peito
Passado de mil punhaes!
Do que ver escarnecido
A ternura de meus ais.

Sentem troncos, sentem penhas,
Sentem féros animaes,
Só tu Marilia não sentes
A ternura de meus ais.

Justos céos em negra sombra
Meus queixumes escutais,
Talvez que vos enterneção
A ternura de meus ais.

Faz cruel si é teu gosto
Dictosos os meus rivaes,
Dará mais gloria ao exemplo
A ternura de meus ais.

Se o céo te quizer punir
Dos teus crimes capitaes,
Póde ser que abrande o céo
A ternura de meus ais.

Se o amor com o amor se paga
Anda vem não tardes mais,
Vem pagar com bem ternura
A ternura de meus ais.

SE DISFARÇO QUANTO SINTO

(*Modinha sentimental*).

Se disfarço quanto sinto
O teu cruel proceder;
E' justo que tu conheças
Quanto me custa o soffrer.

N'alma se accende
Odio e vingança
Torna-se amarga
Minha esperança.

N'esta afflicção
Nem mesmo amor,
Dá lenitivo
A' minha dôr!

Mas se conheces
O que é paixão
Não mais afflijas
Meu coração.

Fôste perjura
Fôste cruel;
Quebraste a jura
Fôste infiel!

CONTENTAMENTO

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Se é de uma alma generosa
Amar sem nada esperar,
Sem nutrir-me de esperanças
So me contente em te amar

Quem ama com ambição,
Nada o póde contentar;
Eu que só amo por gosto,
Só me contento em te amar.

SE ÉS ANJO NO GESTO E BELLEZA

MUSICA DE JOSÉ LEITE

Se és anjo no gosto e belleza,
Tens no peito de féra o rigor...
Ai não tem o teus féros enganos
Já não sinto por ti terno amor.

Desfolhaste a flôr de meus dias,
Como o vento desfolha uma flôr!
Não quizeste que a flôr fosse minha,
Já não sinto por ti terno amor.

De teus olhos n'um terno desmaio
Vi escripto a traição e furor!
Enganava-me a luz de teus olhos
Já não sinto por ti terno amor.

Desfolhaste, etc.

Longos tempos julguei ser divino
O teu porte de tanto primor
Profanaste-o deixando tocal-o,
Já não sinto por ti terno amor,

Desfolhaste, etc.

Finda a quadra de amores tão bella,
Murcharás abrandando o rigor:
Em te vendo sem graças direi:
Já não sinto por ti terno amor.

Desfolhaste, etc.

SE EU FORA POETA

Se eu fôra poeta,
Soubesse trovar
Canções lá do céo
Quizera lhe dar;

Contanto que Ella
Soubesse me amar!...

Se eu fôra um pombinho
Soubesse voar,
Em seu lindo collo
Quizera pousar,

Contanto, etc.

Se eu fôra um peixinho,
Soubesse nadar,
Salvára Marilia,
Das ondas do mar:

Contanto, etc.

Se eu fôra dos mares
A onde pular,
Seu lindo corpinho
Quizera banhar:

Contanto, etc.

Se eu fôra dos astros
A estrella polar,
Seus passos mimosos
Quizera guiar:

Contanto, etc.

Se eu fôra um grão rei,
Monarcha sem par;
Trocava meu throno
Por um seu olhar:

Contanto, etc.

O CRAVO

POESIA DE SILVA RIO

Se eu podesse as tuas côres
As de Lilia comparar,
Lindo cravo, eras sem preço,
Quanto te havia eu prezar!

*

O carmim de suas faces
É mais suave e mais brando,
Renova-se a todo o instante
Alento novo tomando.

*

Porém, como tu possues
Grato aroma que deleita,
Busca a linda, a bella Lilia,
E seus cabellos enfeita.

*

Entre as tranças delicadas,
Onde amor tem seu thesouro,
Ostenta tua belleza,
Esmalta seus fios de ouro.

*

Alli, depois de existires
Quanto tu possas durar,
Morrerás, e a mão de Lilia
Teus restos vai conservar.

*

Já murcho, secco e sem cores
Por ella serás guardado,
Gozaras os ternos beijos
Daquella a que foste dado.

*

Oh quem me dera tambem
Em terna flôr me mudar,
Para no seio de Lilia
Viver contente, e espirar!...

O CIUME

POESIA DE ANTONIO JOSÈ

Selvatica fera
Da brenha mais tosca
Se encrespa, se enrosca,
Se encontra a consorte
Co'o amante rival.

*

Se o rustico instincto
De um bruto padece,
Desculpa merece
Uma alma abrasada
Dos zelos no mal.

DÁ-ME UM BEIJO

POESIA DO DR. LAURINDO REBELLO, MUSICA DE ALMEIDA CUNHA

Se me adoras, se me queres,
Como dizes com ardor,
Dá-me um beijo tão sómente
Em prova de teu amor...

A paixão em que me abrazo
Dilacera o peito meu...
Dá-me prazer, dá-me vida,
Dá-me, dá-me um beijo teu.

Amor anima e accende
Em chama do céo nascidas...
Dous corações n'um abraço,
Em um beijo duas vidas;

Uma vida que me falta...
A metade de meu ser,
Quero um beijo de teus labios
E depois... depois morrer!...

QUEIXAS

POESIA DO VISC. DE ARAGUAYA, MUSICA DE RAPHAEL MACHADO

Sem doce esperança
Oh minha querida,
Amôr não é vida,
E' morte sem fim.
De amôr outros gozão.
Suaves momentos;
Porém os tormentos
São só para mim.

Qu'importa qu'eu vejo
Teu rosto engraçado,
De um riso animado,
Ao longe brilhar?
Se a magoa que sinto
Amôr não adoço;
E posso, e não posso
Teus olhos beijar!

Qu'importa que eu pense
Que tu serás minha!
Quem é que adivinha
O teu coração?
Quizera a certeza
Ter sempre a teu lado
Em laço apertado
Da tua paixão.

Suspeitas me ralam
Na ausencia em que vivo,
Nem ha linitivo
A' minha aera dôr;
Acaso desejas
Que em taes agonias
Feneçam meus dias
E extinga-se o amor?

SE ME LEMBRO?

POESIA DE JORGE CUSSEN

Se me lembro? —Oh! que não sabes
Quanto eu'inda penso em ti,
Nos dias em que te vi
Tão formosa e tão garrida
Dares-me a vida
N'um olhar teu,
N'um meigo riso.
Abrir-me o céo.

Penso e sempre, e nem a morte
Sumirá tua lembrança,
A's vezes cuido que a esperança
Inda meiga me aventura
A vêr se a dura
Sorte inconstante
Dá-me a teu lado
Ditoso instante.

Mas minha sorte é qual nuvem.
Debil, frouxa e vaporosa,
Que s'extingue, e vaporosa,
Impellida pelo vento
Foge, e sem tento
Perde o fulgor,
Qual desbotado
Sonho de amor.

Minha sorte nos separa,
Nosso fado o quer assim ;
Mas ausencia não dá fim
Ao affecto qu'inda dura,
Que a sepultura
Só calma e fria
Quebrar co'a morte
Póde algum dia.

A SER INGRATO TAMBEM

Se me virem ser ingrato
Não se admire ninguem,
Uma ingrata me ensinou
A ser ingrato tambem.

Quem é sincero no mundo
Corre risco em querer bem ;
Eu o fui— mas me ensinarão
A ser ingrato tambem.

Melhor é gostar de todas
Não querer bem a ninguem ;
Já que a ingrata me ensinou
A ser ingrato tambem.

Você me chama seu bem ?
Eu não sou bem de ninguem ;
Uma ingrata me ensinou
A ser ingrata tambem.

DESPEDIDA TRISTE

POR UM TRISTE A' SUA TRISTE

(*C. Branco*).

Senhora, partem tão tristes
Meus olhos por vós, meu bem,
Que nunca tão tristes vistes
Outros nenhuns por ninguem !

Tão tristes e tão saudosos,
Tão doentes da partida,
Tão cansados, tão chorosos...
Da morte mais desejosos,
Cem mil vezes que da vida.

Partem tão tristes os tristes,
Tão fóra d'esperar o bem,
Que nunca tão tristes vistes
Outros nenhuns por ninguem !

SE OS MEUS SUSPIROS PODESSEM

Se os meus suspiros podessem
Aos teus ouvidos chegar,
Verias o quanto custa
Uma ausencia supportar.

Não é do zelo
Nem do queixume,
Nem do ciume
Abrazador;
E' da saudade
Que me atormenta
Na triste ausencia
Do meu amor!

Se não te visse de perto
Tão sensivel suspirar,
Custaria mais que a morte
Uma ausencia supportar.

Não é do zelo etc.

A AUSENCIA

POESIA DO VISCONDE DE ARAGUAYA, MUSICA DE RAPHAEL MACHADO

Se os meus suspiros voassem
Co'os meus tristes pensementos,
E narrando os meus tormentos

No teu coração vibrassem :
Ficarieis commovida,
Oh ! minha Urania querida !

Levai, oh! céos,
Aos seus ouvidos
Meus ais saudosos
E meus gemidos.

Ausente de ti oh ! bella,
Só tristeza me rodêa,
Não vês, a noite feia,
Sem lua, sem uma estrella ?
Assim tenho esta alma agora,
Esta alma que por ti chora.

Levai, etc.

Que de vezes passeando
Nessa horrenda soledade,
Consumido de saudade,
Adormeço em ti pensando !
Sonho então, e assim só vivo
Com esse prazer esquivo.

Levai, etc.

LEMBRANÇA DO NOSSO AMOR

RESPOSTA POR UMA SENHORA.....

Se os sentimentos de outr'ora
Inda existem no teu peito,
Desse passado desfeito
Não posso lembrar me agora
Meu coração outro adora,
Hoje não tenho-te amor :
Se é fraqueza ou se é rigor,
Perdão te peço clemente ;
Não posso guardar na mente
Lembranças do nosso amor.

Este peito não é meu,
Já o dei a outro amante ;
Porque buscas inconstante
O que não póde ser teu?
Jurei-lhe á face do céo
Amal-o com firme ardor ;
Vê o contraste de horror,
Da minha mente excluí :
E nem me resta de ti
Lembranças do nosso amor.

O tempo desfaz a mágoa,
Destróe humana grandeza ;
Da vida gloria e riqueza
Té a esperança se apaga ;
Talvez que o tempo te traga

Remedio para a tua dôr :
Se te mereço um favor,
S'inda me tens amizade
Não conserves— por piedade
Lembranças do nosso amor.

Não suspires, e não chores,
Não me magôes esta alma
Vai amar outra e acalma
Teu soffrer nos teus amores ;
Quando cadaver já fôres
Não me pédes, trovador,
Que vá plantar uma flôr ? .
Pois ella ha de morrer,
E nunca mais has de ter
Lembranças do nosso amor.

SEREIA ENCANTADORA

POESIA DE ANTONIO JOSÈ

Sereia encantadora
Afaga o navegante,
Que intrepido nadante
Intenta triumphar ;

*

Repara que a belleza
Contêm tal harmonia,
Que em doce melodia
Obriga a naufragar.

EM QUE TE OFFENDI, MEU BEM?

Se te adoro e te prefiro
A tudo o que o mundo tem;
Porque me maltratas, Lilia,
Em que te offendi, meu bem!

Se aos magoados ais que exhalo
Responder não te convém,
Dize ao menos compassiva
Em que te offendi, meu bem!

Ah! Lilia, meu ser cançado
Minha vida mal sustém;
Morrerei senão declaras
Em que te offendi, meu bem!

A BORBOLETA

POESIA DE A. J. DE ARAUJO

Se tu és a minha esposa,
Borboleta, bella, escura,
Eia pousa no meu peito
Não voltes a sepultura.

Agitando o ar murmuras,
Uma linguagem dos céos!...
Em torno de mim voando
Parece-me ouvir-te—adeus.—

Oh! Borboleta não fujas,
Fica sempre aqui comigo,
Ou então, ah! por piedade
Tambem me leva comtigo.

SE TU ME HOUVERAS AMADO

POESIA DE LIMA

Se tu me houveras amado
Com extremo de affeição,
Escravo te houvera dado
Alma vida e coração.

Minha tu serias sempre,
Tão distante viverias.
Como a sombra unida á luz
Como a noite presa aos dias.

Eu te amara como ama
O moribundo o viver,
Eu te amara como o cégo
Ama a luz até morrer.

Minha tu serias, etc.

Eu te amara como o naufrago
Ama a sua salvação,
Eu te amara como a rôla
Ama o bosque, a solidão,

Minha tu serias, etc.

Eu te amara como a vida
Ama do sol o calor,
Eu te amara como a briza
Ama a tenra e casta flôr.

Minha tu serias, etc.

Eu te amara como ama
Terna mãi o filho seu,
Eu te amara qual proscripto
Ama a terra em que nasceu!

Minha tu serias, etc.

CANTO DE AMOR

POESIA DE A. LIMA, MUSICA — *Se tu me houveras amado.*

Se tu me houveras amado
Estrella dos sonhos meus,
Ingênua copia dos anjos,
Formoso mimo dos céos:

Se me doiraras com risos
Minha tão nûa existencia
Se de uma phrase te ouvira
Meiga celeste cadencia;

Se de meus ais condoida
Em doce arrobo d'amor,
Um dia ao menos disseras,
Tua serei, trovador;

Déras a vida ao cadaver,
Ao cêgo déras o dia,
Déras a fonte ao deserto,
Déras viço a penedia.

Sempre a teus pés m'encontrara
Submisso, terno, fiel,
Sempre extrahindo p'ra dar-te
De meu seio o puro mel.

Tu serias da minh'alma
A metade em tudo irmãa,
Do meu riso ou do meu pranto
O segredo, o talisman:

Fôras nas trevas do peito
A luminosa porção,
A rosa pura e singela
Na garganta do vulcão;

Eterno pharol d'esp'rança
Nas tormentas da existencia
Como entre os vicios do mundo
És um astro d'innocencia;

Perenne fonte serena,
Fonte d'eterna harmonia,
Onde alvas pennas banhasse
Linda pomba, a poesia!

Idolo, fada, thesouro,
Tudo serias, meu nume,
Dentro d'alma uma florinha,
No pensamento um perfume.

E tu fôras sempre a sombra
Do pensamento singelo,
Nas cadeias que forjasse
Sempre acharias um élo.

Serias então só minha,
Preza sempre ao peito meu,
Como a folha é preza ao tronco,
Como a estrella é preza ao céo.

Eu ensinára teu nome
Ás avesinhas do ar,
Ao bosque, ás flôres, ao vento,
Ás bravas ondas do mar;

E tudo então te cantara,
Estrella dos sonhos meus,
Ingenua copia dos anjos,
Formoso mimo dos céos

Eu te amara como se ama
Breve sonho de ventura,
Como entre nuvens sombrias
Se ama o astro que fulgura;

Eu te amara como as chammas
Ama incauta a mariposa,
Como da briza a bafagem
Ama a florinha mimosa;

Eu te amara como os bosques
O plumoso rouxignol,
Como no inverno ama o pobre
A quente vestea do sol;

Eu te amara como a rôla
Ama o ninho em que nasceu,
Qual viajor no deserto
Ama a fonte em que bebeu;

Eu te amara como a onda
Ama da praia as areias,
Como a donzella dos campos
Ama innocentes chorêas;

Eu te amara como o infante
Ama o peito maternal,
Como o orvalho matutino
Ama a violeta do val;

Eu te amara...como te amo,
Estrella dos sonhos meus,
Ingenua copia dos anjos,
Formoso mimo dos céos!

TUDO TE HEI DADO!

POESIA DE J. NOBERTO DE SOUZA SILVA

Se um beijo outorga
Prazer e vida,
Minha querida,
Sem vida estou;

Pois n'esse beijo
A ti votado,
Tudo te hei dado,
Morrendo vou !

Mas tu bem pódes
Inda salvar-me,
E um beijo dar-me
Igual ao meu ;
Vem pois, ah ! corre,
Minha querida,
Vem dar-me a vida
N'um beijo teu !

O PASSADO

POESIA E MUSICA L. J. DE ALVARENGA

Se vejo o teu rosto
Se lembro o passado,
Por bem empregado
Dou tudo o que fiz

Fiz minha vontade ;
Saibão meus rivaes
Que se eu não fiz mais
Foi porque eu não quiz

AMOR DE MÃI

MUSICA DE ELIAS LOBO

Sob as azas plumosas da rôla,
O filhinho piando se acolhe,
Como em seio de mãi carinhosa
Terno infante mil beijos recolhe.

Sabe a rôla arroubada de affecto,
O seu filho contente affagar ;
E a mãi, com extremo e enlevo,
Doce somno d'infancia embalar.

Nossa mãi é o anjo inspirado,
Que na dôr ou prazer resplandece,
Tudo acaba e destróe-se na vida
Só de mãi o amor não fenece.

Se elle chora, ella chora com elle,
Se elle ri, ella exulta tambem ;
Nossa mãi é um anjo sublime,
Outro igual este mundo não tem.

Pódeo crime manchar a existencia
D'um seu filho nos seis criado ;
A mãi terna lamenta a desgraça,
Mas não deixa seu filho isolado.

Nossa mãi é um anjo inspirado,
Que na dôr ou prazer resplandece;
Tudo acaba e destróe-se na vida.
Só de mãi o amor não fenece.

SONHEI QUE MIL FLORES

Sonhei que mil flores
No prado colhia
Que sobre teu cóllo,
Elmana, exparzia.

Que fina grinalda
Então te offertava.
Que beijos sem conta,
Na face te dava...

Sonhei que constante
Juravas de ser-me,
Emquanto da vida
O sôpro aquecer-me.

Então minha Elmana
Feliz me julgava,
Em vêr a meu lado
Aquella que amava.

Mas tanta ventura
Tornou-se illusoria
E della conservo
Apenas memoria,

Capellas e flôres,
Prados e jura ;
Foi sonho enganoso,
Foi tudo amargura !

Assim minha Elmana,
Vou triste passando,
Em sonhos sómente
Ventura gazando...

Até que inda um dia
Feliz e ditoso,
Me torne comtigo
Assaz venturo !

NÃO TEM DO' DO MEU PENAR

Suspira coração triste,
Consola-te em suspirar,
Já que Lilia, por quem morro,
Não tem dó do meu penar.

Lilia ingrata tem por timbre
Meus extremos contrastar,
Quando eu chóro ella sorri
Não tem, etc.

CONTINUAÇÃO DO DR. LAURINDO REBELLO

A serva ingrata querendo
Mais minha dôr augmentar,
Sorrindo bebe meu pranto,
Não tem, etc.

Para as chagas de minh'alma
Mais dolorosas tornar,
Nas chagas cospe desprezos,
Não tem, etc.

Zelando a vida que odeia,
Que deseja torturar,
Não mata sangra as feridas
Não tem, etc.

A ingrata, a fementida,
Me jurou constante amar,
Hoje entregue a meu rival
Não tem, etc.

Esse coração ingrato
Que nada póde ablar,
Petrificando meu pranto
Não tem, etc.

Das saudades que n'ausencia
Fizéra amor vegetar,
Arranca d'alma as raizes
Nao tem, etc.

O punhal n'alma m'enterra
E depois de apunhalar,
Conta as gotas, bebe o sangue,
Não tem, etc.

Dos olhos que fictos nella
Nunca cessão de chorar,
Sêdenta péde mais prantos
Não tem, etc.

Nessas veias cujo sangue
Muito cêdo ha de esgotar,
Injecta o fel do ciume
Não tem, etc;

Com meus ais faço nos céos
De dôr os astros chorar,
Lilia tão perto de mim
Não tem, etc.

Podéra com meus suspiros
Cruentas féras domar,
Lilia, peior do que as féras
Não tem, etc.

Ao vêr-me continuamente
De pranto o rosto banhar,
Além de augmentar meu pranto
Não tem, etc.

A mesma morte a quem peço
Venha meus dias cortar.
Cruenta foge de mim
Não tem, etc.

Em vez de vir compassiva
Minha dôr alliviar;
Sorrindo vê o meu pranto,
Não tem, etc,

Busco as vezes negra noite
Para meu pranto occultar,
O dia rouba-me as trévas
Não tem, etc.

De males furor insano
Sobre ti vá me vingar,
Já que tu, traidora indigna,
Não tem do' do meu pezar.

PEZARES

Tal como a nuvem
Rubra dourada
Que na alvorada
Foge e se esvae;
E' a minha alma
A mãi do pranto
Roubou-lhe o encanto
Deixou-lhe um ai.

Por isso eu triste
Desalentado
Busco no canto,
Ser consolado.

Amei qual louco,
Doce vertigem,
Por uma virgem
Senti !.. que amor !...
E dessa bella
Gentil criança.
Só a lembrança
Me resta, e dôr.

Por isso, etc.

Sonhos de gloria,
Se dissipárão ;
Delles ficárão
Feroz saudade ;
Fugio-me o estro !
Sim, eu não minto ;
Moço, me sinto,
Sem mocidade !

Por isso, etc.

Os meus penates....
Tudo o que amei !
Onde os deixei
Onde é que estão ?
Tudo fugio-me !..
Até o berço !...
Vejo-me immerso
Na solidão !

Por isso, etc.

UM TERNO ADEUS

POESIA DE J. J. DE S. SILVA RIO

Tal como vive
O passarinho
Longe do ninho
De seu amor

Tal teu amante
De ti ausente
No peito sente
Cruenta dôr.

Oh! Lilia, Lilia
Da onde existes,
Aceita os tristes
Suspiros meus;
De ti distante
Vivo chorando
A ti mandando
Um terno adeos!

TEUS LINDOS OLHOS

Teus lindos olhos
Pretos formosos,
Mais luminosos
Que os astros são:

Quando se volvem
Ternos brilhantes,
Dão aos amantes
Consolação.

Boca pequena
Virgem e grave,
Amor suave
Faz libação.

Ah ! quem me déra
Beijal-a um dia,
Então teria
Consolação.

Os alvos dentes
Da côr de neve,
Da bocca breve
Ornatos são.

Os torneados,
Braços perfeitos,
Parecem feitos
A' proporção.

Pretos cabellos
Soltos ao hombro,
Causão-me assombro,
Ao coração,

Seus pés descalços
Formão passadas ;
Flôres sagradas
Nascem do chão.

Cintura airosa
E das melhores,
Por onde amôres
Prender-nos-hão.

Por isso n'ella
Amôr, agrado,
Me tem formado
Doce illusão.

Emilia, bella,
Eu te pintei,
Se nisto errei
Peço perdão.

Solta um sorriso
Presta soccorro
Senão eu morro
Nesta afflicção.

CONFISSÃO E DESENGANO

POESIA E MUSICA DE MESQUITA

Tu és bella, e teu rosto tão lindo
Como um astro da noite a luzir;
São teus labios a rosa entre-abrindo
E' de um anjo teu mago sorrir.

Mas que importa que sejas um Nume,
Se és um'alma de affectos descrida;
Uma rosa de amor sem perfume,
Uma estatua formosa sem vida?

Teu serias de amôr minha estrella,
Dos meus sonhos o puro ideal;
Fôras tu, anjo meu, menos bella,
Mas teu peito mais firme e leal.

Esses cantos de outr'ora acabarão,
Para ti minha musa findou,
Teus desprezos as cordas quebrarão
Desta lyra que a ti se votou.

A UMA ROSA

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Tu és o emblema das graças,
Do meu bem e do meu gosto:
E as vivas côres que tens
São as côres de seu rosto.

Tu afagas com teu cheiro,
Ella afaga com carinhos;
Tenho comtigo e com ella
Cuidados pelos espinhos.

O QUE É AMOR?

POESIA DO VISCONDE DE ARAGUAYA, MUSICA DE RAPHAEL MACHADO

Tu me perguntas
O que é amôr?
Arduo problema
Me vens propôr,
Sublime thema
Para um doutor!

Mas se me dizes
O que é a dôr,
O que é frio,
O que é calor,
Dir-te-hei, oh bella,
O que é amôr.

Amôr não soffre
Difinição
Sente-se o effeito
Dessa paixão,
Que róe no peito
O coração,
Senti-lo posso,
Dize-lo não.
E' frio, é febre,
E' um vulcão;
E' tudo a um tempo
Sem confusão.

Amôr é tudo
Por modo tal,
Que eu não sei dar-te
Um só signal;
Para explicar-te
Seu natural
Sei que da vida
Elle é casual:
Mas tambem mata,
Tambem faz mal;
Ora é divino,
Ora infernal.

Ora nos mostra
Na terra o céo
N'um rosto lindo
Como é o teu,
Quando dormindo
Se volve ao meu;
Ora em noss'alma
C'um gesto seu
O inferno imbebe;
Que mais sei eu?
Amôr é tudo,
E' um Protheo.

Queres um meio
Para o saber?
E' a quem te ama
Corresponder;
A' sua chamma
Tu has de vêr
Que melhor cousa
Não póde haver.
Correspondido;
E' tal prazer,
Que mais os anjos
Não podem ter.

O QUE É AMOR?

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA SILVA, MUSICA DE F, NORONHA

Tu me perguntas
Candida bella,
Meiga, singella,
O que è amor?

E' desventura,
E' dita e sonho,
Fél e doçura
Prazer e dôr!

E' veuturoso
O que não ama,
Vive ditoso
Nessa isempção!

Mas só resiste
A poder tanto,
Misero triste
Sem coração!

O NÃO ME DEIXE

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA SILVA, MUSICA DE F. NORONHA

Tu me recordas
Sensações gratas;
Tu me arrebatas

Todo de amor,
Quando te aperto
Contra o meu peito
A dôr affeito
O' linda flor.

Tu me recordas
A lisongeira
Noite ligeira
De meu prazer;
Sobre seu seio
Voluptuoso
Terno amoroso,
Te fui colher.

Ella com olhos
De sã ternura
Toda candura
Quer se expressar...
Mas emmudece
Que o não me deixe
Dei que o não deixe
Em seu fallar.

Pura, innocente
Toda formosa,
Toda odorosa,
Dura sem fim;
Recorda o peito
Em que estiveste
E recebeste
Um beijo assim.

DEIXA OS TEMORES

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA SILVA.

Tu me recusas
O que eu te peço,
Mimos de apreço
E alto primor ;
Tu me recusas
Que um beijo ardente
Na face intente
O meu amor.

Pensas acaso
Que é tudo um crime
A que se exime
Sempre a honradez ?
Pensas acaso
Que um peito puro
Torne-se impuro
Sem candidez ?

Oh ! não, que os crimes
Não hão a doçura
Nem a ventura
Que os beijos têm !
Oh ! não que os crimes
Remorsos fazem,
E jámais trazem
Remorsos cem
Deixa os temores

A torpes peitos,
Segue os preceitos
Do justo Deos ;
Deixa os temores
Que nos desune,
E os labios une
Aos labios meos.

O BEIJO VEDADO

POESIA DO DR. JOÃO CARDOSO MUSICA DE JOSÈ AMAT

Tu me vedaste,
Virgem formosa,
Beijar-te a breve
Bocca mimosa.

E' bem difficil
Bem dura a lei,
Se hei-de cumpril-a,
Meu bem não sei !

Quem nos teus labios
Um beijo imprime,
Por certo, ó virgem,
Commette um crime.

Que nesse cofre
De honestidade,
S'esconde o anjo
Da castidade.

Tocar só devem
Os labios teos,
A pedra santa
Do altar de Deos.

Ah ! sim revoga
Virgem celeste,
A lei severa
Que m'impuzeste ;

Pois como a abelha
Que n'um jardim,
Vôa do lyrio
Ao bogarim ;

Té que pousando
Na fresca rosa,
Suave nectar
Liba anciosa ;

Tal meu desejo,
Vivo, anhélante,
Perpassa as graças
Do teu semblante.

Tocar sò devem
Os labios teos,
A pedra santa
Do altar de Deos.

A NOIVA DO SEPULCHRO

POESIA DE J. NORBERTO, MUSICA DE F. NORONHA

Uma cruz e branca pedra
Eis a sua sepultura,
Ah! por minha desventura
Aqui jaz, silencio, amor:

Minhas lagrimas sómente
Denunciem minha dôr!

Infeliz! elle saudoso
O prazo dado aguardava,
Sente passos... me julgava
Mas o fére vil traidor!

Oh! cruel. podéste tanto?
Como é dura a minha dôr!

Tosca cruz—pedra sagrada
Recebei meu triste pranto;
Recebei em penhor santo
Minha dextra e meu amor.

Oh! console este consorcio
Da saudade a minha dôr!

UM TERNO SORRISO

Um terno sorriso
De amor e saudade,
Ainda te offerta
Quem tem-te amizade.

Que dôres, que angustias,
Que pranto exhaurido !
São lagrimas tristes
Que verto sentido.

Lá quando nos astros
O sol vem raiando,
Desperto no leito
Teu nome chamando.

Que dôres, etc.

De todo o passado
Me vem á lembrança,
Contemplo esta sorte
Me resta a esperança :

Que dôres, etc.

Meu anjo do céo
Attende á clemencia,
Ouvi minha voz,
Findae-me a existencia.

Que dôres, etc.

UNS OLHOS

Uns olhos eu vi divinos
— Erão lindos de encantar !
Como estrellas em céo puro
N'um lindo rosto a brilhar !
E de seus ardentes raios
Eu me senti abrazar !

Na minha lyra quizera
Cantal-os com todo o ardor,
Que sôbre mim produzirão
Essas pupillas d'amor.
Ai de mim ! — pr'a tal prodigio
Sou mui fraco trovador.

Para a côr que têm taes olhos
Não acho propria expressão !
Não são verdes, não são pardos,
Nem azues tambem o são ;
Nem são negros, como a noite
Que me obumbra o coração.

Nos quadros da natureza
Mil vezes tenho buscado
A côr dos olhos que eu amo ;
Mas, nada tenho encontrado
Que lhe seja á côr igual
No mar, nos céos e no prado.

Na facha tenho do Iris
— Que brilha no céo nublado
A linda côr muitas vezes
D'esses olhos procurado,
Mas em vão ;—jámais o Iris
D'essa côr se tem trajado.

A terra, os céos, o oceano,
Não tem côres como aquella
Que vê-se nos olhos seos ;
Nem jámais ardente estrella
No firmamento luzio
Tão sintillante e tão bella.

Depois que vi esses olhos
Já de mim não sou senhor :
De minh'alma a paz roubárão
Esses luzeiros d'amor,
Que sobre lyrios e rosas
Derramão meigo fulgor,

VAI CRUEL EM BRAÇOS D'OUTRO....

Vai cruel em braços d'outro
Augmentar o meu tormento,
Se dilicias já me déste
Forão ellas de um momento.

Vai, que esse a quem tu amas
Te fará bem desgraçada,
Desfructados teus encantos
Te verás repudiada.

Oh ! então para vingança
Verei teu pranto correr,
Mas— esquivo a teus gemidos
Só prazeres hei de ter.

E' a sorte que merece
Quem, como tu, é ingrata;
Quem despreza sem motivos
Quem por prazer só maltrata.

SUSPIRO

Vai suspiro, afortunado,
Aos ouvidos de meu bem ;
Dize-lhe só que és mandado,
Que elle adivinhe por quem.

Se o meu bem, quando te ouvir,
Soltar um suspiro seu ;
Dize-lhe então a verdade,
Suspiro, que tu és meu.

SIM

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA SILVA

MUSICA DE NORONHA

Vai-te, oh! receio
Por um momento
Vai-te, oh! tormento
Consumidor!
Brilhe a verdade.
Rompa-se o arcano
Fuja o engauo,
E falle o amor.

O que quer diga
O desgraçado,
O acovardado
Meu coração,
Pois tudo quanto
Hoje emprehende
Céos, só depende
De um —sim ou não!

Armia, Armia,
Alma constante,
Escuta o amante,
Que falla assim:
— Tu serás minha,
Muda-me a sorte;
Ou dá me a morte
Ou diz-me: — sim!

A FLOR SAUDADE

POESIA DO VISCONDE DA PEDRA BRANCA

Vem cá, minha companheira,
Vem, triste, mimosa flor,
Se tens de saudades o nome,
Da saudade eu tenho dôr.

Recebe este frio beijo,
Beijo de melancolia,
Tem d'amôr toda doçura,
Mas não o ardôr d'alegria.

Onde te pegou Marilia ?
Dize, onde um beijo te deu?
Mostra o logar, n'elle quero
Dar-te eu outro beijo meu.

Se Marilia quer que exprimas
O que ella sente por mim,
Porque murchas ? Não me lembres
Que amôr tambem passa assim.

Marilia em tudo te iguala,
Linda e delicada flôr,
Mas infeliz se em seu peito
Quanto duras, dura amôr !

Tu venturosa cuidavas,
Quando o meu bem te colheo,
Que morreras em seu seio
Qual morri outr'ora eu.

Longe d'haste, em que Favonio
Ia comtigo brincar,
Em vez de orvalho te sentes
Só de lagrimas banhar.

Flôr infeliz... porém eu
Quanto mais feliz sou !...
Nada te disse Marilia
Quando ella a mim te enviou?

Ah ! se tu saber podéras
Quanto amôr, quanta ternura !
Se soubéras das dilicias
Julgáras da desventura.

Mas que digo ? não me creias
Não me vás atraiçoar,
Saudade, é crime d'amôr
Seus mysterios divulgar

VEM DONZELLA, NA HORA EXTREMA

Vem donzella, na hora extrema
Cinge ao meu teu coração,
E córando em mago enleio
Vem dizer-me um triste *adeos*;

Adeos rosa de innocencia,
O' virgem dos sonhos meos.

N'um sorriso teu divino,
Unge um raio de esperança,
E qual astro de bonança
A minha noite illumina ;

Adeos, lyrio de candura,
Adeos — fada peregrina.

Dá-me um só beijo... com elle
Mitíga da ausencia as dôres,
E bem como a aurora ás flôres
Me orvalha o sonho amoroso;

Adeos, flôr — celeste virgem,
Minha fada — anjo formoso.

SAUDADE

POESIA DE ED. RIBAS, MUSICA DE F. S. NORONHA

Vem, meu anjo, qu'eu não posso
Viver n'este êrmo sem ti,
Vem, meu anjo; se não vôas
Pensarei que te perdi.

Tu já sabes quantas mágoas
Uma saudade contém;
Ah! são muitas, sinto-as todas,
Vem, meu anjo, corre vem.

Aqui n'esta soledade
Cada flôr é tua imagem,
Cada murmurio um suspiro,
Cada gemido uma aragem.

Vejo em tudo a tua somhra
Mas eu chamo-te e não fallas!
Vem, meu anjo de ternura,
Qu'estas flôres te são gallas.

VEM, O' PARCA POR PIEDADE

Vem, ó Parca, por piedade
Minha existencia findar
A vida para mim é pena
Quero em ti allivio achar.

Por compaixão
Sé pressurosa
Corta-me a vida
Que é tormentosa.

Minha vida é um tormento
Que não póde mais findar,
Só tu, Parca, tens alivio
Pr'a o meu continuo penar.

Por, etc.

O fio da minha vida
É tão cheio de pezar,
Que pr'a mim fôra ventura
Se m'o viesse cortar.

Por, etc.

Corta-me pois, Parca amiga,
Esta existencia fatal,
Dá-me a paz, dôce socego
Do somno meu eternal.

Por, etc.

VEM, TRISTE FLOR DA SAUDADE

Vem, triste flôr da saudade,
Vem collocar-te a meu lado :

Em tua côr acha allivio
O meu pranto amargurado.

Oh ! não te negues,
O' minha flôr,
Só tu abrandas
A minha dôr !

Fui ao jardim passear
Nenhum flôr achei bella,
Só me contento de vêl-a...
Entristece-me a côr d'ella.

Oh ! não te negues,
O' minha flôr,
Só tu abrandas
A minha dôr !

Tu soffres, eu tambem soffro
Igualmente a mesma dôr
Tu te cobriste de rôxo
Eu de magoa, ó minha flôr !

Oh ! não te negues,
O' minha flôr,
Só tu abrandas
A minha dôr.

O ADEOS

POESIA DE A. J. DE ARAUJO

Vejo chegar-se o instante,
Instante dos sustos meos !
Como heide viver sem ti,
Como hei de dizer-te — *adeos* ?

Hei de em vão por toda a parte
Procurar os olhos teus!..
Ah! meu peito ha de estallar-se
Quando eu fôr dizer-te — *adeos*.

N'ausencia, entregue á saudade,
A saudade... Não, oh! céos!..
Que eu expiro quando a boca
Abrir-se a dizer-te — *adeos*.

NÃO SEI

Vêr-te no céo e na terra,
Vêr-te acordado ou dormindo,
Vêr-te sempre em toda parte,
Sempre em tudo te sentindo,
Será por ventura amôr?
Dize tu, responde flôr!

Ouvir-te na voz da brisa,
Da vaga nos murmurios,
No rumor qne ás noites fórma
Os seus silencios sombrios
Amôr ácaso será?
Responde, dize, sinhá!

Sentir-te na luz da estrella;
Das flôres no doce aroma,
No farfalhar das aragens
Que agitão d'arvore a coma,
Ai! amor será tambem?
Responde, celeste bem!

Fallar-te na voz do canto.
Nos sonhos fallar-te ainda,

Fallar-te no pensamento,
No pranto, que nnnca finda,
Dize, amor, será talvez?
Dize, responde uma vez.

Eu não sei se podes; julga,
Só digo o que sei que sinto:
Vejo-te, ouço-te, adivinho-te.
Em toda parte, não minto;
Se amor não é, ou paixão
Dize tu, que eu não sei, não.

GYRA SOL

POESIA DE ANTONIO JOSE'

Vês, oh! Clori, a flor gigante
Que procura firme amante
Seguir sempre a luz do sol?

Desta sorte sem desmaios
Sol que gyrão são teus raios,
E meu peito gyra-sol.

Mas ah! Clori, que a luz pura
De teus raios mais se apura
De meu peito no crysol.

AMOR ETERNO

POESIA DO VISC. DE ARAGUAYA, MUSICA DE R. MACHADO

Vi, minha Urania
Teu lindo rosto!
Minh'alma absorta
Tremeu de gôsto:
Dentro do peito

O coração
Sentio effeito
D'essa visão.

De um poder novo
Todo o attractivo
Soprou-me n'alma
Um fogo vivo ;
Fiquei sabendo
Porque nasci
Alegre vendo
Meu bem em ti.

O amôr eterno
Que tudo cria
Se amôr não fósse
Não nos faria.
Nossa existencia
E' toda amôr
Qual é a essencia
Do Creador.

Não, não, a morte
Não nos separa .
Além de avára,
Ha luz mais clara,
A ella accesso
E' o morrer,
E' nm processo
Do renascer.

Os que no mundo
São mais amantes
Serão unidos,

Mas radiantes :
Amôr mais forte
Là irão ter,
Sem já da morte
Nada temer.

Tal é, oh ! bella,
Nosso destino !
O céo me inspira
Quanto imagino
De amôr no estudo
Consiste o bem ;
O mal é tudo
Que amôr não tem.

O bem só amo,
O bem desejo
O bem agora
Em ti só vejo.
Quero a teu lado
O bem gozar
E ser amado,
E sempre amar.

Se tu desejas
Ser venturosa,
Ama a quem te ama,
E est'alma esposa :
E terno unamos
Teu ser e o meu,
Dos dous façamos
Como um só Eu.

AMOR DO CÉO

POESIA DE NUNO ALVARO, MUSICA DE A. J. MONTEIRO

Vivia triste, como as aves vivem
Que adejão longe n'amplidão dos mares.
Vivia triste, cômo vive o nauta
Saudando a patria de longinquos lares.

Mas, de repente, meu viver sombrio,
Luz vespertina n'um luzir doirou ;
Eu vi teus olhos derramando chammas
E por encanto, meu soffrer cessou

Mas ah !que os olhos que revelão tanto
Que á luz da aurora mais brilhante são,
Não perceberão no tremor dos labios
Dizer-lhe triste, não me deixem não.

Amei-os muito ! meu amôr foi lyrio,
Que dôce brisa nem se quer soprou ;
Foi dôce nota de uma frauta agréste
Que um écho triste para o céo levou.

Amei-os muito ! meu amôr perdeu-se
Além do espaço que limita o céo,
Acaso soube a andorinha o rumo
Abrindo as azas quando o ar pendeu ?

Acaso soube no passar das nuvens,
Se os sentem só no peito amôr ?
Accaso soube se o perfume santo
A Deos se eleva no escalar da flôr ?

Ah ! não duvides que esse amôr tão puro
Como o incenso que se eleva á Deos,
Ahi se eleva nos doirados sonhos
Que sinto as vezes nos delirios meos !

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

INDICE

N'este indice vão apenas mencionadas as poesias, cujos auctores são conhecidos. As poesias estão colleccionadas pela ordem alphabetica, isto é, segundo a letra do primeiro verso de cada composição e por isso será facil achal-as buscando-se como se fosse n'um diccionario. Por essa razão só damos o indice dos auctores, devendo se recorrer áquelle expediente para as poesias anonymas.

São brasileiros os auctores cujos nomes são precedidos de um * e portuguezes os que levam esse signal em seguida. Os auctores cuja naturalisão nos é desconhecida levam este signal (?).

A. Lima (?)

As estrellas 111
Se tu me houveras amado. 226
Canto de amor 227

Almeida Garrett (Visconde de) *

Pescador da barca bella 159

* Alvares de Azevedo

Quando em meu peito 179

Alves (?)

Dorme, dorme, ó morena 69

* Antonio José da Silva

Ciumes 21
Avesinha solitaria 39
A Clori 42
A esperança 86
Alegria 147
Desengano 194

Os encantos de amor 206
A morte enfurecida 206
O ciume 215
Sereia encantadora 224
Gyrasol 263

* Araujo (Dr. A. J. de)

A borboleta 225
O adeus 261

* Araujo Guimarães (M. F. de)

A ausencia de Armia 148

* Augusto Zaluar

O coração infeliz. 199

* Barão de S. Gonçalo

Alta noite (accrescimo) 23

* Bittencourt Sampaio

A despedida 10

* Cordeiro (Dr. C. A.)

Gelia 194

C. Branco (?)

Despedida triste 220

* Caldas Barbosa (Domingos)

Retrato de Amira. 207

Damião Barbosa (?)

Tristes saudadès. 56

Dias de Oliveira (?)

Quando choras 177

E. Ribas (?)

Saudade 258

Estevam de Magalhães *

Herva mimósa do campo 103

Eustaquio F. da Costa (?)

Travessa e voluvel 73

* Fagundes Varella

A flôr do maracujá 156

F. M. M. (?)
Ai meu bem se eu não te amo. 15
* Frederico Colin
Laura. 37
* Dr. Gabriel Navarro
O adeus 44
* Dr. Gomes de Souza
Flôr gentil 99
* Gonçalves Dias
A concha e a virgem 112
Minha terra tem palmeiras. 127
* Gonçalves Ledo
O botão de rosa. 42
G. P. (?)
Astro do céo 35
* Innocencio Rego
Ai de mim! 101
J. Bandeira (?)
A uma mocinha. 102
J. J. Bernardo (?)
Dá-me um sorriso 68
* J. M. Mourão
Teu suspirar. 28
* J. P. A. Peçanha
Um só beijo. 104
* João Cardoso (Cons.—de Menezes e Souza)
O beijo vedado 248
* Jorgen Cussen
A uma filha do sul 175
Se me lembro 218
* José Eloy Ottony
A voz intercadente 50
* José Pereira
A primavera e o amor 105

* José Victorino

Grandezas da terra 63

* Lucas José de Alvarenga

A minha alma 26
Crime e defeza 54
Queixa 57
Os seus olhos 84
O arrependimento 105
Esperança 111
A rosa 140
Consulta 163
A luz de teus olhos. 167
Amor. 171
Afflicção 185
Sim, senhor 195
A Elmira. 197
Contentamento 211
O passado 231

Alvarenga

A uma rosa 242

* Luiz Delfino

A vontade de Deus 164

* Laurindo Rebello (Dr.)

Acabou-se a minha crença. 1
A despedida 8
E' aqui.... bem vejo a campa. 70
Era um anjo (continuação). 82
Foi em manhã de Estio. 97
Quando teus olhos (continuação) 173
Riso e morte. 182
Desalento. 183
Que mais desejas 189
Dá-me um beijo. 215
Tem dó do meu penar (continuação) 234

M. M. (?)
A amante do poeta 25
Marques Rodrigues (?)
Meus amores. 75
Mesquita (?)
Confissão e desengano 241
* Natividade Saldanha (Dr. J. da)
O gallo de campina 43
* Norberto de Souza Silva (J.)
Eis o signal 17
Alta noite 22
O desejo 29
O echo 70
Nicthoroy, partida 71
Nictheroy, volta 72
Eu te amo 92
Mar que outr'ora 116
Adeus a Nictheroy 138
O receio 141
Eu tenho mais gloria 143
A flôr saudade 204
Tudo te hei dado 230
O que è amor 245
O' não me deixe 245
Deixa os temores 247
A noiva do sepulchro 250
Sim 255
* Nunes Garcia (Dr. J. M.)
Beijo a mão que me condemna 40
* Nuncio Alvaro
Amor do céo. 266
* Pereira e Souza
Retêm nos labios ingratos. 201
* Paula Brito (F. de)
Deixa Dhalia 60

* Salvador Fabregas
A saudade me flagella 34
Silva Rio (J. J. de S.)
Saudades de Alcino 61
O cravo adeus 214
Um terno 238
Soares de Passos *
Que noite de encanto 190
* Souza Silva (Francisco Alberto)
Escuta-me ! 161
S. J. de Marengo (?)
O teu juramento. 110
* Vieira da Silva
Longe de ti 114
A virgem da fonte 133
* Villas-Boas (Eduardo
A estrella de minha vida 13
Era um anjo. 80
Morena, teus olhos . . . . . , . 128
* Visconde de Araguaya
A hora que te não vejo 16
Eu amo as flôres 89
A illusão 96
Cantemos um sim 146
Olhos chorosos . . . . . , . 162
Ninguem 181
O sonho. 188
Queixas 217
A ausencia 221
O que é amor 242
Amor eterno . . . . . , . . 264
* Visconde da Pedra-branca
Mas não lhes diga de quem. 32
Couselho paternal 159
A flôr saudade 256

FIM